

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
COORDENÇÃO DE ENGENHARIA FLORESTAL
CÂMPUS DOIS VIZINHOS

JEAN FILIPE FAVARO

**ETNOBOTÂNICA DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS NA REGIÃO
SUDOESTE DO PARANÁ: A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

DOIS VIZINHOS

2015

JEAN FILIPE FAVARO

**ETNOBOTÂNICA DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS NA REGIÃO
SUDOESTE DO PARANÁ: A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso **II**, do Curso Superior de Engenharia Florestal da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, como requisito parcial para obtenção do título de Engenheiro Florestal.

Orientador: Prof. Dr. Joel Donazzolo

Co-orientador: Prof. Vânia Galliciano

DOIS VIZINHOS

2015

F272e Favaro, Jean Filipe
Etnobotânica dos cultos afro-brasileiros na região
sudeste do Paraná: a importância das plantas na
construção da identidade cultural / Jean Filipe Favaro –
Dois Vizinhos: [s.n.], 2015.
97f.:il.

Orientador: Joel Donazzolo
Co-orientadora: Vânia Galliciano
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curso de
Engenharia Florestal. Dois Vizinhos, 2015.
Bibliografia p.85-97

1.Etnobiologia 2.Etnobotânica 3.Cultos afro-
brasileiros 4.Umbanda- rituais I.Donazzolo, Joel, orient.
II.Galliciano,Vânia, co-orient. III.Universidade
Tecnológica Federal do Paraná – Dois Vizinhos
IV.Título

CDD: 634.9

Ficha catalográfica elaborada por Rosana Oliveira da Silva CRB: 9/1745

Biblioteca da UTFPR-Dois Vizinhos



TERMO DE APROVAÇÃO

Título: Etnobotânica dos cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná: a importância das plantas na construção da identidade cultural

por

Jean Filipe Favaro

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi apresentado em 24 de Junho de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Engenharia Florestal. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Dr. Joel Donazzolo
Orientador(a)

Prof. Dra. Nicole Vicente Rodrigues
Membro titular (UTFPR)

Prof. Dra. Daniela Cleide Azevedo de Abreu
Membro titular (UTFPR)

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso –

Dedico este trabalho como forma de inspiração a todos aqueles acadêmicos que por algum motivo se encontram limitados para efetuarem atividades que lhes possibilitem manifestar suas Verdadeiras Vontades.

AGRADECIMENTOS

O período acadêmico de graduação foi um período de adversidades, que por muito pouco não renunciei ao curso que estou por concluir. Adversidades e lutas que apenas contribuíram para meu crescimento individual, com certeza tal evolução não seria possível se não houvesse a presença de pessoas que colaboraram para sedimentar minha auto-confiança, me inspirando a persistir até o fim, além de tornarem meus dias mais felizes. A estes devo meus agradecimentos por participarem de minha existência e por terem compartilhado de suas vidas junto a minha, possibilitando uma evolução mútua, só tenho a expressar minha gratidão e satisfação por tê-los em minha memória.

Agradeço ao meu Anjo Guardião, a todas as egrégoras e guias espirituais, que independente de possuírem uma existência objetiva, ou sendo partes que integram o meu ser íntimo, essa fé sempre me serviu de fonte de inspiração para execução de qualquer tarefa. Além de me possibilitarem desenvolver um nível de consciência sempre além do que sou.

Aos meus pais Giovanni Favaro e Jacinta dos Santos Vaz, pelo apoio financeiro, por toda esperança e confiança que depositaram em minha pessoa nesta fase da vida que esta por concluir. Tenho certeza que suas orações e boas vibrações, em algum grau, também me ajudaram a chegar até aqui.

Ao meu orientador Prof. Dr. Joel Donazzolo, pelo qual tive o primeiro contato com etnobotânica, sou grato pelo incentivo e por todo aprendizado para estruturar um trabalho científico, além de todas suas contribuições para fundamentar o presente trabalho. Também agradeço a Prof. Dra. Nicole Vicente Rodrigues, Prof. Dra Natalia Hanazaki e a Mestranda Rafaela Helena Ludwinsky por todo subsídio teórico essencial para desenvolver esta pesquisa.

A minha grande amiga Larissa Regina Topanotti, que nunca recusou cooperação alguma, agradeço por toda colaboração durante a trajetória acadêmica, colaborações que inclusive contribuíram para o desfecho do presente trabalho. Gratidão por todos os momentos vivenciados, nas utopias revolucionárias, nas lágrimas e nas loucuras.

Ao meu grande amigo Clézio José Mota, que acompanha minha jornada acadêmica desde o início. Sou grato por toda parceria, confiança e também pelas críticas realistas e fundamentais para reestruturar meus alicerces intelectuais, me possibilitando persistir até o fim. Amigo de verdade não é aquele que apenas massageia o ego, mas também aquele que critica com veemência sempre quando necessário.

“Vem Caboclo, vem chegando. Vem no silêncio,
com suas ervas vem curando. Vem das matas,
Caboclo curador. Sr. Sete Flechas, foi quem
mandou.” (Cantingas de Umbanda)

RESUMO

FAVARO, Jean Filipe. **Etnobotânica dos cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná**: a importância das plantas na construção da identidade cultural. 2015. 108 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Florestal) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Dois Vizinhos, 2015.

Estudos etnobotânicos reconhecem a dinâmica natural entre seres humanos e as plantas. Pajés, xamãs, feiticeiros e bruxos são fontes valiosas de estudos etnobotânicos pelo fato de deterem um conhecimento ancestral sobre os poderes curativos das plantas e suas formas de manejo. Sacerdotes de cultos afro-brasileiros, como a Umbanda e Candomblé, possuem um cosmo místico em torno da natureza e seus elementos, assim, contribuem para a conservação do conhecimento de usos de plantas medicinais e ritualísticas. Contudo, a população nacional de adeptos de cultos afro-brasileiros está se dizimando, levando consigo muito de seus conhecimentos que não foram compreendidos e sequer registrados. Este estudo teve como objetivo realizar um estudo etnobotânico de cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná, avaliando a importância das plantas usadas nas práticas mágico-religiosas para construção da sua identidade cultural. A pesquisa foi realizada com sacerdotes da Umbanda e Candomblé nos municípios de Pato Branco, Dois Vizinhos e Espigão Alto do Iguaçu, onde foram entrevistados 13 sacerdotes, sendo nove umbandistas e quatro candomblecistas. Para encontrar informantes-chave foi utilizada a amostragem não intencional do tipo Bola de Neve. Para coletar os dados etnobotânicos de plantas utilizadas dentro do contexto religioso foram aplicados questionários socioeconômicos, entrevistas semiestruturadas, listagem livre, turnês-guiadas e coleta de material botânico. A importância relativa das etnoespécies foi calculada por intermédio do Índice de Significado Cultural e analisada a similaridade de espécies listadas entre os sacerdotes utilizando o coeficiente de Jaccard. As falas dos informantes foram codificadas, com o intento de descobrir padrões, possibilitando comparações. Foram encontradas 177 espécies vegetais distribuídas em 70 famílias botânicas. Espécies como *Ruta graveolens* L; *Petiveria alliacea* L; *Sansevieria trifasciata* Prain; *Rosmarinus officinalis* L; *Plectranthus barbatus* Andr; *Citrus sinensis* L; *Lavandula angustifolia* Mill; *Zea mays* L. e *Eugenia uniflora* L. foram as mais citadas e com maior valor de importância relativa. Plantas que aparecem idiossincráticas na listagem livre, podem ser as mais valiosas para um único informante, ou pertencer a um domínio cultural e serem amplamente reconhecidas, como foi o caso da *Milicia excelsa* Welw. e *Cola acuminata* P. Beauv. As plantas se destinam na maioria de seus usos para medicina, banhos e oferendas/feiticiarias, tais usos em conjunto com práticas de benzeduras e defumações, sedimentam práticas terapêuticas etnomédicas, onde as folhas têm maior representatividade de uso. Umbandistas alegam receber procedimentos etnomédicos a partir da instrução de espíritos, associam as plantas aos entes espirituais de acordo com aqueles que atribuem a instrução. Candomblecistas têm as plantas como fundamentais para quaisquer práticas religiosas, possuindo uma classificação dos vegetais associados aos seus Orixás de forma cautelosa e acurada. Tais formas de conhecimento são bastante conservadoras, onde é transmitido de forma vertical com laços simbólicos. Gênero, idade, tempo de iniciação e local, não foram fatores que influenciaram na descoberta de padrões na identidade cultural associada aos vegetais no grupo estudado nesta pesquisa etnobotânica pioneira com cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná.

Palavras-chave: Etnobiologia. Cultos de matriz africana. Cultura. Etnomedicina. Plantas ritualísticas

ABSTRACT

FAVARO, Jean Filipe. **Ethnobotany of African-Brazilian cults in Parana' Southwestern Region:** the importance of plants in the construction of cultural identity. 2015. 108 f. Course Conclusion Paper (Graduation in Forestry) – Federal Technological University of Paraná. Dois Vizinhos, 2015.

Ethnobotanical studies recognize the natural dynamic between humans and plants. Pajés, shamans, wizards and witches are valuable sources of ethnobotanical studies since they hold an ancestral knowledge about the healing powers of plants and their ways of management. Priests of African-Brazilian cults, such as Umbanda and Candomblé, have a mystical cosmos around nature and its elements, thus contributing to the preservation of medicinal knowledge and ritual uses of plants. However, the national population of African-Brazilian cults' adherents is decimating, and taking much of their knowledge that were not understood and even recorded. This study aimed to carry out an ethnobotanical study of African-Brazilian cults in Paraná' Southwest Region, assessing the importance of plants used in magic-religious practices for construction of their cultural identity. The survey was conducted with priests of Umbanda and Candomblé in the cities of Pato Branco, Dois Vizinhos and Espigão Alto do Iguaçu, where 13 priests were interviewed, where nine were umbandistas and four candomblecistas. To find key informants was used unintentional sampling type Snowball. To collect the ethnobotanical data of plants used within the religious context, socioeconomic questionnaires, semi-structured interviews, free listing, guided tours, and collection of botanical material were applied. The relative importance of the ethnospecies was calculated through the Cultural Significance Index and the similarity of species listed among priests was analyzed using the Jaccard coefficient. The talks of the informants were coded with the intent to discover patterns, enabling comparisons. 177 plant species distributed in 70 plant families were found. Species such as *Ruta graveolens* L; *Petiveria alliacea* L; *Sansevieria trifascata* Prain; *Rosmarinus officinalis* L; *Plectranthus barbatus* Andr; *Citrus sinensis* L; *Lavandula angustifolia* Mill; *Zea mays* L. e *Eugenia uniflora* L. were the most cited and the ones with most relative importance value. Plants that appear idiosyncratic in the free list may be the most valuable for a single informant, or belong to a cultural domain and be widely recognized, as it was the case of the *Milicia excelsa* Welw. and *Cola acuminata* P. Beauv. The plants are designed in most of its uses for medicines, baths and offerings/ witchcrafts, such uses, combined with blessings practices and fumigation, strengthen ethnomedical therapeutic practices, where the leaves are more representative of use. Umbandistas claim receiving ethnomedical procedures from the instruction spirits, and they associate plants to spiritual entities according to those who attribute the instruction. Candomblecistas have plants as essential materials to any religious practices, having a classification of plant associated with their Orishas cautiously and accurately. These forms of knowledge are very conservative, which is transmitted vertically with symbolic ties. Gender, age, and initial local and time were not factors influencing the discovery of patterns in the cultural identity associated to plants in the group studied in this ethnobotanical pioneer research with African-Brazilian cults in the Paraná' Southwest Region.

Keywords: Ethnobiology. Cults of African origin. Culture. Ethnomedicine. Ritualistic plants.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Localização geográfica dos municípios onde se concretizou as entrevistas.....	32
Figura 02- Quintais de três templos de cultos afro-brasileiros onde foram realizadas as entrevistas.....	35
Figura 03- Média de citação de etnoespécies por sacerdotes de cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná, divididos em categorias de tempo de iniciação. Categorias de tempo de iniciação divididas em informantes com 11-20 anos de iniciação e 21-40 anos de iniciação.....	47
Figura 04- Dendrograma de similaridade baseado no coeficiente de Jaccard, pelo método de aglomeração UPGMA a partir de 13 sacerdotes de cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná, de acordo com a presença e ausência das espécies botânicas listadas a partir de uma repetição (N=61) (CCC= 0,7373).....	49
Figura 05- Cabana em construção na mata para prestar culta a entidade espiritual Cabocla Jurema, em uma propriedade de um sacerdote umbandista em Espigão Alto do Iguaçu-PR.....	54
Figura 06- Distribuição de frequência absoluta de famílias botânicas (N=10) das etnoespécies citadas (N=179) de maior ocorrência em cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná.....	66
Figura 07- Plantas citadas com maiores frequências e ISC em cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná. A) <i>Ruta graveolens</i> L; B) <i>Petiveria alliacea</i> L; C) <i>Plectrandus barbatus</i> Andr; D) <i>Sansevieria trifasciata</i> Prain.....	p.68
Figura 08- Plantas idiossincráticas em citações de informantes sacerdotes de cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná. A) <i>Cola acuminata</i> P. Beauv. (obi); B) <i>Milicia excelsa</i> Welw. (iroko).....	71
Figura 09- Categorias de uso do total de citações de etnoespécies dentro da Umbanda e do Candomblé no Sudoeste do Paraná (N=402).....	73
Figura 10- Espécies mais utilizadas para atividades mágico-religiosas citadas por informantes (N=10) na Região Sudoeste Paraná.....	75
Figura 11- Porcentagem das diferentes partes das plantas empregadas dentro cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná (N=433).....	76
Figura 12- Associação de citações de plantas (N=510) com entidades espirituais (N=24) relatadas pelos informantes em templos de Umbanda e Candomblé na Região Sudoeste do Paraná.....	79

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	15
2.1 OBJETIVO GERAL	15
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
3 JUSTIFICATIVAS	16
4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	19
4.1 ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS	19
4.2 ESTUDOS QUALI-QUANTITATIVOS EM ABORDAGENS ETNOBOTÂNICAS ..	20
4.2.1 Abordagem Qualitativa.....	20
4.2.2 Técnicas Quantitativas Para Análise dos Dados.....	21
4.3 AS PLANTAS E A IDENTIDADE CULTURAL DOS ADEPTOS DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS	21
4.4 RELAÇÃO PLANTAS X RELIGIOSIDADE	22
4.5 CULTOS DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL	24
4.5.1 Sincretismo Religioso.....	24
4.5.2 Candomblé.....	25
4.5.3 Umbanda	26
4.6 PLANTAS UTILIZADAS EM CULTOS AFRO-BRASILEIROS	28
4.6.1 Plantas Utilizadas como Estimulantes Nervosos	28
4.6.2 Plantas Empregadas para Proteção Espiritual	29
4.6.3 Plantas Utilizadas para fins Fitoterápicos.....	30
4.6.4 Ambiente de cultivo das plantas em religiões afro-brasileiras	31
5 MATERIAIS E MÉTODOS	32
5.1 LOCAIS DE ESTUDO	32
5.1.1 Histórico do Local	33
5.2 COLETAS DE DADOS	34
5.2.1 Seleção dos Informantes	34
5.2.2 Perfil Socioeconômico.....	36
5.2.3 Identificação do Conhecimento Tradicional Associado ao Uso de Plantas & Inventário dos Vegetais	36
5.3 ANÁLISE DOS DADOS	37
5.3.1 Organização dos Dados e Análise Qualitativa	37
5.3.2 Comparação de Frequências Absolutas de Citações por Tempo de Iniciação	39
5.3.3 Análise de Similaridade.....	39
5.3.4 Padrão de Frequência de Citações de Plantas Entre Cultos	40
5.3.5 Alocação Subjetiva	40
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	42

6.1 PERFIL DOS TEMPLOS E DOS INFORMANTES	42
6.1.1 Perfil dos Templos	42
6.1.2 Perfil dos Informantes	43
6.2 DISTRIBUIÇÃO DO CONHECIMENTO RELIGIOSO ASSOCIADO AOS VEGETAIS 46	
6.3 INTERAÇÃO DO HOMEM COM VEGETAIS SOB O PRISMA RELIGIOSO	50
6.4 PLANTAS UTILIZADAS NOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS: UMBANDA E CANDOMBLÉ.....	54
6.5 USOS DAS PLANTAS NA UMBANDA E NO CANDOMBLÉ.....	73
6.5.1 Diferentes Formas de Usos	73
6.5.2 Partes Utilizadas das Plantas	76
6.6 ENTIDADES ESPIRITUAIS E AS PLANTAS	77
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
APENDICE A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) 98	
APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO PARA SACERDOTES DE CULTOS DE AFRO-BRASILEIROS	101
APÊNDICE C- ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA SACERDOTES DE CULTOS AFRO-BRASILEIROS	103
APÊNDICE D- LISTA DE ESPÉCIES HERBORIZADAS.....	105
APÊNDICE E- DISTÂNCIA DE SIMILARIDADE ENTRE OS 13 INFORMANTES 107	

1 INTRODUÇÃO

A Etnobiologia é tida como o estudo do conhecimento e conceitos desenvolvidos em qualquer forma de sociedade acerca da biologia (POSEY, 1987, p. 15) e pode ser dividida em diferentes áreas de conhecimentos, nas quais se encontram a etnozologia, etnobotânica, etnoecologia e etnoentomologia, por exemplo (HAVERROTH, 1997, p. 6).

Segundo Silva (2010, p.1) etnobotânica se define como o estudo das aplicações e usos tradicionais dos vegetais pelo homem, consistindo num estudo da diversidade de disciplinas, envolvendo profissionais como botânicos (que se aplicam à identificação de espécies vegetais utilizadas por uma variedade de etnias) e antropólogos (tratando do estudo de origem, estrutura da sociedade e etnia das populações humanas). Estudos etnobotânicos reconhecem a dinâmica natural-evolutiva entre os seres humanos e as plantas (ALEXIADES, 1996, p.11).

Estudos etnobotânicos e etnoecológicos possuem o intento de obter informações a respeito das plantas utilizadas por determinada população de certa região geográfica e sobre o conhecimento tradicional associado a estes vegetais, incluindo as formas de manejo aplicadas (ALBUQUERQUE et al. 2006, p. 52). Há diferentes caracterizações de conhecimento tradicional, pelo fato de ser um conceito relativamente novo, ainda em construção. Segundo Diegues et al. (1999, p. 30), o conhecimento tradicional é definido como um conjunto de conhecimentos de sabedorias e ações a respeito do mundo natural e sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração. Segundo Eyin (2002, p.103) tradição é tida como a prática, é o conhecimento resultante da transmissão oral de hábitos já arraigados, antigos e profundamente radicados.

As técnicas etnobotânicas mais utilizadas têm como base o consenso dos informantes no grau de uso do recurso vegetal (ALBUQUERQUE et al. 2006, p. 52). Os conhecimentos levantados do consenso dos informantes podem ser, em maior ou menor grau, equivalentes ao conhecimento reconhecido pelo meio acadêmico (ALVES; ALBUQUERQUE, 2005, p. 15). O procedimento etnobotânico deve ser visto como um procedimento científico, buscando descrever e analisar esses discursos e conhecimentos, estruturando comparações e articulações com o saber praticado e aceito nos meios acadêmicos (ALVES, ALBUQUERQUE, 2005, p. 14).

Pajés, xamãs¹, feiticeiros e bruxos detém um conhecimento ancestral sobre os poderes curativos das plantas e suas formas de manejo (GOMES et al. 2011, p.111). Por conta deste fato, estes sujeitos são fontes valiosas para realização de estudos etnobotânicos (SILVA; FRANÇA, 2007, p.1). No Brasil, o uso de plantas medicinais e em rituais é bastante comum. A grande influência da cultura indígena nativa sincretizada às tradições de matriz africana, provenientes de três séculos de tráfico escravo, e da cultura européia, trazida por colonizadores, colaborou para conservação destas práticas em dias atuais (ALMEIDA, 2011, p.41). A miscigenação de elementos religiosos católicos, africanos e europeus em diversos graus originou a pajelança cabocla², que se diferencia da pajelança indígena em suas práticas tradicionais, com suas peculiaridades (ALBUQUERQUE; FARO, 2012, p. 54,59).

Segundo Martins et al. (2000, p.18) a fitoterapia de certos grupos indígenas é baseada em misticismo, onde o sacerdote pode se valer de plantas alucinógenas para sonhar com a entidade espiritual que revela a erva e o procedimento para curar o enfermo, ou também, pela observação de animais que procuram determinadas ervas quando estão doentes. No entanto, com o processo de urbanização e industrialização, houve um declínio no conhecimento e uso tradicional das plantas (MARTINS, 2000, p.15), que revela a importância de sistematizar e registrar esses conhecimentos por ora ainda dispersos na sociedade.

Comumente para estudar as plantas utilizadas em rituais de cultos afro-brasileiros³, e para que o estudo do valor das plantas seja acrescentado a outros elementos que compõem os ritos, como por exemplo, a música, danças, banquetes e rezas, há sugestão da pesquisa orientar-se por dois caminhos: 1) Investigando o conhecimento do valor simbólico dos vegetais dentro do contexto geral da religião de influência africana-indígena em estudo, onde as plantas desempenhem funções específicas; 2) E também averiguar se há um caráter farmacobotânico nas plantas, por conta dos princípios ativos (CAMARGO, 1998, p.1).

¹ Sacerdotes praticantes de atividades etnomédicas, mágicas e religiosas, envolvendo cura, transe e contato direto com espíritos (PRIBERIAN, 2015, p1).

² Conjunto de práticas mágico-religiosas de origem xamanística, envolvendo cura e transe, sincretizadas pelo contato do homem europeu com o indígena e africano (XAMANISMO, 2015, p.1).

³ Cultos afro-brasileiros em geral contém elementos da cultura africana, indígena e europeia em maior ou menor grau (ver Sincretismo Religioso p. 20).

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O presente trabalho de conclusão de curso teve por objetivo realizar um estudo etnobotânico de cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná, avaliando a importância das plantas usadas nas práticas mágico-religiosas para construção da sua identidade cultural.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Este trabalho teve ainda por objetivos específicos:

- a) Traçar um perfil dos templos e sacerdotes dos cultos afro-brasileiros;
- b) Identificar, reconhecer e sistematizar o conhecimento tradicional associado ao uso de plantas por sacerdotes dos cultos afro-brasileiros;
- c) Analisar como o simbolismo do uso espiritual das plantas pode influenciar os sacerdotes dos cultos afro-brasileiros;
- d) Classificar e comparar o uso de plantas nos diferentes grupos de informantes;
- e) Produzir um herbário com os espécimes coletados;

3 JUSTIFICATIVAS

As relações do homem com o ambiente físico não podem ser determinadas apenas por sistemas mecânicos de causa e efeito, pois esta relação também é configurada por sistemas simbólicos fruto destas relações: línguas, crenças, conhecimentos, organização social e padrões éticos são exemplos disso. A “cultura” se trata de uma organização dos diversos sistemas simbólicos de uma sociedade, muitas vezes de natureza sub- e inconsciente, onde qualquer cultura humana é constituída de um viés de estudo válido e não há parâmetros mais ou menos positivos quanto há diversidade cultural do *Homo sapiens* (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008, p.73-74).

Não é de interesse que conhecimentos etnobotânicos sirvam apenas para listar plantas com o fim de estudar seus fins terapêuticos em laboratório, mas objetiva-se também fazer com que sejam elucidados elementos materiais e simbólicos inerentes das práticas e crenças locais (SILVA; FRANÇA, 2007, p.8). Também é de suma importância que religiões afro-brasileiras se baseiem em conhecimentos práticos da Taxonomia Vegetal (ciência que estuda o reconhecimento, classificação e identificação de plantas), com o objetivo de orientar de melhor forma os seus adeptos a respeito da existência de espécies vegetais fundamentais para preservar integralmente seu grupo sócio-cultural (SILVA, 1988, p.14), já que o conhecimento etnobotânico é algo próprio de determinada cultura ou sociedade (OLIVEIRA et al. 2009, p. 591).

Cultos afro-brasileiros são constituídos de elementos como a devoção de entidades intercessoras, mediação da alimentação ritual e associação dos deuses com cada elemento da natureza (HISTÓRIA VIVA, 2001, p.17). Segundo crenças de matriz africana, a entidade que rege as plantas em geral, é o Orixá⁴ Ossaim. Desde os primórdios dos cultos africanos, adeptos afirmam “cosi ewé, cosi orisà”, isto é, “se não há folha, não há santo”, ou seja, as plantas fornecem subsídios para a existência desta prática cultural (CAMARGO, 1988, p.2). Assim, é indispensável um estudo etnobotânico para compreender e interpretar a função dos vegetais nos rituais e no cotidiano desta parcela de cidadãos que compõem nossa sociedade, já que sistemas de conhecimentos tradicionais estão em declínio e correm o risco de serem perdidos (BERKES; FOLKE; GADGIL, 1995, p.299).

⁴ Orixás são Divindades de origem africana, associados aos elementos da natureza (EYIN, 2002).

Organizações sociais detentoras de um conhecimento tradicional e ancestral, como cultos afro-brasileiros, por exemplo, compreendem o mundo com crenças, tabus e mitos, construindo um cosmo que é parte real e parte imaginário. Esta característica é valiosa para o desenvolvimento de uma consciência ecológica de conservação da natureza e seus recursos, pois conexões entre o social e ambiental são intrínsecas e não há separação entre o sagrado e a natureza, estabelecendo assim uma dimensão moral em torno da mesma (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008, p. 79-80). Eyin (2002, p. 77) esclarece a questão afirmando: “No folclore brasileiro não faltam histórias que, no fundo, prestam um grande serviço à ecologia e à educação, uma vez que constituem lições de moralidade e civismo, como todos os contos infantis que ensinam crianças a respeitar e preservar a natureza”. Plantas aparecem com funções de mais alta importância dentro de cultos afro-brasileiros, nas mais diversas situações ritualísticas (CAMARGO, 1990, p. 93). Portanto, não deve-se desprezar informações que a princípio parecem impróprias ou sem lógica, pois nelas podem conter bases de real valor para uma pesquisa de caráter etnográfico (CAMARGO, 1999, p. 22).

Devido ao crescimento exponencial de grupos que se opõem às práticas mágico-religiosas de origens xamânicas, que ocorre tanto por divergências teológicas, quanto por questões raciais históricas ainda enraizadas em alguns âmbitos do pensamento coletivo da sociedade, a religiosidade afro-brasileira está dizimando aos poucos, levando consigo seus conhecimentos tradicionais e ancestrais, ainda sequer devidamente registrados e muito menos compreendidos. Em 1980 adeptos de religiões afro-brasileiras eram representados por 0,6% da população brasileira. Em 1991 essa representatividade caiu para 0,4 % (PRANDI, 2004, 226). Em 2011 os praticantes destes cultos contavam com 0,35 % da população nacional (TERRA, 2011, p.1).

Diante desta problemática, os estudos etnobotânicos da cultura religiosa afro-brasileira são importantes e imprescindíveis. Primeiro por fornecer subsídios para compreender a influência e importância das plantas em diversos níveis da vida das pessoas quanto ao comportamento humano individual e coletivo por conta do valor simbólico sagrado dos vegetais. Segundo, por possibilitar o registro deste conhecimento e assim, enriquecer informações de caráter taxonômico, terapêutico e social destas tradições que contribuíram muito para a construção do patrimônio cultural brasileiro. Ademais, ajudarão a promover a cidadania, rompendo as barreiras do preconceito racial e religioso, além de levantar elementos que possibilitam contribuir com a conservação da natureza.

Neste particular, também é pertinente a produção de um herbário com amostras dos espécimes mais utilizados nestas práticas mágico-religiosas. Esses herbários são importantes para a correta identificação e consequente uso dessas plantas, bem como para servir de base a

estudos futuros, de modo a contribuir com a preservação da identidade cultural dos grupos socioculturais de matriz africana e assim, contribuir com a conservação e valorização do patrimônio cultural do Brasil.

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

4.1 ESTUDOS ETNOBOTÂNICOS

Etnobotânica é tida como a disciplina que se ocupa do estudo de conhecer conceitos e relações de qualquer sociedade sobre o mundo vegetal. Tal estudo abrange tanto a maneira como um grupo sociocultural classifica as plantas, como os usos que se atribuem a elas (AMOROZO, 1996, p. 47), reconhecendo a dinâmica natural entre os seres humanos e os vegetais (SOUZA; SANTOS; NASCIMENTO, 2013, p. 1). O conhecimento ecológico e botânico local das populações tradicionais também pode estar ligado de forma direta com o manejo e conservação do ambiente como propõe estudos etnográficos (BARROSO; REIS, HANAZAKI, 2010, p.1).

Etnobotânica é uma disciplina científica, bastante nova. Esta ciência tem sido bastante praticada por cientistas que a valorizam e reconhecem, considerando-a de grande importância no desenvolvimento das sociedades. Ela é antiga em sua prática, como mostra a história, porém é uma ciência jovem em teoria (OLIVEIRA et al. 2009, p. 591).

O homem, consciente das oportunidades de adaptação ao meio em que habita, também é sensível à organização espacial e distribuição natural dos recursos que possam conceder finalidade prática e/ou ritual à sua cultura, constrói desta maneira relações simbólicas de uso para os ambientes, estabelecendo diversas funções para cada grupo de recursos naturais em contextos de localizações geográficas diferentes (PORTO; SILVA, 2012). A forma de como as pessoas aplicam plantas em suas tradições culturais, religiões e cosmologias, revelam fatos sobre a forma de vida das suas próprias populações (GANDOLFO, 2010, p. 5).

O uso de plantas em diferentes culturas encontra-se muitas vezes associado a diversos níveis de componentes mágico-religiosos, geralmente em questões éticas que englobam os acessos do conhecimento tradicional relacionadas a tais práticas (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006, p. 680). Interação com a forma de pensar das sociedades modernas, não afetam na descaracterização das atribuições espirituais, ritualísticas, cosmológicas dos grupos ainda existentes estudados em estudos etnobotânicos, apesar de estarem sujeitas a alterações (PORSCH, 2011, p.14).

Uma abordagem etnodirigida relacionada aos vegetais consiste na coleta de dados de acordo com a indicação de grupos populacionais específicos em determinados contextos de uso.

Estudos com métodos etnodirigidos tem se mostrado superiores que estudos com métodos aleatórios (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006, p. 679). Por exemplo, bioensaios comprovam a atividade biológica de plantas sugeridas por curandeiros em 74 % das vezes. Em outros testes amostras de plantas oriundas da sugestão de um curandeiro de uma vila em Belize, na América Central, apresentaram-se quatro vezes mais eficientes que a triagem realizada com métodos aleatórios (BALICK; COX, 1996, p.15-20).

4.2 ESTUDOS QUALI-QUANTITATIVOS EM ABORDAGENS ETNOBOTÂNICAS

4.2.1 Abordagem Qualitativa

Para estudar a relação humanos-ambiente há necessidade de conhecimentos mais sistematizados sobre a cultura e a organização social do grupo em questão. Em estudos etnobotânicos o objetivo é entender diferentes dimensões das comunidades humanas com o ambiente vegetal, assim como os processos que levam a uma mudança nesta interação ao longo do tempo. Desta maneira é indispensável uma abordagem cultural (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008 p. 79-81).

A pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser sintetizados à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p.21-22). É uma perspectiva de pesquisa que possui uma postura intelectual, levando em conta a visão dos grupos estudados, destacando o sentido e significado que esses grupos atribuem aos objetos, às situações, aos símbolos que os cercam, a partir dos quais os atores constroem seu mundo social (FRANÇA, 2003, p.81).

Esta forma de pesquisa muitas vezes possui o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, sendo os dados coletados descritivos em sua maioria. O processo contém uma importância maior que o produto, atribuições que as pessoas fornecem às coisas e à sua vida devem possuir uma maior atenção do pesquisador. Ao analisar os dados qualitativos, estes tendem a seguir um processo indutivo (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p.2).

4.2.2 Técnicas Quantitativas Para Análise dos Dados

Em pesquisas etnobotânicas há complementaridade de técnicas qualitativas e quantitativas (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008 p. 43). Segundo Albuquerque & Hanazaki (2006, p. 682), há uma tendência cada vez maior de utilizar técnicas quantitativas e análises estatísticas em estudos etnodirigidos. A interpretação das variáveis e os métodos de abordagem são qualitativos, porém para aprofundar a complexidade das questões levantadas se utilizarão métodos quantitativos mediante obtenção de índices e separação em categorias de informantes ou dos objetos pesquisados.

4.3 AS PLANTAS E A IDENTIDADE CULTURAL DOS ADEPTOS DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS

Ao longo dos processos que formam as civilizações, os conceitos de identidade cultural sofrem mudanças. Atualmente, com o advento da globalização, o sujeito pós-moderno não possui uma identidade estática, estando vulnerável a formações e transformações constantes, relacionado às maneiras em que lhe é condicionado os sistemas culturais. O ambiente social onde o indivíduo se insere, é responsável por formar uma identidade, uma comunidade simbólica em uma estrutura de representação cultural (MIRANDA, 2000, p. 82).

No Brasil estas identidades estão intrínsecas em nossa linguagem e sistemas culturais, distantes de serem homogêneas, sendo influenciadas por divergências étnicas, desigualdades sociais e regionais, por diferentes evoluções históricas. Desta maneira, o brasileiro é tido como um “híbrido cultural” (MIRANDA, 2000, p. 82).

Cientistas sociais do século XIX não tinham bons olhares para a cultura presente no Brasil naquela época, pelo fato do país apresentar uma heterogeneidade cultural bastante ampla, oriunda de costumes indígenas, africanos e europeus. Concebiam essa miscigenação como um atraso ao país para chegar ao esplendor da civilização europeia, pelo fato deste conjunto de costumes heterogêneos não ser harmonioso. O racismo estava bastante presente em estudos de autores do século XIX, tais como Sylvio Romero, Euclides da Cunha e Raymundo Nina Rodrigues. Religiões chamadas comumente de candomblés foram uma manifestação para a defesa cultural dos africanos e seus descendentes (QUEIROZ, 1989, p.20).

A identidade cultural é a soma de significados e símbolos que formam a vida de um indivíduo ou de um povo (MIRANDA, 2000, p.83). Os povos africanos presentes no Brasil, em seus cultos possuem deuses que são interpretações de forças cósmicas, sociais e individuais. Estes cultos foram estranhos aos cientistas sociais do século XIX, pelas suas formas de pensar e agir, sendo a moral vigente entre adeptos de tais cultos, totalmente diferente dos conceitos europeus de moralidade. Deuses africanos são amorais aos olhos do europeu cristão, ou seja, independentes da dicotomia “bem VS mal”, possuindo apenas um comportamento de acordo com o tratamento que recebem de seus fiéis, isentos das noções vigentes de “pecado”, segundo o que acreditam os iniciados. Por intermédio destes cultos que os africanos e seus descendentes preservaram a identidade cultural adquirida de suas tradições ancestrais, onde suas divindades exteriorizam características individuais e coletivas dos povos que os cultuam (QUEIROZ, 1989, p.20).

Ervas e outras plantas são associadas a deuses em cultos de raízes antigas, tais como os africanos e indígenas em geral, possuindo uma importância fundamental na formação de mitos e rituais (CROW, 1980, p.53). Sem a existência das plantas em cultos afro-brasileiros certamente tais cultos não existiriam, estando presentes em banhos de descarrego, bebidas, comidas rituais, remédios, incensos, cachimbos, charutos e cigarros, além de possuírem parte com os Orixás, que segundo a crença, determinam a função e poderes mágicos dos vegetais. Segundo os preceitos religiosos, os poderes das plantas não são por intermédio de suas composições químicas, mas sim pelos poderes atribuídos pelas divindades (CAMARGO, 1999, p. 22).

Nas religiões afro-brasileiras o uso dos vegetais fornece subsídios para existência de práticas mágico-religiosas presentes nestas tradições religiosas, a prática destas religiões entre afrodescendentes preservaram o patrimônio e a identidade cultural dos mesmos (PRANDI, 2004, 223). Tal identidade cultural possui como origem a dependência que os ancestrais das tribos africanas continham com as plantas e com os ciclos da natureza (MONTELES; PINHEIRO, 2007, p. 2).

4.4 RELAÇÃO PLANTAS X RELIGIOSIDADE

Trabalhos mágico-religiosos envolvendo elementos vegetais são tão antigos quanto a própria humanidade. Desde os sumérios, os acadianos, os caldeus, os hititas, os egípcios, os

hindus, até gregos e romanos, desde os polinésios até os africanos até astecas e incas, sempre recorriam e até hoje alguns recorrem às oferendas de cunho mágico-religioso utilizando plantas (SARACENI, 2012, p. 57).

Nos cultos primitivos oriundos do xamanismo, as formas de rituais se baseavam em oferendas, cantos, danças e festividades às forças da natureza. As divindades nas mais diversas sociedades arcaicas, eram tidas como o Sol, que germinava as sementes, eram a terra, que alimentava e dava a vida as sementes, eram a chuva, que fazia crescer as plantações e não deixava ninguém passar sede. Árvores que davam bons frutos eram respeitadas, e outras eram objetos de culto. Em consequência disso, a natureza era sagrada para estes povos simples que encontravam suas divindades em todos os lugares e toda manifestação da natureza era tida como divina (SARACENI, 2013, p. 214-215).

Na antiguidade diversas plantas eram tidas como deuses e deusas, espíritos e magos. Segundo as crenças estes seres habitavam dentro de árvores e sussurravam a partir das flores. Os antigos, em especial os celtas-druidas, acreditavam ter descoberto as forças presentes nas plantas, desta maneira as utilizavam buscando melhorar suas vidas (URBANO JÚNIOR, 2011, p. 402).

Religiões xamânicas, de pajelança e curandeirismo, há milhares de anos recorrem a diversas plantas para que os sacerdotes entrem em estado alterado de consciência, atuando em benefício das comunidades, utilizando-as para curar inúmeras doenças. Estes cultos, que são mediúnicos (sacerdotes incorporam espíritos comunicantes), possuem todo um formulário mágico terapêutico ao qual recorrem para “descarregar” ou “curar” pessoas necessitadas. Nestes cultos as plantas exercem fundamentos religiosos e mágicos de grande importância para práticas e iniciações, assim como para suas oferendas à natureza, onde residem os Deuses (SARACENI, 2012, p. 24).

Estas práticas são o resultado da forte influência que o meio natural estabeleceu sobre os modos de vida e culturas diferenciadas, ainda ocorrendo com bastante visibilidade em comunidades tradicionais. Os hábitos diretamente ligados aos ciclos naturais, sendo a forma como interpretam a realidade e a natureza baseada em valores, símbolos e mitos. A relação simbiótica entre o homem e natureza nas representações simbólicas do ambiente abriu possibilidades para que as sociedades acumulassem um abrangente conhecimento sobre recursos naturais presentes em seu ambiente (MONTELES; PINHEIRO, 2007, p. 2).

O médico feiticeiro indígena pode revelar interessantes descobertas sobre o mundo vegetal. Pajés e xamãs possuem o conhecimento dos efeitos das plantas, acreditando que as

plantas mágicas poderiam realizar desde curas até o contato com o sobrenatural (SANGIRARDI, 2014, p.1).

Diversos elementos vegetais utilizados em sessões de cura ou como narcóticos para induzir estados alterados de consciência, sempre envoltos de mistério atraíram atenção de farmacêuticos e pesquisadores botânicos de diversas especialidades, desta maneira o uso tradicional de plantas de cunho religioso fornecendo subsídios para facilitar as pesquisas de cunho científico (SILVA; ANDRADE, 2001).

4.5 CULTOS DE MATRIZ AFRICANA NO BRASIL

4.5.1 Sincretismo Religioso

A origem da palavra sincretismo vem do grego, significando a união de diversas cidades de Creta contra adversários estrangeiros. Depois passou a significar conciliação, aproximação de diversas seitas que tentaram unificar em uma doutrina um conjunto de crenças divergentes (BENISTE, 2010, p.40). O sincretismo religioso é bastante evidente no Brasil, decorrente de sua própria história, pelo fato do território brasileiro possuir a presença de comunidades das mais diversas procedências, desde colonizadores europeus até de povos de nações africanas e culturas indígenas já aqui presentes (FERRETTI, 2001, p.3).

Na história religiosa brasileira houve uma interpenetração de crenças e ritos das práticas dos segmentos populares e étnicos dos que conviviam na colônia. A partir disto ocorreu o que é conhecido por sincretismo. O sincretismo ocorreu principalmente entre as crenças e rituais católicos, africanos, indígenas e espíritas (ANDRADE, 2009, p. 108).

Os grupos sociais envolvidos nas tentativas de evangelização (negros e índios) com projetos salvacionistas assimilaram o catolicismo ao seu modo, com crenças e ritos particulares, assim com o colono português quinhentista com suas crenças antigas nos deuses pagãos, abrindo margem para o surgimento de novos cultos (ANDRADE, 2009, p.108).

A pajelança cabocla é constituída, assim, como um conjunto de credices e práticas xamanísticas possuindo em diversos níveis elementos das religiões indígenas, católicas e africanas (ALBUQUERQUE; FARO, 2012, p. 1). A partir desta miscigenação surgiram cultos

como o candomblé, umbanda, quimbanda e catimbó. Todos com elementos da pajelança cabocla em maior ou menor grau (GOMES; DANTAS; CATÃO, 2008, p.113).

Cultos africanos sobreviveram no Brasil graças ao sincretismo religioso católico, pois a assimilação Santo-Orixá encobriu a verdadeira devoção aos Orixás, já que os negros escravos eram proibidos de praticar a religião de sua terra natal. Alguns procedimentos eram aparentemente para aceitação católica, como forma de resistência e preservação de suas raízes, dando origem as diversas modalidades de candomblés (BENISTE, 2010, p.23). Além da incorporação de alguns elementos católicos dentro do culto dos Orixás, também houve elementos oriundos das religiões indígenas e caboclas, como por exemplo, o uso da farinha de mandioca nas oferendas, sendo o principal ingrediente nas comidas de Exu (EIYN, 2002, p. 33-51).

Cultos de matriz africana do Brasil se originaram sob três aspectos de sincretismo: 1) Sincretismo regional na África por conta de guerras e migrações; 2) Sincretismo nacional entre as etnias negras já presentes no Brasil; 3) Sincretismo das religiões afro-indígenas-católicas e espírita (BENISTE, 2010, p. 25).

A miscigenação cultural não teve somente como consequência o sincretismo religioso, mas também houve influência em costumes, músicas e na culinária (FLEURY, 2000, p. 19), aspectos culturais que estão intrínsecos nas crenças afro-brasileiras (HISTÓRIA VIVA, 2001 p.17). Apesar de toda diversidade de religiões afro-brasileiras presentes no país, os cultos sincréticos hoje mais conhecidos popularmente são a umbanda e o candomblé, ambos com suas ramificações, sendo confundidos com outros, por conta de suas semelhanças (SILVA, 2005, p. 11).

4.5.2 Candomblé

Antes de se chamar Candomblé, os cultos aos Orixás eram chamados de Calundu, contendo em suas práticas danças coletivas, invocação de deuses e espíritos, cantos acompanhados de instrumentos de percussão, sessão de possessão, adivinhação e cura mágica. Estas formas de culto aos Orixás foram antecessoras às casas de Candomblé do séc. XIX (SILVA, 2005, p. 43).

Hoje em dia, apesar de cultos afro-brasileiros tradicionais como o Batuque, Xangô, Tambor-de-Mina e Candomblé possuírem algumas divergências em suas liturgias, segundo

alguns pesquisadores todos eles são classificados com o nome de Candomblé (PRANDI, 2004, p. 227).

As religiões de matriz africana no Brasil tem origem nagô-yorubá, devido à maioria dos escravos prisioneiros capturados serem de guerras realizadas por nações como Dahomé contra os reinados de Kétu e Savé. As divindades trazidas eram ligadas às tradições das tribos e aos heróis de suas culturas. Os negros de diversas regiões agruparam suas tradições em um só local, surgindo desta maneira os primeiros vestígios do que é conhecido hoje como Candomblé (BENISTE, 2010, p.20).

O Candomblé tem suas bases nos cultos aos Orixás, sendo deuses que representam as forças da natureza. Cada Orixá possui seus animais, cores, plantas, toques e símbolos. Segundo a crença, cada pessoa é filha de dois Orixás, sendo um o pai ou mãe de cabeça e outro chamado de adjunto. A forma de entrar em contato com estes Deuses é por meio de rituais, onde o iniciado cumpre suas obrigações, acreditando receber favores em troca disso (OXALÁ, 2014, p.6).

Quanto aos Deuses do panteão yorubano, que são associados aos vegetais, Ossaim é a divindade que rege o poder e o encanto das ervas, lhe atribuem o conhecimento da manipulação herbal para produzir curas e feitiços. Oxóssi é o regente da dinâmica das matas e seu filho Logun Edé é uma representação dupla das matas e dos rios (BENISTE, 2010, p.110-113).

O Candomblé de Caboclo é uma variação da modalidade Candomblé de Angola, onde Deuses e entidades indígenas assumiram papel central, assumindo a mesma importância que os Orixás. Este culto forneceu subsídios para o surgimento posterior da Umbanda (GOMES; DANTAS; CATÃO, 2008, p.113).

4.5.3 Umbanda

A primitiva macumba⁵ era uma miscigenação de elementos da Cabula⁶, Candomblé, tradições indígenas e o catolicismo popular. A partir deste conjunto heterogêneo surge a Umbanda, com o encontro de representantes da classe mais pobre, com representantes da classe

⁵ Miscelânea de manifestações religiosas de matriz africana sem conter um fundamento bem estruturado. Também é conhecido como macumba um instrumento musical de percussão utilizado em rituais afro-brasileiros (OLIVEIRA, 2009, P.63).

⁶ Religião sincrética que passou a ser conhecida no final do século XIX com o fim da escravidão, com caráter secreto e fundo religioso (COSTA, 2013, p.75).

média adeptos do Espiritismo Kardecista (OLIVEIRA, 2008, p.76). A Umbanda foi fundamentada e organizada pelo médium Zélio Fernandinho de Moraes em 1908, afirmando estar sob o direcionamento de uma entidade espiritual chamada Caboclo das Sete Encruzilhadas. Manifestações religiosas com as formas ritualísticas da Umbanda já existiam anteriormente com outros nomes, mas Zélio Fernandinho de Moraes foi o primeiro a sistematizá-la como religião (UMBANDA, 2014, p.1).

Zélio Fernandinho de Moraes participava de um centro Espírita Kardecista, onde segundo os registros, entidades espirituais que se manifestavam como escravos negros ou índios e caboclos eram convidados a se retirar, pois eram tidos como atrasados culturalmente, moralmente e espiritualmente. Em uma dessas reuniões houve a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas com um discurso a favor dessas entidades e contra a discriminação e o racismo, fundando assim a Umbanda (ROHDE, 2009, p.80), cujo lema seria “a manifestação do espírito para a prática da caridade” (SARACENI, 2013, p.20).

Por meio da criação de federações que foi institucionalizada a religião de Umbanda, sendo um reflexo do processo do qual passava a sociedade brasileira, centrada na manifestação de espíritos originais das três principais etnias presentes no Brasil, os negros, índios e europeus (OLIVEIRA, 2008, p. 109). Os arquétipos das entidades manifestadas neste culto abrangem os principais grupos sociais marginalizados pela sociedade da época, os quais são negros escravos, índios, caboclos, baianos e ciganos (HISTÓRIA VIVA, 2001, p. 17).

No culto umbandista também há o culto aos Orixás, entendidos como vibrações da natureza e manifestações diferentes de um mesmo Deus chamado “Olurum”, vibrações nas quais se manifestam as entidades espirituais regidas por eles. É um culto mediúnico, onde há incorporação dos guias espirituais pelos médiuns, que darão consultas e passes aos consulentes. O uso de elementos vegetais e seus produtos, para banhos, defumações, oferendas é bastante comum, na qual é presente a prática da pajelança cabocla (SARACENI, 2013, p.25).

Na Umbanda o Orixá que rege os vegetais é Oxóssi, ele representa a vibração das florestas. Ossaim não é cultuado na Umbanda, pois Oxóssi substitui sua representação, Ossaim é visto como uma face diferente deste mesmo Orixá. No sincretismo católico muito intenso em templos umbandistas, Oxóssi é sincretizado com o santo São Sebastião. As entidades que se apresentam como caboclos estão sob a regência deste Orixá, ditos como conhecedores dos mistérios e segredos desta força da natureza (PERY, 2008, p.30).

Há variadas ramificações da Umbanda, conhecidas como, “Umbanda Branca”, “Umbanda Traçada”, “Umbanda Esotérica”, “Umbandomblé”, “Umbanda Popular”, dentre outras manifestações (PERY, 2008, p.9). Pelo fato de ser uma religião heterogênea, também há

diversos outros cultos de pajelança que utilizam elementos semelhantes aos utilizados na Umbanda, tais como o Catimbó, Jurema, Santo Daime e Umbandaime, todos com fortes reverências e respeito à natureza (GOMES, 2014, p.1).

4.6 PLANTAS UTILIZADAS EM CULTOS AFRO-BRASILEIROS

Os praticantes de cultos afro-brasileiros acreditam que todas as plantas possuem princípios mágicos que podem ser ativados ritualisticamente, realizando desta maneira mudanças em suas vidas e nas vidas das pessoas. Plantas são tidas como higienizadoras dos espíritos das pessoas, descarregadoras de energias negativas, regeneradoras do corpo plasmático e fortalecedoras. O princípio mágico do vegetal esta distribuído por toda a planta, sendo algumas ótimas para curar, outras ótimas para diluir miasmas e larvas astrais. Algumas podem ter determinada parte mais utilizada que outra, dependendo do objetivo do ritual (SARACENI, 2012, p. 25).

O uso de determinada folha, por exemplo, pode variar de acordo com a nação⁷ de Candomblé que o terreiro pertencer. Na Bahia uma folha associada ao Orixá Ogum, no Rio de Janeiro pertencerá a este mesmo Orixá, se pertencer à mesma nação, mas pode ser associada a outro Orixá, se a nação de Candomblé for diferente. Sendo que cada Orixá é sincronizado com determinada planta, dependendo da tradição religiosa da nação, as plantas devem ter horários apropriados para serem colhidas, para coleta a fins rituais devem-se dividir os horários de acordo com o Orixá regente do mesmo (GOMES; DANTAS; CATÃO, 2008, p. 114- 116).

4.6.1 Plantas Utilizadas como Estimulantes Nervosos

Desde as antiguidades, tanto na Europa quanto nas Américas, bruxos, xamãs e feiticeiros utilizam alguns tipos especiais de plantas para “saírem de seus corpos”, pratica que

⁷ Palavra é utilizada no candomblé para diferenciar seus segmentos, caracterizados pelo dialeto utilizado nos rituais, o som dos atabaques e a liturgia. Nação também indica a procedência dos escravos que lhe deram origem no Brasil e dos Orixás por eles cultuados (MATORY, 1999, p.58).

ficou conhecida popularmente como o “voo da bruxa” (CROW, 1980, p.47). Castañeda (1990, p. 9) relata o uso destas plantas, por bruxos mexicanos. Por exemplo, a Trombeteira-do-Diabo (*Datura inoxia* syn. *D. meteloides*) que segundo relatos, leva à pessoa que a ingere a ter alucinações. No Candomblé também existe a utilização da Trombeteira (*Datura suaveolens* Humboldt & Bonpland ex Willdenow), que pertence a Orixá Iansã, Orixá dos ventos. O uso se dá com as folhas fervidas e raladas, sendo parte ingerida e parte utilizada em banhos de limpeza. Segundo adeptos o efeito é “levar as pessoas às alturas dos ventos” (CAMARGO, 2011, p. 24).

As religiões de matriz africana e indígena conhecidas como Jurema e Catimbó juremeiro, possuem como base de culto o consumo do vinho da Jurema, que produz estados alterados de consciência, e também o uso da madeira da Jurema, da qual é produzido um altar para os mestres espirituais do culto, e também uma banquetta onde o Mestre incorporado no médium irá se sentar. São três as espécies de Jurema utilizadas em cultos afro-indígenas, a Jurema Preta (*Mimosa verrucosa* Benth.), a Jurema mansa (*Mimosa tenuiflora* Willd.), pertencentes à família Fabaceae e a Jurema Branca (*Vitex agnus-castus* L.), pertencente à família Verbenaceae (SILVA; SANTOS; ALMEIDA, 2010, p.1-8). A *Mimosa tenuiflora* também é utilizada em rituais do Candomblé de Caboclo (NOVAIS, 2006, p. 41).

Outros exemplos de produtos de vegetais aplicados para produzir estados alterados de consciência dentro dos cultos de influência africana e indígena, estão incluídas a Ayahuasca, bebida preparada a base de *Banisteiopsis caapi* com *Psychotria viridis* (um cipó e uma folha oriundos da região amazônica), utilizadas de modo devidamente preparado para percepção do mundo espiritual. Outro exemplo, são os frutos da *Cola acuminata* R. Br. da família Sterculiaceae, nativa da África, misturada em óleo de Babaçu (*Orbignia oleífera* Burret.) que pertence a família Arecaceae (CAMARGO, 1999, p. 23).

As plantas citadas acima, como as Juremas e a *Cola acuminata* além de terem uso para induzir estados alterados de consciência, também são bastante utilizada por possuírem propriedades terapêuticas para curas de enfermidades (NOVAIS, 2006, p. 36-60).

4.6.2 Plantas Empregadas para Proteção Espiritual

Para esta prática é comum o uso do banho de descarga ou da defumação para descarregar os fluidos negativos de uma pessoa. O emprego das plantas varia de acordo com os

fluidos pesados que o indivíduo demonstrar, também de acordo com os orixás que a pessoa vibra em seu ori (cabeça) (GOMES; DANTA; CATÃO, 2008, p.116).

Dentre as plantas utilizadas para proteção e limpezas energéticas, é comum o uso da Arruda (*Ruta graveolens* L.), da família Rutaceae, que também foi bastante utilizada também pelos antigos celtas (URBANO JÚNIOR, 2011, p.403); a Espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata* Hort. Ex Prain) da família Dracaenaceae; o Tabaco (*Nicotiana tabacum* L.) da família Solanaceae; Comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena* Hort. Ex Gentil) pertencente a família Araceae; Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), da família Lamiaceae; Alfazema (*Lavandula officinalis* Chaix.), família Lamiaceae e o guiné (*Petiveria amboinicus*) pertencente a família Phytolaccaceae (NOVAIS, 2006, p. 34-60).

4.6.3 Plantas Utilizadas para fins Fitoterápicos

Desde a antiguidade é conhecido o uso de plantas para combater múltiplas formas de doenças. Através de tradições orais e documentos manuscritos, foi possível a listagem de plantas medicinais, cada qual com seu valor terapêutico. Por intermédio da tradição oral adeptos dos cultos afro-brasileiros conhecem suas propriedades curativas e formas de manejo (GOMES; DANTAS; CATÃO, 2008, p.117).

Dentro do Candomblé, o poder curativo das plantas é um atributo do Orixá Ossaim, segundo o mito, é o Orixá conhecedor dos segredos da manipulação das ervas, curandeiro das florestas, conhecendo a aplicação de cada planta para realização de curas das mais diversas enfermidades (NOVAIS, 2006, p.93)

Há uma diversidade muito ampla conhecida de plantas utilizadas para fins fitoterápicos em cultos afro-brasileiros, como por exemplo, a manjerona (*Origanum majorana* L.); manjericão (*Ocimum basilicum* L.), ambas da família Lamiaceae; balaio, utilizando sua raiz sob a forma de chá (*Centratherum* sp.), pertencente a família Asteraceae; a Babosa (*Aloe arborescens* Mill.), da família Aloaceae, utilizada desde o consumo da “baba” até em forma de chá das flores; a planta conhecida como Câncerosa, empregada para cura de câncer; há também o uso da malva (*Geranium moschatum* Burn. F.), pertencente a família Geraniaceae, bastante utilizada no Catimbó, usada sob a forma de chá, para infecções uterinas (NOVAIS, 2006, p. 31-60).

4.6.4 Ambiente de cultivo das plantas em religiões afro-brasileiras

A urbanização modificou a maneira de como os espaços são ocupados, inclusive em religiões de matriz africana. Pelo fato dessas religiões possuírem uma grande dependência dos recursos da natureza, tais como, vegetação e águas de nascente, os adeptos dos cultos preferem instalarem-se em periferias ou municípios pequenos do que no centro de uma grande metrópole, para ter acesso a estes recursos com mais facilidade (YAGUNÃ, 2013, p. 31-35).

Segundo Silva & Morato (2010), a opção da instalação dos templos de cultos de matrizes africanas e indígenas em periferias e locais afastados das grandes cidades, se dá pelos seguintes motivos:

“(1) ao processo capitalista de produção do espaço que segrega segmentos sociais e serviços para longe dos centros comerciais e de especulação imobiliária; (2) à intolerância religiosa ‘exercida’ por meio de insultos e resistências simbólicas; (3) aos altos valores dos impostos nos centros urbanos, posto que as religiões de matriz africana não recebem incentivo ou isenção fiscal; e (4) à preferência das lideranças religiosas por espaços amplos para realização a contento das atividades religiosas.”

Os cultos aos Orixás, originalmente na África eram realizados em meio a livre natureza. Com a urbanização no Brasil, sacerdotes dos templos tiveram que dimensionar seus espaços sagrados territoriais de maneira que se adaptassem ao meio urbano. Desta maneira, os templos no espaço urbano, com seus quintais onde são cultivadas espécies de plantas para as mais diversas finalidades, tratam-se de uma “pequenez quantitativa”, onde são organizadas simbologias de um cosmo, sendo como uma “África qualitativa”, condensada e ajustada em um pequeno território (YAGUNÃ, 2013, p. 31-35).

Um templo de uma religião de matriz africana como o Candomblé, por exemplo, deve possuir obrigatoriamente, mesmo que no meio urbano, muitas áreas verdes, com espécies arbóreas conhecidas por adeptos como o iroko, birreiro, dendezeiro, mangueira, aroeira, dentre outras plantas (YAGUNÃ, 2013, p.29). Os tamanhos do quintal e do templo dependem dos recursos financeiros que os sacerdotes e os fiéis daquele determinado local possuírem, para manutenção e aquisição de um maior território. Com isso, não há tamanho padrão, desde que as exigências simbólicas estejam em harmonia com os significados religiosos para concretização dos rituais.

5 MATERIAIS E MÉTODOS

5.1 LOCAIS DE ESTUDO

A presente pesquisa foi realizada nas cidades de Dois Vizinhos (25° 44' 5" S, 53° 3' 31" W), Pato Branco (26° 13' 46" S, 52° 40' 18" W) e Espigão Alto do Iguaçu (25° 25' 54" S, 52° 49' 44" W). Pato Branco e Dois Vizinhos são municípios localizadas geograficamente na mesorregião Sudoeste do Paraná, já o município de Espigão Alto do Iguaçu, fica localizado na mesorregião Centro Sul do Paraná (Figura 01). A vegetação original é classificada como Floresta Estacional Semi-decidual em transição com a Floresta Ombrófila Mista (GORENSTEIN et al., 2010, p.2). Segundo a classificação climática de Köppen, o clima é cfb, clima subtropical úmido mesotérmico (IAPAR, 2015, p.1). O estudo foi conduzido junto aos templos de religiosidade afro-brasileira, ou na residência dos informantes, conforme a sua disponibilidade, tendo os sacerdotes dos templos como fontes de informações etnobotânicas.

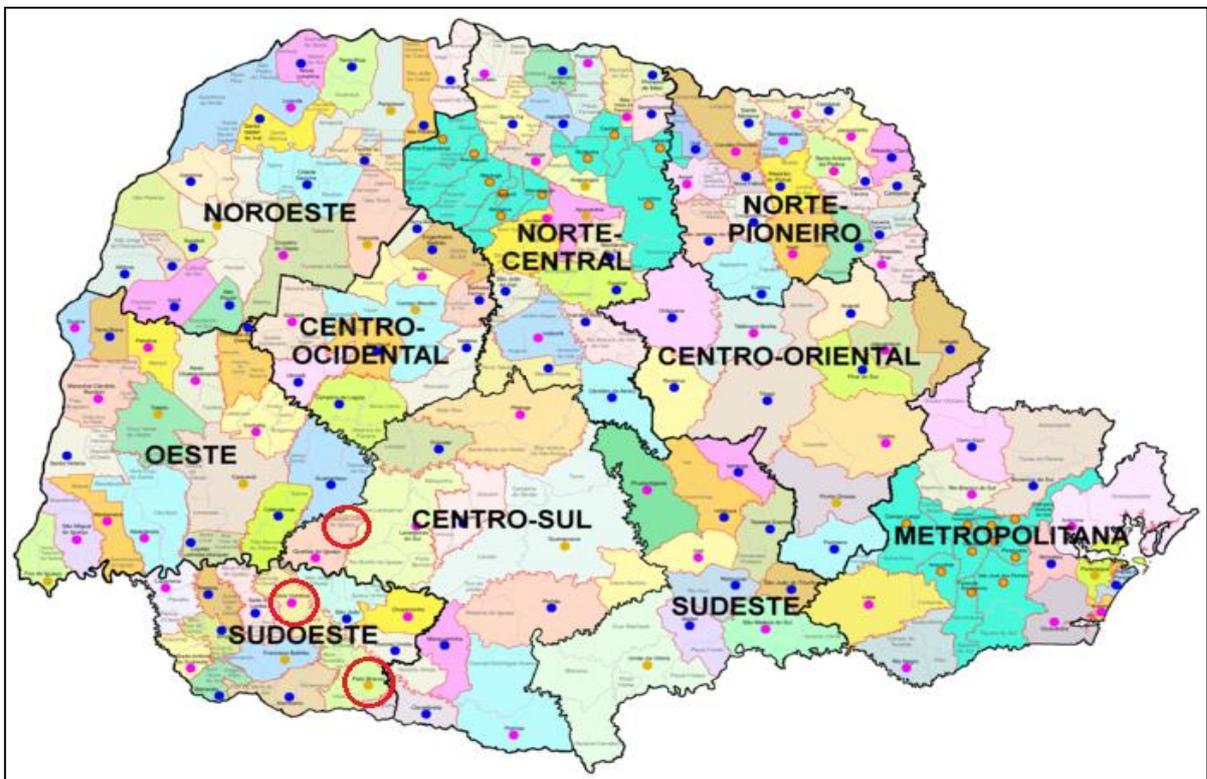


Figura 01: Localização geográfica dos municípios onde se concretizou as entrevistas.

Fonte: CEAf, (2013)

5.1.1 Histórico do Local

A Região Sudoeste do Paraná teve seus primeiros habitantes à cerca de doze a quinze mil anos atrás como tribos de caçadores-coletores, passando a se intensificar após oito mil anos (PARELLADA, 2006, p. 23-25). Os dois grupos indígenas presentes hoje no Sudoeste paranaense são índios Guarani Mbyá e Kaingang, descendentes dos habitantes primordiais do local (DALL'IGNA, 2014, p.1, PIB, 2015, p.1). Entre os séculos XVI e XVII este território integrou a Província do Guairá durante o tempo de posse espanhola, onde se estabeleceram as Missões Jesuíticas das quais acolheram milhares de indígenas, sobretudo os Guarani (PATRIMONIO CULTURAL, 2015, p.1). Os primeiros indícios de populações caboclas nesta região antes da colonização europeia recente foram em 1900 (MONARDO, 2008, p.4). Não há registro quantitativo da concentração de afrodescendentes na região (IBGE, 2015, p.1). A colonização na região se iniciou lentamente em 1930, aumentou após migrações de agricultores gaúchos e catarinenses, cuja maioria descendia de imigrantes europeus (MAYCOT, 2001, p.13).

Em 1877 foi criado o município de Palmas-PR, tendo em seu território todo o Oeste de Santa Catarina e o Sudoeste do Paraná onde inclui a localização geográfica atual dos municípios de Dois Vizinhos e Pato Branco. No séc. XIX exploradores e tropeiros fixaram-se em campos de Palmas, quando vinham de Guarapuava indo em direção ao sul. Tal estabelecimento em Palmas se deu por conta do comércio de muare entre os estados do Rio Grande do Sul e São Paulo, e a atual Região Sudoeste (onde o município de Palmas localiza-se) era passagem obrigatória aos viajantes. Na década de 1940 criou-se o município de Pato Branco, onde seu território abrangia o município de Dois Vizinhos. Em 1960 foi criado o município de Dois Vizinhos (IBGE, 2015, p.1).

Segundo o censo do IBGE, no Estado do Paraná estima-se em 8.949 os adeptos de religiões afro-brasileiras. Contudo, não há algum registro da presença de adeptos de tais crenças especificamente nos municípios abordados na pesquisa. O município de Pato Branco possuía até o último levantamento em 2010, um total de 72.373 habitantes, nos dias atuais estima-se que a população contenha 78.130 habitantes. O município de Dois Vizinhos totalizava com 36.198 habitantes, com a estimativa atual de 38.768 habitantes e Espigão Alto do Iguaçu totalizava com 4.677 habitantes, com uma atual estimativa de 4.591 habitantes (IBGE, 2015, p.1).

5.2 COLETAS DE DADOS

5.2.1 Seleção dos Informantes

A identificação dos informantes foi por intermédio de amostragem não aleatória intencional do tipo Bola de Neve (BAILEY, 1994). Amostras do tipo intencional são compostas por elementos da população selecionados intencionalmente pelo investigador, já que ele considera que tais elementos contêm características específicas representativas à pesquisa. Já a amostra do tipo “Bola de neve” é um tipo de amostra intencional onde o pesquisador escolhe um grupo inicial de indivíduos pertencentes à população com perfil de interesse, então lhes pede os nomes de outros indivíduos pertencentes à mesma população. Espera-se que a amostra aumente conforme indivíduos são indicados ao pesquisador (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008 p. 28).

A lista inicial de informantes foi obtida em uma loja de artigos religiosos afro-brasileiros, localizada no Centro de Pato Branco, única existente na cidade que atende o grupo estudado. Os atendentes da loja fizeram uma lista de nomes e contatos telefônicos dos informantes, após a solicitação da existência de sacerdotes clientes do comércio, denominados aqui de informantes. As entrevistas em todos os casos foram requeridas por intermédio de ligações telefônicas aos informantes. As entrevistas consolidaram-se com aqueles que se mostraram disponíveis para participar da pesquisa. Ao fim de cada entrevista, e também para aqueles que se recusaram a participar da pesquisa, sempre se pedia para indicarem outros informantes para participação na pesquisa, de acordo com os princípios da metodologia Bola de Neve (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008 p. 28).

Os templos que possuíam mais de um sacerdote, ambos foram entrevistados concomitantemente. Não houve delimitação da amostra quanto ao gênero, desde que o adepto exercesse a atividade sacerdotal há pelo menos cinco anos, e possuísse mais de 18 anos de idade. Aqueles que se encontravam acessíveis para a entrevista, foram abordados em suas residências ou locais de atendimentos, quando possível próximo aos seus quintais e jardins (Figura 02), para facilitar a visualização das espécies vegetais citados na pesquisa. Não houve homogeneidade na escolha de um culto específico já que em um templo destas religiões os adeptos podem ser praticantes de mais de uma ramificação religiosa semelhante em um mesmo local.

A presente pesquisa somente iniciou após autorização junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Humanos da UTFPR, a partir de outubro de 2014, por intermédio do parecer nº 870.205. Previamente a entrevista, leu-se ao informante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), que segundo sua concordância foi assinado para prosseguir a entrevista e coletar os dados. Em fevereiro de 2015 a coleta de dados foi finalizada.



Figura 02: Quintais de três templos de cultos afro-brasileiros onde foram realizadas as entrevistas.

Fonte: O autor.

5.2.2 Perfil Socioeconômico

O perfil socioeconômico dos sacerdotes entrevistados foi obtido através de um breve questionário com questões previamente estruturadas. Este procedimento teve como finalidade avaliar se fatores sociais produzem algum tipo de mudança na utilização de vegetais de um informante para outro, já que a presença de plantas que se destinam a fins mágico-religiosos pode ser expressiva dependendo do contexto local onde são inseridas (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008 p.148). As questões abordadas seguem em anexo no Apêndice - B.

5.2.3 Identificação do Conhecimento Tradicional Associado ao Uso de Plantas & Inventário dos Vegetais

Para inventariar as etnoespécies utilizadas para fins mágico-religiosos, identificar o conhecimento tradicional associado ao uso de vegetais e identificar as relações sociais ligadas a cultos religiosos que as plantas proporcionam aos adeptos de cultos afro-brasileiros, a pesquisa teve como base entrevistas semiestruturadas, a fim de conseguir um maior aprofundamento sobre o assunto abordado, deixando o informante à vontade para expressar os termos culturais empregados em suas atividades (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008 p.48).

Estas entrevistas semiestruturadas tiveram como base um roteiro elaborado previamente. Os registros das entrevistas a campo se deram na maioria das vezes com o auxílio de um gravador para maior aproveitamento das informações. Quanto aos informantes que não permitiram o uso do gravador, as informações foram devidamente anotadas em caderneta de campo (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008 p.48). Os itens levantados no roteiro da entrevista seguem anexados no Apêndice-C. Para adquirir informações sobre particularidades do cotidiano do grupo estudado, foi utilizado também o método “Observação Participante”, onde qualquer informação que o pesquisador considerou relevante para a pesquisa, foram registradas no diário de campo, tais como características feístas ligadas ao comportamento de cada informante em particular, ou também associadas ao grupo em que pertencem (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008 p. 50).

Para ser possível o ordenamento das espécies vegetais citadas, a pesquisa se valeu da utilização da técnica da “Listagem livre” (BERNARD, 2006, p. 301), cujo objetivo foi caracterizar a saliência cultural dos informantes. Para isso, parte-se do princípio que os entrevistados tendem a listar as plantas na ordem com que possuem maior familiaridade e que os elementos culturalmente mais importantes são citados por mais de um informante do grupo sociocultural estudado em sua ordem de importância (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, 2008 p.56).

Após as aplicações do questionário socioeconômico e das entrevistas, foi realizado um registro fotográfico dos jardins dos templos, finalizando com a coleta de amostra botânica das plantas da listagem livre conforme o método turnê-guiada (ALBUQUERQUE LUCENA; CUNHA 2008, p.50) nos casos em que o informante permitia e mostrava interesse em acompanhar a coleta. Houveram limitações quanto a coleta botânica em alguns templos, devido a disposição dos informantes para concretização de tal atividade. Os espécimes foram coletados por intermédio de uma tesoura de poda, guardadas em uma sacola plástica, etiquetadas com a identificação da etnoespécie pelo informante. Posteriormente as plantas foram herborizadas (Apêndice-E) de acordo com as normas dos herbários produzidos no laboratório de botânica da UTFPR-DV, que é integrado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) - Herbário Virtual da Flora e dos Fungos, sendo ali depositadas.

5.3 ANÁLISE DOS DADOS

5.3.1 Organização dos Dados e Análise Qualitativa

Com base nas entrevistas, os informantes foram divididos em dois grandes grupos, os praticantes de Candomblé e os praticantes de Umbanda. O trabalho contou com quatro templos de Candomblé com quatro informantes, e nove templos de Umbanda com nove informantes. Vale ressaltar que todos os praticantes de Candomblé também mostravam certa influência da Umbanda em maior ou menor grau dentro dos seus templos, pois todos os informantes relataram que trabalhavam de alguma forma com entidades espirituais que se manifestam em terreiros

umbandistas. Porém todos os fundamentos da casa de santo⁸ são de Candomblé, e os informantes não se identificaram como umbandistas, mas sim como candomblecistas. É de conhecimento acadêmico que entidades conhecidas como Pretos-Velhos, Caboclos, Exus e Pombo-giras têm um lugar especial em diversos cultos afro-brasileiros, mas foi a Umbanda que priorizou o culto a estes entes (PRANDI, 1996, p.2).

Segundo Albuquerque, Lucena & Cunha (2008, p. 90), a comparação é o principal instrumento intelectual utilizado para analisar dados qualitativos. Este método consiste em comparar e contrastar todas as tarefas intelectuais durante a análise, categorizando, estabelecendo limites das categorias, estipulando segmentos de dados às categorias, resumindo o conteúdo de cada uma, encontrando evidências negativas, dentre outros. Esta análise tem como objetivo entender semelhanças conceituais e descobrir padrões.

Os dados qualitativos foram organizados conforme as anotações relevantes para a pesquisa, levantadas na entrevista semiestruturada e na observação participante. Os informantes foram codificados de forma semelhante a sistematização de notas exposto por Bernard (2006, p.399) para que as suas falas apareçam sem comprometê-los com a exposição de suas identidades. A codificação foi organizada contendo a letra inicial do nome do informante, seguida da letra inicial do nome da religião do mesmo (letra U para Umbanda, letra C para Candomblé), finalizando com o número da entrevista realizada, por exemplo, #JU2 para uma informante umbandista, #VC1 para uma informante candomblecista.

Por intermédio desta análise foi também possível estruturar um paralelo entre as semelhanças, diferenças de uso e grau de importância dos vegetais nos diferentes cultos avaliados e estudados, bem como nas categorizações por indicadores sociais levantados no questionário e presentes na literatura. Isso abriu possibilidade para análises de relações sociais que as plantas proporcionam aos adeptos de cultos de afro-brasileiros e discutir os pontos citados entre os informantes que contribuem para a construção de suas identidades culturais relacionado ao uso de vegetais na prática mágico-religiosa.

Os dados quantitativos oriundos do questionário socioeconômico e da Listagem livre foram organizados em planilhas no programa Microsoft Excel 2010[®] de modo que os informantes sejam as unidades amostrais e as plantas citadas as variáveis. Os dados socioeconômicos foram distribuídos conforme o número de informantes que se encaixavam em diferentes categorias, com a finalidade de facilitar sua visualização e análise, tais como cidade, gênero, idade, religião, descendência étnica, tempo de iniciação, cidade de origem, local de

⁸ Termo referente aos terreiros/templos, muito utilizado por adeptos de religiões afro-brasileiras.

iniciação, profissão e nível de escolaridade. As plantas citadas foram separadas conforme a etnoespécie, nome científico, família botânica, citações na Umbanda, citações no Candomblé, categorias de uso, categorias de parte da planta utilizada e categorias de entidades espirituais regentes dos vegetais citados. A identificação e os nomes científicos das etnoespécies listadas pelos informantes se deu seguindo sistema de classificação da APG III e pelo conhecimento prévio do pesquisador, sendo que as espécies que foram caminhadas para herborização, foram ainda conferidas pela responsável pelo herbário de depósito na Universidade Tecnológica Federal do Paraná *câmpus* Dois Vizinhos.

5.3.2 Comparação de Frequências Absolutas de Citações por Tempo de Iniciação

Os informantes também foram separados em categorias de acordo com o tempo de iniciação em suas crenças religiosas. A separação consistiu em dois grandes grupos, aqueles informantes que possuem até 20 anos de iniciação, e aqueles informantes que possuem mais de 20 anos de iniciação. Tal categorização permitiu aplicar o Teste de t com o intuito de saber se há divergência na riqueza do conhecimento de plantas, distribuído entre sacerdotes de diferentes idades de aprendizado religioso, em relação as métricas levantadas na entrevista. O Teste de t foi aplicado utilizando o programa PAST (HAMMER et al; 2001, p.9).

5.3.3 Análise de Similaridade

Foi realizada análise de agrupamento com o intuito de averiguar a similaridade entre os informantes com base nas plantas citadas. Para analisar a similaridade foi utilizada uma matriz de presença e ausência das espécies citadas. A similaridade foi calculada utilizando o coeficiente de Jaccard e UPGMA como método aglomerativo, utilizando o programa PAST (HAMMER et al; 2001, p.9), este coeficiente leva em consideração a relação efetiva entre o número de espécies comuns e o número total de espécies encontradas ao equiparar diferentes amostras (MUELLER-DUMBOIS; ELLENBERG, 1974,). As plantas citadas apenas por um informante foram excluídas da matriz de presença e ausência para realização da análise (ZANK,

2011, p.36). Quando o coeficiente de correlação cofenética gerado com a análise de similaridade é superior a 0,7, significa que os agrupamentos formados possuem consistência (ROFH, 1970, p.64).

5.3.4 Padrão de Frequência de Citações de Plantas Entre Cultos

O teste qui-quadrado é amplamente utilizado em pesquisa social, permitindo testar significância entre duas variáveis qualitativas, e também, contrastar duas ou mais amostras, quando os resultados da variável estão categorizados. O teste permite testar duas hipóteses, a partir das amostras, com a finalidade de testar se as diferenças expostas são significativas (BARBETTA, 2006, p. 228,230).

O teste foi aplicado de acordo com as plantas que houveram maiores frequências absolutas na Umbanda que no Candomblé, e maiores frequências absolutas no Candomblé que na Umbanda, conforme as citações dos informantes. Tendo como inclusão para o teste as plantas que tinham mais da metade das citações dos informantes de um culto, comparado a aquelas que continham uma ou nenhuma citação no outro. Para aplicação deste teste, foi utilizada a tabela de contingência do programa PAST (HAMMER et al; 2001, p.9), para gerar os resultados.

5.3.5 Alocação Subjetiva

Neste item, foi calculada a importância relativa de cada espécie, utilizando o Índice de Significado Cultural (ISC), para quantificar a importância das espécies úteis para os cultos de afro-brasileiros pesquisados, conforme descrito por Turner (1988). As informações para realização do cálculo do ISC foram levantadas e ranqueadas com base nas questões requeridas na entrevista semiestruturada (Apêndice C) que complementavam a Listagem livre, seguindo a fórmula: $ISC = \sum (i \cdot e \cdot c) \cdot FC$, onde: i= manejo da espécie; e= preferência de uso; c= frequência de uso.

- Manejo da espécie (i): Leva em consideração o impacto das plantas na rotina do templo. Espécies que em seu uso necessitam de qualquer tipo de manipulação para seus fins, receberam

valor correspondente a 2. Espécies simplesmente coletadas, sem a necessidade de qualquer manipulação pós-coleta, receberam valor 1;

- Preferência de uso (e): É a preferência de utilização de uma espécie em relação a outra, para sua determinada utilidade. Foi realizado um score de acordo com os nove tipos de usos diferentes que os sacerdotes atribuíram aos vegetais. O valor 2 foi atribuído para as espécies que possuíam a partir de cinco tipos de usos, conforme o consenso de todos os informantes. O valor 1 foi atribuído as espécies que possuíam menos de cinco usos citados;

- Frequência de uso (c): Referente às plantas correntemente utilizadas. O valor 2 receberam as plantas mais utilizadas e conhecidas de acordo com o senso comum dos sacerdotes, e que os mesmos demonstravam e afirmavam que seu uso era amplo. O valor 1 foi para as plantas pouco ou raramente citadas no decorrer das entrevistas, sem serem enfatizadas em usos cotidianos;

- Fator de correção (FC): Levando em conta o consenso entre informantes. Seu valor foi calculado com base no número das citações de determinada espécie, dividida pelo número de citações da espécie mais citada.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 PERFIL DOS TEMPLOS E DOS INFORMANTES

6.1.1 Perfil dos Templos

Pela metodologia Bola de Neve, foram encontrados um total de vinte templos de cultos afro-brasileiros, dos quais apenas em treze templos os sacerdotes encontraram-se disponíveis para execução da entrevista para coleta de dados. Um total de 13 informantes participaram da pesquisa, sendo que o município de Pato Branco-PR foi levantado um total de 15 templos, dos quais, sacerdotes de nove destes se mostraram dispostos para conceder informações para a pesquisa. Em dois locais não foi possível contatar os sacerdotes e em quatro templos, os sacerdotes se recusaram a participar da pesquisa com alegações de falta de tempo, ou se achavam com pouco conhecimento para participação.

No município de Dois Vizinhos foi levantada a presença de quatro templos, dos quais três sacerdotes se mostraram disponíveis para contribuir com a pesquisa. O sacerdote que não quis participar da pesquisa nesta cidade se trata de um senhor idoso que possui grande influência na Região Sudoeste na religião umbandista, com consulentes de diversas cidades do entorno. Inicialmente ele havia aceitado participar da pesquisa, porém sentiu-se intimidado com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e recusou a participação imediatamente após a leitura do mesmo. Porém, por seu intermédio foram fornecidos os contatos de pessoas que foram iniciadas por ele. Este sacerdote foi iniciador de três informantes que participaram do trabalho, sendo uma sacerdotisa de Pato Branco (#JU2), um sacerdote de Espigão Alto do Iguaçu (#PU7) e uma sacerdotisa de Dois Vizinhos (#MDU8), todos exercendo o sacerdócio dentro da religião de Umbanda.

A cidade de Espigão Alto do Iguaçu não faz parte geograficamente da Região Sudoeste do Paraná, porém, a proximidade desta cidade com a Região Sudoeste paranaense, facilita a existência de consulentes do sacerdote ali presente, e auxiliares do templo oriundos de diversos municípios que compõe a Região Sudoeste, tais como Dois Vizinhos, São Jorge do Oeste e Francisco Beltrão. Diante desta influência dentro do contexto religioso de cunho afro-brasileiro

na Região estudada, tal sacerdote foi inserido no estudo após sua aceitação na participação do trabalho.

Os entrevistados nos templos de candomblés registrados na pesquisa eram provenientes de tradições diferentes, sendo três oriundos da nação Kêtu-Nagô e um se identificou como pertencente a nação Jêjê. O termo nação africana, quando se trata de cultos afro-americanos no geral, se caracterizam como grupos de etnias africanas trazidas para as Américas, onde sobreviveram. Nações que em seus primórdios em terras brasileiras possuíam distintas ordens de categorias políticas, linguísticas e culturais. Os remanescentes destas nações no Brasil sobrevivem com as denominações de templos de religiosidade afro-brasileira, com os Candomblés, em seus diversos Deuses e ritmos, permanecem vivas no folclore, desligadas da nação territorial. Dependendo da nação de Candomblé se for Kêtu-Nagô (iorubano), Angola (banto) ou Jêjê (fon), podem ser cultuados Deuses sob as nomenclaturas de Orixás, Inkisses ou Voduns. (MATORY, 1999, p.58).

Na Região Sudoeste, dentre os Candomblés encontrados apenas encontrou-se a denominação de Orixás como menção aos arquétipos deificados ligados à natureza. Vale ressaltar que muito do Candomblé Jejê (que utiliza o termo Vodun) foi incorporado dentro da tradição Nagô (que utiliza o termo Orixá) de acordo com processos históricos (HOFBAUER, 2011, p.60-63). Essa miscigenação cultural de etnias afrodescendentes foi percebida nas falas de um sacerdote candomblecista da nação Jêjê quando fez associação do Orixá Exú com a bananeira (*Musa sp.*), usou o nome “Obara” ao invés de Exú, explicando “*Dentro do linguajar de Jêjê é Obara, não utilizamos muito o nome Exú*” (#NC10).

6.1.2 Perfil dos Informantes

Da população de informantes, seis pertenciam ao gênero masculino e sete ao gênero feminino. Quando se questionava a influência do gênero sexual na prática religiosa, em todos os casos, alegavam que o fator determinante para a prática da religião era a mediunidade⁹ e a seriedade do trabalho espiritual, mostrando que gênero sexual em nada influencia na prática

⁹ Faculdade inerente ao homem que permite a ele a percepção, em algum grau, à influência de espíritos (CVDEE, 2015, p.1).

religiosa. A lógica da possessão¹⁰ é um ponto em comum de todos os cultos afro-brasileiros, uma prática que caracteriza a identidade destes grupos (JORGE; RIVAS, 2011, p. 2-3).

Onze dos treze sacerdotes pertenciam à faixa etária de 39 a 65 anos, dois na faixa de 66-89 e todos com mais de dez anos de iniciação (Tabela 1). Segundo os informantes #1VC, #3AC e #10NC, praticantes de Candomblé, relataram que o processo iniciatório dentro da religião demora sete anos até o noviço tornar-se sacerdote e aprender os segredos de suas práticas religiosas. Apenas o informante #6VU, sacerdote de Umbanda, alegou durante a entrevista que em seu templo o processo iniciatório é de no mínimo cinco anos. Os demais umbandistas nem tocaram no assunto. Percebe-se assim, uma maior ênfase quanto ao tempo de aprendizado para tornar-se sacerdote candomblecista, comparado à religião de Umbanda. Porém, dentre os entrevistados umbandistas, todos praticavam sua religião há no mínimo 15 anos. Onze sacerdotes tiveram o processo de iniciação no Estado do Paraná, dos quais sete receberam suas iniciações na Região Sudoeste, dos quais três com o mesmo sacerdote. Os demais receberam iniciações em diferentes cidades do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Na Tabela 01 está sumarizado o perfil socioeconômico dos informantes. Cabe destacar que quatro dos informantes se identificaram como afrodescendentes, dois se identificaram como negros, um como mulato e um como cafuzo. Aqueles que se identificaram como negros e aquele que se identificou como mulato, pertencem ao culto do Candomblé, que possui maiores fundamentos de ancestralidade negra. Os informantes Umbandistas em sua maioria se identificaram como caucasianos (brancos), três possuem ancestralidade indígena, com um destes, possuindo uma ancestralidade tanto indígena quanto negra (cafuzo). A predominância de informantes brancos possivelmente se dá pelo fato da Região Sudoeste ter sido colonizada por descendentes europeus (MAYCOT, 2001, p.13).

Quatro informantes relataram trabalhar em tempo integral como sacerdotes. Os demais possuíam outro trabalho em paralelo. Houve heterogeneidade entre as diferentes profissões executadas pelos sacerdotes. Segundo Bastos (2010, p.4), se torna necessário em alguns casos a dedicação exclusiva aos atendimentos religiosos, já que religiões afro-brasileiras necessitam de grande demanda de tempo e dedicação diariamente com oferendas, festas, atendimentos e rituais diversos.

¹⁰ Prática mediúnica referente ao ato de ser possuído/tomado por espíritos. Psiquiatras afirmam que a possessão se trata de estados de sonambulismo com desdobramento ou substituição de personalidade (SERAFIN. 2007, p. 183).

Três informantes foram caracterizados apresentando ensino fundamental incompleto e quatro com ensino fundamental completo, quatro com o ensino médio completo, três concluíram o ensino superior, sendo que dois destes em fase de conclusão de mestrado (Tabela 1). Para o grupo religioso em questão, o conhecimento dito oficial deixa de ter grande valor quando se trata de um grupo em que o conhecimento é transmitido tradicionalmente de forma oral (BASTOS, 2010, p. 3).

Tabela 01: Perfil socioeconômicos dos sacerdotes de cultos afro-brasileiros (n=13) entrevistados durante a pesquisa nos municípios de Pato Branco, Dois Vizinhos e Espigão Alto do Iguaçu-PR.

Dados Socioeconômicos		Nº de Informantes
Cidade	Dois Vizinhos-PR	3
	Espigão Alto do Iguaçu-PR	1
	Pato Branco-PR	9
Sexo	Masculino	6
	Feminino	7
Idade	39-65 anos	11
	66-89 anos	2
Religião	Umbanda	9
	Candomblé	4
Descendência étnica	Caboclo	1
	Cafuzo	1
	Caucasiano	6
	Indígena	1
	Mestiço-outro	1
	Mulato	1
	Negro	2
Tempo de Iniciação	11-20 anos	6
	21-40 anos	6
	41-60 anos	1
De Onde Veio?	Coronel Vivida- PR	1
	Cruz Alta-RS	1
	Curitiba-PR	3
	Espigão Alto do Iguaçu-PR	1
	Lages-SC	1
	Passo Fundo-RS	1
	Pato Branco-PR	2
	Renascença-PR	1
	São Paulo-SP	1
	Xaxim-SC	1
Local de Iniciação	Bela Vista do Paraíso-PR	1
	Cruz Alta-RS	1

Dados Socioeconômicos		Nº de Informantes
	Curitiba-PR	3
	Dois Vizinhos-PR	3
	Francisco Beltrão-PR	1
	Marmeleiro-PR	1
	Pato Branco-PR	2
	São Paulo-SP	1
Profissão	Servidor Público	2
	Comerciante	1
	Sacerdote	4
	Do Lar	2
	Agricultura	2
	Enfermagem	1
	Construção civil	1
Nível de Escolaridade	Fundamental Incompleto	3
	Fundamental Completo	3
	Médio Completo	4
	Superior Completo	1
	Cursando Mestrado	2

6.2 DISTRIBUIÇÃO DO CONHECIMENTO RELIGIOSO ASSOCIADO AOS VEGETAIS

Percebeu-se forte conservadorismo em relação ao conhecimento da prática religiosa da maior parte dos informantes em relação a fidelidade da doutrina recebida de seus sacerdotes (ou pais-de-santo), tanto umbandistas, quanto candomblecistas, expresso nos seguintes comentários:

“Eu tinha filho-de-santo, mas agora não quero mais ter, porque depois de pouco tempo que estavam aqui, queriam inventar moda, fazer do jeito deles, mas se não for do meu jeito, do jeito que eu aprendi com meu pai-de-santo, não vai ser de jeito nenhum!” (#AC3, sacerdote de Candomblé).

“Todas as plantas que tenho plantadas que igual o meu pai-de-santo ensinou, a ordem com que foram plantadas, foi tudo do jeito que ele disse que era pra ser” (#PU4, sacerdote de Umbanda).

Segundo Hewlett & Cavalli-Sforza (1986, p. 932), tal forma de transmissão de conhecimento pode ser classificada como vertical, sendo um conhecimento passado de pais aos filhos. Porém neste caso, muitas vezes sem laços biológicos, apenas simbólicos. Os laços

simbólicos dentro da família-de-santo são tidos como sagrados, onde deve existir consideração, amor, respeito e obediência, como em qualquer família (SILVA, 2000, p.57).

Bastos (2010, p.4), alega que em João Pessoa-PE quanto mais tempo de iniciação religiosa o adepto tiver, mais conhecimento terá. Na Região Sudoeste do Paraná tal característica não foi possível de ser mensurada pelas entrevistas (Figura 03), já que a diferença da frequência absoluta de citações de plantas entre informantes caracterizados com até 20 anos de iniciação, não foi significativa comparado aos informantes que possuem mais de 20 anos de iniciação em seus cultos ($t=1,3536$; $p=0,21559$). De forma qualitativa, por observações diretas do autor, também não se percebeu conhecimentos exacerbados pelos informantes com maior tempo de iniciação em relação aos demais.

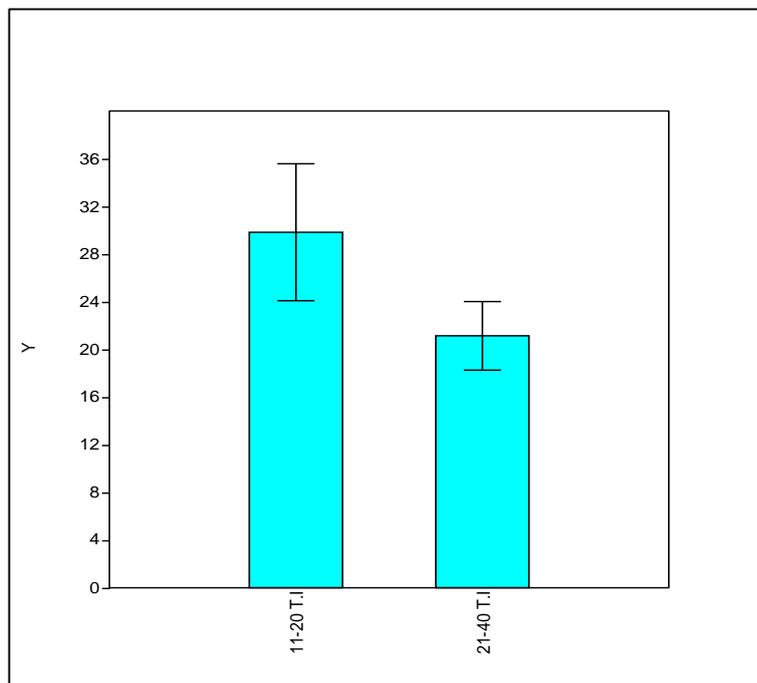


Figura 03: Média de citação de etnoespécies por sacerdotes de cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná, divididos em categorias de tempo de iniciação. Categorias de tempo de iniciação divididas em informantes com 11-20 anos de iniciação e 21-40 anos de iniciação.

Fonte: O autor.

Observou-se que a variação do conhecimento de um informante para outro também oscilava mais da boa vontade de conceder a entrevista do que pelas métricas registradas pela análise das frequências de citações de plantas. Apenas um encontro pode não ser suficiente para o entrevistado ter confiança e ficar à vontade para expressar o máximo de seus conhecimentos

de forma mais profunda. Isso demonstra a necessidade de relacionar-se com a população estudada, utilizando ferramentas metodológicas que permitem registrar o conhecimento que permeia o grupo, tais como o uso do “rapport” (ALBUQUERQUE; LUCENA; CUNHA, p. 24, 2008), de modo que seja conquistada maior confiança dos informantes, imprescindível para coletar informações de qualidade em estudos etnobotânicos.

O dendrograma gerado pela análise de agrupamento (Figura 04) demonstrou a existência de grupos com padrões consistentes em relação à similaridade de plantas listadas entre informantes ($CCC > 0,7$). Porém, todos inferiores a 40% de similaridade, com média de 19% (Apêndice-E). Formaram-se dois agrupamentos diferentes, onde em um deles a maior parte é composto por umbandistas (seis indivíduos), e possui apenas um candomblecista, este grupo subdivide-se em dois grupos. No outro grupo a formação se compõe indivíduos de religiões distintas (três umbandistas e dois candomblecistas), onde há mais duas subdivisões. Há ainda uma informante candomblecista que se distanciou dos demais.

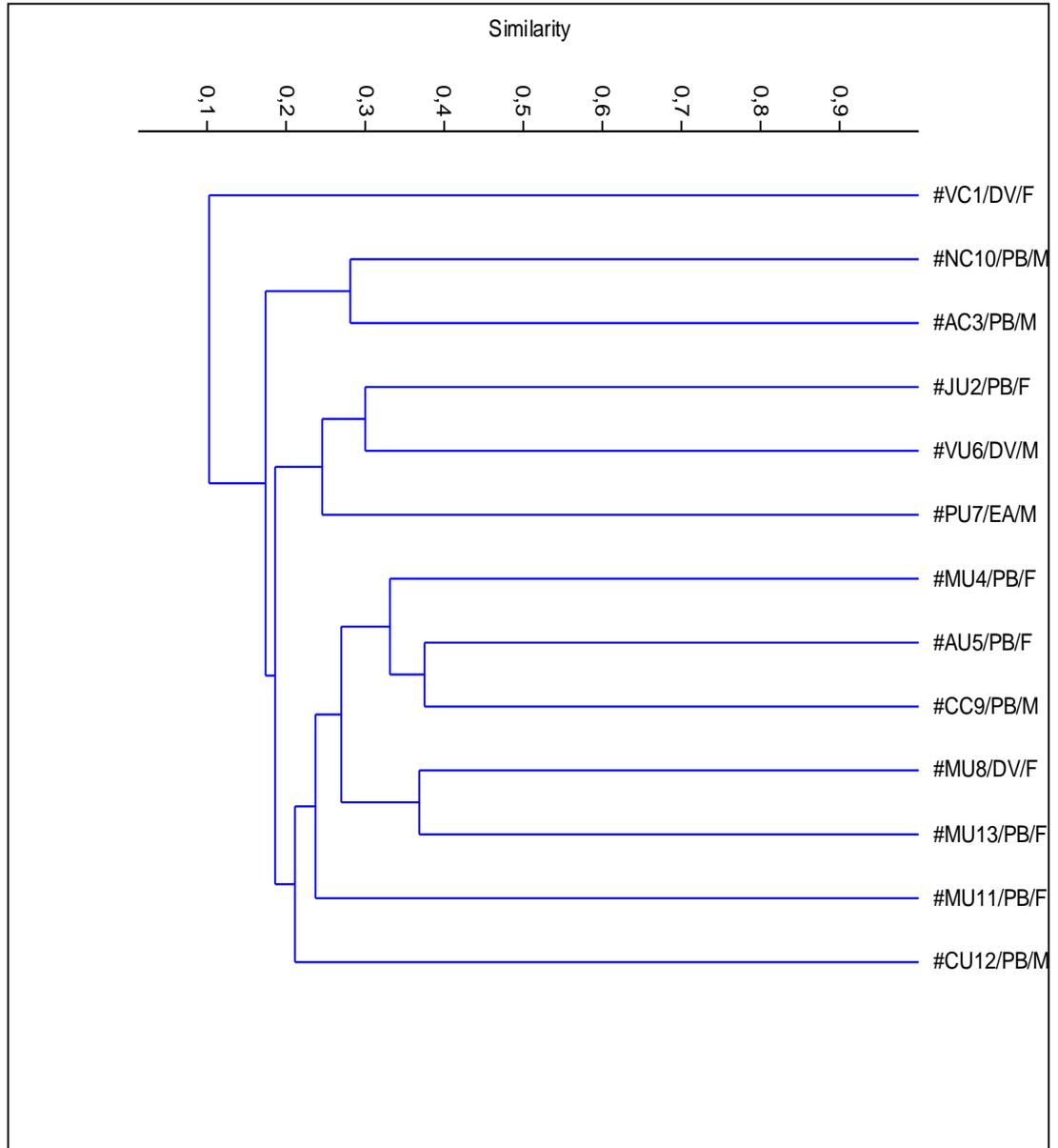


Figura 04: Dendrograma de similaridade baseado no coeficiente de Jaccard, pelo método de aglomeração UPGMA a partir de 13 sacerdotes de cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná, de acordo com a presença e ausência das espécies botânicas listadas a partir de uma repetição (N=61) (CCC= 0,7373).

Fonte: O autor.

O informante candomblecista #CC9 obteve 38% de similaridade com a informante #AU5, que foi a maior similaridade entre o grupo formado pela maioria umbandista (Figura 04). Isso pode ser explicado pelo fato de que a informante #AU5 foi a que menos citou plantas. O informante #CC9, citou poucas plantas comparado aos demais informantes e era o praticante de Candomblé com maior influência da Umbanda (afirmou que os fundamentos de seu templo eram de Candomblé, mas haviam dias que dedicavam exclusivamente para o culto umbandista

e suas entidades espirituais). Pelo fato de ter citado poucas plantas, participando dos dois grupos religiosos concomitantemente, pode-se perceber que as poucas plantas que ele citou eram as fundamentais para ambas as crenças no geral, se assemelhando com #AU5 que citou pouquíssimas plantas, as quais julgou mais importantes para sua religião. Tais fatos justificam o motivo deste informante estar agrupado junto aos umbandistas na análise.

Dentro do grupo de adeptos da Umbanda e Candomblé, a maior similaridade foi de 30% em um subgrupo formado por #JU2 e #VU6 (Figura 04) de gêneros distintos, porém pertencentes a mesma religião (Umbanda). Houve 28% de similaridade no outro subgrupo entre #AC3 e #NC10, ambos informantes pertencentes a religião do Candomblé. A informante candomblecista #VC1, foi a que mais se distanciou dos demais na análise de agrupamento, possuindo uma média de 10% de similaridade com todos. A mesma apresentou os valores mais baixos de similaridade com informantes umbandistas de gêneros distintos, 0% com a informante #MU4 e 3% com o informante #PU7, e manteve similaridade maior que 10% com sacerdotes candomblecistas (Apêndice-E).

Dentro das variáveis sociais, como gênero, religião e localização geográfica, pode-se perceber de modo geral maiores semelhanças com o fator religião, as subdivisões com maiores similaridades tiveram maior influência do fator religioso (Figura 04). Outros trabalhos acadêmicos envolvendo conhecimento tradicional associado as plantas conseguiram encontrar padrões a respeito do conhecimento de plantas medicinais entre o gênero masculino e feminino (HANAZAKI *et al*, 2000, p.609) ou pela similaridade de grupos com outras variáveis sociais (ZANK, 2011, p. 51). A pesquisa na Região Sudoeste do Paraná não foi restrita a apenas um tipo de uso dos vegetais, mas sim abordou toda forma de uso e aplicação dos mesmos dentro do contexto religioso aplicado nos templos, somado a poucos informantes-chave que participaram da pesquisa (N=13), justifica a polarização de grupos apenas em peculiaridades religiosas.

6.3 INTERAÇÃO DO HOMEM COM VEGETAIS SOB O PRISMA RELIGIOSO

Diante de um contexto geral, em todos os casos, salvo quando o informante declarava que sempre gostou da natureza e das plantas desde criança, os sacerdotes diziam que após terem se iniciado naquele sistema de crenças, passaram a ver a natureza com maior respeito e admiração. Pode-se perceber isso em diversas falas, como por exemplo:

“Analiso as árvores como se fossem humanos. Aprendi tudo isso depois de minha espiritualidade. Todas essas ideias surgiram de minha espiritualidade” (#CU12);
“Antes de conhecer a Umbanda, eu não conhecia nada, não dava importância alguma para uma planta ou um pé de flor. Hoje sei como é utilizado a energia vital e sua essência, pois aprendi que têm essas energias e essas vibrações...Hoje eu valorizo o mínimo do mínimo, desde um gato até um mosquito” (#PU7).

Notou-se que dentro da religião Candomblé os únicos aptos para coletar as plantas são o Babalossaim¹¹ da casa ou o Babalorixá¹² quando na ausência do primeiro. Os praticantes de Candomblé em todos os templos encontrados demonstram que a associação simbólica das plantas com espiritualidade é de grande impacto em seus cotidianos de cunho religioso e profano¹³, associação expressa nos comentários dos adeptos e percebida pela observação participante.

A informante #1VC afirmou: *“Depois que você se inicia no candomblé, uma folha que cai, não é simplesmente uma folha que cai, ela tem um sentido quando cai a sua frente, quando cai atrás, quando cai a sua direita, quando cai a sua esquerda”*. Comentários e atitudes de outros informantes também reforçam esta ideia, como foi o caso de #NC10 que disse não deixar as plantas muito perto uma das outras, sempre com um espaçamento considerável, pois seria falta de respeito aos Orixás deixá-las sem seu próprio espaço.

O informante #AC3 frisou a importância das plantas para a sua crença dizendo: *“Não se faz nada dentro do terreiro se não tiver conhecimento das plantas, pois as plantas são onde os Orixás tiram vitalidade para originar aquilo que o cliente pede. Em qualquer prática é necessário, sem as plantas dos Orixás, nada se faz. São essenciais”*. Quando o mesmo informante foi citar os vegetais referentes ao seu Orixá regente para a listagem livre, optou por parar a entrevista por respeito à entidade a qual ele zela, pois dizia sentir seu Orixá se aproximando ao se lembrar das plantas pertencentes a ele. Mostrando assim, um universo místico claramente notável onde a relação religiosa com as plantas tem um grande espaço dentro deste universo.

Essas correspondências simbólicas com as plantas, claramente de alto impacto no universo mental dos sacerdotes (ou informantes), podem ter uma importância ecológica indireta, auxiliando o desenvolvimento de uma consciência conservacionista (HAVERROTH, 2007, p. 84). Segundo Serra et al. (2002, p.23), tal característica comum a todos os Candomblés (Jêjê, Nagô, Angola, dentre outros), tem auxiliado na conservação de recursos florísticos e

¹¹ Responsável pela coleta de vegetais dentro de um terreiro de Candomblé.

¹² Sacerdote de religiões afro-brasileiras (sinônimo de Pai de Santo).

¹³ Atitudes não ligadas à prática religiosa/sagrada.

riqueza paisagística em Salvador e Região Metropolitana, pelo fato de que os espaços sagrados, ligados a Orixás e guias espirituais, não são rendidos à lógica de aceleração e ocupação irresponsável do território requerida tanto pela iniciativa pública ou privada. A dinâmica destes grupos funciona de forma diferente, ligadas a um cosmo com diversos elementos sacralizados. Fato também abordado por Albuquerque et al (p. 80, 2008), onde discute que, embora o efeito seja a conservação de recursos, o propósito é outro, geralmente associado a um tabu, tido como “irracional” pelo cidadão ocidental.

Já em templos de Umbanda os sacerdotes mostraram um tipo de interação diferente com os vegetais visto que 4 dos 5 informantes que mais citaram plantas medicinais eram umbandistas. Percebeu-se que dentro desta religião, apesar de todo o respeito que os adeptos demonstram pelos vegetais e de frisarem suas importâncias em diversos momentos, contrapõem-se ao Candomblé em relação às plantas. Dentro da religião umbandista, as plantas não são tidas como fundamentais para existência do culto, são utilizadas como auxiliares para a prática mágica, como complementos utilizados pelos guias espirituais para potencializar benzeduras, afastar energias negativas, carregar amuletos e atrair certas energias e, em grande medida, para a execução de medicina mágica¹⁴.

Na prática da medicina mágica, observou-se alto nível de mistificação dos conhecimentos utilizados. Os informantes não atribuíam as curas efetuadas por conta da ação de algum princípio ativo na mistura dos vegetais, ou de um possível efeito placebo, mas sim à ação dos guias espirituais nos remédios após algumas orações sobre os mesmos. Essa realidade já foi relatada por Camargo (1988, p. 10), afirmando que na medicina popular acredita-se que a cura da doença se dá pela ação de agentes espirituais.

Todos os informantes umbandistas declaram ter recebido o conhecimento do uso dos vegetais de algum instrutor que os iniciou e principalmente de seus guias espirituais. Isso pode ser evidenciado pelas falas de alguns informantes:

“Os guias dizem qual a planta que cura. Aí vamos pra mata buscar folhas, raízes, galhos, flores” (#6VU).

“Depois que entrei pra Umbanda, comecei a ter intuição das plantas, tem plantas que eu vejo e mesmo que eu não conheça, sinto que ela é boa para determinada doença. Isso para mim é intuição natural das entidades” (#7PU).

“Meus guias explicam cada finalidade de cada planta” (#11MU).

Caso semelhante foi exposto por Lima, Silva & Andrade (2005, p.83), mostrando que em um terreiro de Umbanda em Olinda-PE, a Mãe de Santo declarava receber os procedimentos

¹⁴ Prática muito comum dentro de cultos afro-brasileiros. Uma forma de medicina popular, recorrendo a elementos místicos e misteriosos para justificar a cura (GASPAR, 2003, p.1).

de como produzir os remédios a partir das orientações de um guia espiritual. Uma prática análoga a que algumas etnias indígenas também realizavam (MARTINS, 2000, p.14), como por exemplo, a etnia indígena Kaingang, onde o Kujà¹⁵ recebe os procedimentos para produzir remédios a partir da instrução de espíritos (HAVERROTH, 2007, p.43).

Essas falas demonstram a forma como o caráter simbólico atribuído aos vegetais afeta o cotidiano desta parcela da população zeladora da medicina folclórica, característica extremamente clara percebida em toda observação participante. De todos os informantes, quatro mantêm uma relação íntima da floresta com suas crenças, atribuindo à floresta uma magnitude intangível, embora dois destes morem na área urbana, mas esforçam-se para ir até alguma mata próxima para entrarem em contato com seus guias, orixás e coletarem as plantas requeridas por seus consulentes ou para si próprios, como por exemplo, o informante #7PU já havia iniciado a construção na floresta de sua propriedade (Figura 05) de uma cabana para a entidade espiritual “Cabocla Jurema”, local onde realizará oferendas e cultos a esta entidade e aos demais caboclos.



Figura 05: Cabana em construção na mata para prestar culta a entidade espiritual Cabocla Jurema, em uma propriedade de um sacerdote umbandista em Espigão Alto do Iguaçu-PR.

Fonte: O autor.

¹⁵ Xamã/Sacerdote da etnia indígena Kaingang (HAVERROTH, 2007, p.43).

O informante #MT13 expressou a importância da floresta em sua vida religiosa dizendo: “*Usamos as mata para fazê pedidos, e trazê energias boa, mata virgem trás paz e prosperidades e curas. Até terra de mata virgem cura muito. Sempre pranto muitas frutas nas mata, faço pedidos para os caboclos e eles gosta muito*”. Continua afirmando que uma forma de fazer uma oração aos seus guias é plantar uma muda de pitanga (*Eugenia uniflora* L.), expressando assim a conexão de seu mundo imaginário com o desenvolvimento de uma consciência ecológica. Zank et al. (2014, p.6), em entrevistas com especialistas locais em plantas medicinais de comunidades tradicionais da Floresta Nacional do Araripe (FLONA), de forma semelhante aos informantes de religiosidade afro-brasileira da Região Sudoeste do Paraná, discute que tais especialistas relatam que a floresta traz saúde, por isso preferem sempre ficar próximos a ela, cuidando do ambiente, em conjunto com alimentação e cuidados com a mente, tendo assim um conceito de saúde eco-cultural. Tal conceito leva em consideração a interação dinâmica entre os seres humanos e ecossistemas, enfatizando significados da saúde do ecossistema na saúde e bem-estar das populações humanas (WASHINGTON, 2005, p.52).

Brumana (2005, p.452), estudando o culto afro-brasileiro da Jurema, afirma que o respeito pela floresta e a natureza em sua forma mística é uma questão ideológica essencial para a manutenção destes grupos, pois se uma entidade espiritual pedir alguma oferenda embaixo de uma determinada árvore, os adeptos não podem contrariar, se trata de um princípio geral de todos os cultos afro-brasileiros. Por este fato, os mesmos cuidam bem do ambiente que atribuem como morada de seus Deuses e guias, que zelam com tanto carinho e devoção.

6.4 PLANTAS UTILIZADAS NOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS: UMBANDA E CANDOMBLÉ

A partir da Listagem-Livre foram registrados um total 366 citações, nas quais possuem 177 plantas, o que não era planta, mas foi citado como planta, foi caracterizado também como etnoespécie. Nestas citações, continham também produtos ou partes das plantas como, por exemplo, carvão, frutas com pequenas sementes e flores em geral, que foram considerados etnoespécies, pois era atribuído certo caráter mágico específico para esses elementos dentro do grupo sociocultural estudado. As etnoespécies em geral tiveram um total de 194 denominações diferentes, onde 33 se referiam a uma mesma espécie botânica (Tabela 02). Foram identificadas 161 plantas em nível de espécie, distribuídas em 70 famílias botânicas. Outras 16 plantas não

puderam ser identificadas pela denominação científica com o conhecimento do pesquisador e pelo fato de não ser possível coletá-las, nem registrá-las fotograficamente.

Tabela 02: Listagem livre das etnoespécies (N=194); nomes científicos (N=161); famílias botânicas; citações na Umbanda e Candomblé; Índice de Significado Cultural (ISC); partes utilizadas dos vegetais; funções dos usos; e entidades espirituais regentes das plantas no do contexto religioso afro-brasileiro na Região

Sudoeste do Paraná.

Etnoespécie/Nome vernacular	Nome científico	Família Botânica	Citações Umbanda	Citações Candomblé	ISC	Forma utilizada	Uso	Entidade espiritual regente
Bambu/Taquara	-	Poaceae	2	1	0,75	Folha, caule, folhas	Banhos, decoração Artesanato	Iansã
Barba de Palmeira	-	-	1	0	0,125	Folha	Descarrego, banho	Preto-velho
Cactos	-	Cactaceae	2	1	0,125	Folha	Banhos	Exú
Carazinho pequeno	-	-	1	0	0,125	Folha	Oferenda	Oxalá
Carrapicho alto	-	-	1	0	0,125	Folha	Medicinal (Hematomas, enxume, machucadura)	Caboclos
Carrapicho rasteiro	-	-	1	0	0,125	Folha	Medicinal (abortiva)	Caboclos
Carvão	-	-	1	0	0,125	Produto beneficiado	Transporte, descargas, limpeza	Nenhuma
Cipó	-	-	1	0	0,125	Madeira	Oferenda	Caboclo
Flores em geral	-	-	1	0	0,125	Folha	Banho, oferenda	Nenhuma
Frutas com pequenas sementes.	-	-	1	0	0,0625	Fruto e semente	Oferendas	Xangô
Fumeiro Branco	-	-	1	0	0,125	Casca	Medicinal (antiflamatório)	Caboclos
Gengiva do reino	-	-	1	0	0,125	Folha	Medicinal (amarelão)	Caboclos e Pretos Velhos
Gramma	-	Poaceae	1	0	0,0625	Na natureza	Colocar oferendas	Ciganos e Erês
Leandro	-	-	1	0	0,125	Folha	Medicinal (reumatismo)	Preto-velho Curandor
Palmeirinha	-	-	1	0	0,125	Folha	Medicinal (glicerídio, diabetes)	Preto-velho Curandor
Samambaia	-	-	3	0	0,75	Folhas, brotos, inteira	Banho, medicinal (varizes, circulação, dores), ornamentação	Caboclos, Oxóssi
Sardinha	-	-	1	0	0,125	Folha	Medicinal (infecção dos rins)	Preto-velho Curandor
Vassourinha João Maria	-	-	1	0	0,125	Folha	Medicinal (Cosseira, ferida)	Caboclos
Sininho	<i>Abutilon megapotamicum</i> (A.Spreng.) St.Hil. & Naudin.	Malvaceae	1	0	0,0625	Flores	Ornamentação	Oxum
Marcela	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Compositae	1	0	0,125	Flor	Remédios	Nenhuma
Pimenta Ataré Doce	<i>Aframomum melegueta</i> Roscoe K. Schum	Zingiberaceae	0	1	0,125	Folha e fruto	Tempero, unguento	Exu

Etnoespécie/Nome vernacular	Nome científico	Família Botânica	Citações Umbanda	Citações Candomblé	ISC	Forma utilizada	Uso	Entidade espiritual regente
Ervas São João Maria	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Asteraceae	0	1	0,125	Folha	Banhos	Xangô
Cebola	<i>Allium cepa</i> L.	Liliaceae	1	0	0,0625	Raíz	Dieta para vida saudável	Nenhuma
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Liliaceae	5	0	1,25	Raiz	Proteção, patuá, defumação, limpeza astral, dieta para vida saudável, descarrego, benzimento, medicinal (coração)	Preto-velho, Caboclo, Nenhuma
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.	Liliaceae	1	0	0,125	Folha	Medicinal (Infecção, cicatrizante, vitamina para o cabelo)	Caboclo
Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.	Zingiberaceae	0	1	0,125	Folha	Chá e banho	Iemanjá
Penicilina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae	2	0	0,25	Folhas	Banho, Medicinal (gastrite, amarelão)	Xangô, Caboclos e Pretos Velhos
Piriquitinho	<i>Alternanthera ficoidea</i> (L.) P. Beauv.	Amaranthaceae	0	1	0,125	Folha	Banhos	Ogum
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> L.	Bromeliaceae	1	0	0,125	Fruto	Medicinal (pulmão)	Preto-velho
Amendoim	<i>Arachis hypogaea</i> L.	Fabaceae	1	1	0,25	Semente, raíz	Oferenda	Ossãe e Omulu
Pinheiro	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	Araucariaceae	1	0	0,125	Folha	Descarrego, banho	Preto-velho
Margaridas	<i>Argyranthemum frutescens</i> (L.) Sch.Bip.	Asteraceae	1	0	0,0625	Flores	Ornamentação	Preta-Velha
Cipó-Milome/Milome	<i>Aristolochia elegans</i> Mast.	Aristolochiaceae	3	0	0,375	Caule	Medicinal (Antiinflamatório, anticoagulante, gastrites, úlceras, infecções urinárias)	Oxóssi, Preto-velho, Caboclo
Arnica	<i>Arnica montana</i> L.	Asteraceae	2	1	0,75	Folha	Banho, Chás, Medicinal (ferimentos), Defumação, Descarrego	Oxum, Caboclo
Batata-salsa	<i>Arracacia xanthorrhiza</i> Bancr.	Apiaceae	1	0	0,125	Raíz	Medicinal (infecção intestinal)	Preto-velho
Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Asteraceae	1	1	0,25	Folha e fruto	Banhos, Oferendas, Medicinal (gengivite, mau hálito, dores de garganta)	Orixás múltiplos, Preto-velho
Artemísia	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Asteraceae	1	0	0,125	Flor	Medicinal (disfunção menstrual)	Preto-velho João da Angola
Beladona	<i>Atropa belladonna</i> L.	Solanaceae	1	1	0,25	Folha	Banhos e Medicinal (Antiinflamatório)	Exú e Caboclos
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Oxalidaceae	0	1	0,0625	Fruto	Oferenda	Exú
Alecrim de Campo	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Asteraceae	0	1	0,125	Folha	Banhos e chás	Oxóssi

Etnoespécie/Nome vernacular	Nome científico	Família Botânica	Citações Umbanda	Citações Candomblé	ISC	Forma utilizada	Uso	Entidade espiritual regente
Carquejo	<i>Baccharis trimera</i> (Less) DC	Asteraceae	2	1	0,375	Folha, galho	Medicinal (fígado, diabetes)	Exú, Preto-velho Curandor, Caboclos e Pretos Velhos
Pata de Vaca	<i>Bauhinia forficata</i> Link.	Fabaceae	2	3	2,5	Folha e flor	Chá e banho, Medicinal (Infecção), Defumações	Iemanjá, Ogum, Preto-velho Curandor, Caboclos
Castanha	<i>Bertholletia excelsa</i> H.B.K.	Lecythidaceae	1	0	0,0625	Folha, fruto	Simpatias, multiusos	Ubirajara
Beterraba	<i>Beta vulgaris</i> L.	Amaranthaceae	1	0	0,0625	Raíz	Dieta para vida saudável	Nenhuma
Picão Preto	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	1	1	0,25	Folha e raiz	Banhos e Medicinal	Exú e Preto-velho Curandor
Couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	Brassicaceae	2	0	0,25	Folha	Medicinal (gastrite, úlcera) e Dieta para vida saudável	Preto-velho João da Angola/Nenhuma
Repolho	<i>Brassica oleracea</i> var. <i>Capitata Rubra</i>	Brassicaceae	1	0	0,0625	Folha	Dieta para vida saudável	Nenhuma
Feijão cavalo	<i>Cajanus cajan</i> (L. Millsp.)	Fabaceae	1	0	0,125	Semente	Oferenda para Ogum	Ogum
Quebra-Tudo/Quebra-feitiço	<i>Calea pinnatifida</i> (R. Br.) Less	Asteraceae	3	1	1	Folha	Banhos e oferendas, chás, defumação, quebrar demandas	Orixás múltiplos, Caboclos e Pretos Velhos
Guavirova	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> O.Berg	Myrtaceae	4	0	1	Folha, fruto, sementes	Oferenda, defumação, dinheiro, medicinal, medicinal (pressão baixa, diabetes), ritual (defumação e descarrego)	Ogum, Caboclos e Pretos Velhos
Maconha	<i>Cannabis sativa</i> L.	Cannabaceae	0	1	0,0625	Planta inteira	Assentamento	Ossãe
Pimentão	<i>Capsicum annuum</i> L.	Solanaceae	1	0	0,125	Fruto	Oferendas, Trabalhos de cura	Exu Dr. Pimenta
Pimenta dedo moça	<i>Capsicum b. var. pendulum</i> (Willd.) Eshbaugh	Solanaceae	0	1	0,125	Folha e fruto	Banhos e oferendas, chás	Orixás múltiplos
Pimenta Malagueta	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Solanaceae	1	0	0,0625	Fruto	Amuleto	Preto-velho João da Angola
Pimenta	<i>Capsicum</i> spp.	Solanaceae	3	0	0,75	Frutos, folha inteira	Oferenda, descarrego, banho, medicinal (colesterol, coração)	Exu pimenta, Preto-velho, Caboclos
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	0	1	0,0625	Fruto	Oferenda/ Simbolismo utero-ovários	Iemanjá/Oxum
Tajuá	<i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.	Cucurbitaceae	1	0	0,125	Raíz	Medicinal (quebrar pedras nos rins)	Preto-velho Curandor
Cedro	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Meliaceae	1	0	0,125	Casca	Medicinal (infecção)	Preto-velho Curandor
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> J.Presl	Lauraceae	2	0	0,25	Pó e folha	Medicinal (unheiras, frieiras, micoses, chulé, amarelão) e tirar azar	Caboclos e Pretos Velhos, Oxóssi
Tarumã Branco	<i>Citharexylum myrianthum</i> CHAM.	Vernebaseae	1	0	0,125	Casca do meio	Medicinal (diabete)	Caboclos

Etnoespécie/Nome vernacular	Nome científico	Família Botânica	Citações Umbanda	Citações Candomblé	ISC	Forma utilizada	Uso	Entidade espiritual regente
Lima	<i>Citrus limettioides</i> (Christm.) Swingle	Rutaceae	1	0	0,125	Folha	Medicinal (Calmante, abaixa pressão)	Caboclos
Limão	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Rutaceae	1	1	0,5	Folha e Fruto	Chá, Banho, Alimento, Caipira pra oferenda, neutralizar energias	Nenhuma, Exu João Caveira pra Oferenda
Vergamoteira	<i>Citrus reticulata</i> Blanco.	Rutaceae	2	0	0,25	Folhas, galhos frutos	Banho, chás, oferendas, defumação, incenso	Caboclos, Preto-velho João da Angola
Laranja	<i>Citrus sinensis</i> L.	Rutaceae	6	1	3,5	Folhas, galhos frutos, flor	Banho, oferendas, trabalhos de cura, defumação, incenso, dieta para vida saudável, descarrego, medicinal (acalmar, estômago)	Caboclos, Preto-velho João da Angola, Nenhuma, Oxum, Oxossi, Exu Rei Ganga, Pomba-gira
Coqueiro/Mariô	<i>Cocos nucifera</i> Linn.	Arecaceae	1	3	2	Folha, fruto, planta inteira	Proteção, oferendas, banho, amuleto	Ogum, Baianos, Baiano Tranca-Gira Baiano, Baiano Zé do Côco
Café	<i>Coffea arabica</i> L.	Rubiaceae	2	1	0,75	Semente triturada, em pó, folha	Defumação, oferenda, banho, descarrego, consumo	Pretos-Velhos, Ossãe
Lágrima de N. Sra	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Poaceae	0	1	0,125	Folha	Chá e banho	Iemanjá
Obi	<i>Cola acuminata</i> (P. Beauv.) Schott & Endl.	Sterculiaceae	0	1	0,25	Folha	Fundamentos, obrigação, banho	Todos
Inhami	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott.	Araceae	0	1	0,125	Folha, caule, folha	Oferenda, remédio	Oxalá
Erva de Sta. Luzia	<i>Commelina nudiflora</i> L.	Comelinaceae	0	2	0,25	Folha	Banho e chá	Oxum, Ossãe
Teteregun	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) S.w.	Costaceae	0	2	0,25	Folha e tronco	Banhos e oferendas, chás	Oxóssi, Orixás múltiplos
Pepino	<i>Cucumis sativus</i> L.	Cucurbitaceae	2	0	0,25	Fruto	Dieta para vida saudável , medicinal (pressão alta)	Nenhuma, Preto-velho João da Angola
Moranga	<i>Cucúrbita máxima</i> L.	Cucurbitaceae	1	0	0,0625	Fruto	Oferendas	Caboclo
Abóbora	<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne ex Poir.	Cucurbitaceae	2	0	0,25	Semente, fruto	Medicinal (alergia, desverminante)	Preto-velho João da Angola, Preto-velho Curandor
Sete sangrias	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	Lythraceae	1	0	0,125	Folha	Medicinal (amarelão)	Caboclos e Pretos Velhos
Cenoura	<i>Daucus carota</i> L.	Apiaceae	2	0	0,25	Raíz	Dieta para vida saudável , Ebó	Nenhuma, Omulu
Maria mole	<i>Dendropanax cuneatum</i> (D.C.) Dcne et Planch.	Araliaceae	1	0	0,125	Folha (frita)	Medicinal (Cólicas, compressas, dores de ouvidos e gargantas)	Caboclos
Cravo	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Caryophyllaceae	1	1	0,25	Folha	Banho, bons fluídos	Oxalá, Exu Zé Pelintra
Comigo ninguém pode	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott	Araceae	1	2	0,75	Folha	Banho, patuá, ornamentação, repelente	Iemanjá, Exú, Caboclos
Cará (Inhame Grande)	<i>Dioscorea alata</i> L.	Araceae	0	1	0,25	Folha	Oferenda ou Bori	Ogum
Macaçá Peregun	<i>Dracaena fragrans</i> (L.) Ker Gawl.	Ruscaceae	0	1	0,125	Iniciação	Fundamentos, obrigação	Ogum

Etnoespécie/Nome vernacular	Nome científico	Família Botânica	Citações Umbanda	Citações Candomblé	ISC	Forma utilizada	Uso	Entidade espiritual regente
Chapéu de couro	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltr.)	Alismataceae	1	0	0,125	Folha	Medicinal (antiflamatório)	Caboclos
Dendê	<i>Elaeis guineensis</i> L.	Areceaceae	0	1	0,125	Azeite	Oferenda	Exu
Jibóia	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl	Araceae	0	1	0,125	Folha	Oferenda e Banho	Oxumare
Cavalinha	<i>Equisetum giganteum</i> L.	Equisetaceae	0	2	0,25	Folha	Chá e banho	Iemanjá, Iansã
Eucalipto	<i>Eucalyptus</i> sp.	Myrtaceae	3	2	2,5	Folha	Banhos e chás, descarrego, defumação, medicinal (sinuzite), ritual (defumação, descarrego)	Preto-velho, Exu, Caboclos
Laranjinha do mato	<i>Eugenia myrcianthes</i> Nied	Myrtaceae	1	0	0,125	Galho	Medicinal (bronquite)	Oxóssi
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	3	3	3	Folha e Frutos	Oferenda- Decoração, Banhos e oferendas, chás, descarrego, medicinal (diarreia, diabetes, refrescante), dinheiro	Oxóssi, Iansã, Caboclos e Pretos Velhos, Exu, Caboclos
Unha de gato	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Cactaceae	1	0	0,125	Raíz	Medicinal (Infecção urinária, diurético)	Caboclos
Figueira	<i>Ficus</i> sp.	Moraceae	1	0	0,125	Folhas, galhos	Banho, Oferendas na árvore	Sr. Figueira
Carrapeta	<i>Guarea guidonia</i> (L.) Sleumer.	Lamiaceae	0	1	0,125	Folha	Banhos e chás	Ossãe
Girassol	<i>Helianthus</i> sp. L.	Asteraceae	1	0	0,125	Folha	Fortuna, descarrego, banhos	Ogum do Sol, Caboclo Gira Sol
Cevada	<i>Hordeum vulgare</i> L.	Poaceae	1	0	0,125	Bebida alcólica.	Oferenda	Ogum
Erva-Mate	<i>Ilex paraguariensis</i> A. St. Hil.	Aquifoliaceae	1	0	0,125	Folha triturada	Defumação	Nenhuma
Anísio Estrela	<i>Illicium verum</i> Hook..	Illiciaceae	0	2	0,25	Flor, folhas	Oferendas	São Cosme e Damião
Beijinho	<i>Impatiens walleriana</i> L.	Balsaminaceae	1	0	0,0625	Folha, raiz	Nascimento de santo de Iemanjá, oferenda, descarrego	Iemanjá, Oxumaré, Exu, Oxóssi, Omulu
Batata-Doce	<i>Ipomea batatas</i> L.	Convolvulaceae	1	2	0,375	Flor	Banho	Iemanjá
Jasmin	<i>Jasminum</i> sp.	Oleaceae	0	1	0,125	Semente, folha	Óleo, banho, chás	Exu, Preto-velho
Pinhão Roxo	<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae	0	2	0,25	Folha e espinho	Medicinal (Diurético, coração)	Caboclos e Pretos Velhos
Cancorosa	<i>Jodina rhombifolia</i> (Hook. & Arn.) Reissek.	Santalaceae	2	0	0,25	Folha	Medicinal (cicatrizante, dores musculares, intestino, esteoporose, áfitas, calos, inflamação na garganta).	Xangô, Oxalá, Oxóssi

Etnoespécie/Nome vernacular	Nome científico	Família Botânica	Citações Umbanda	Citações Candomblé	ISC	Forma utilizada	Uso	Entidade espiritual regente
Folha da Fortuna	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.)	Crassulaceae	1	2	0,75	Cabaça	banho, unguento, prosperidade	Todos
Purungo	<i>Lagenária vulgaris</i> L.	Cucurbitaceae	0	1	0,125	Folha	Banhos, oferendas, jogos, iniciação	Iansã, Oxóssi
Louro	<i>Laurus nobilis</i> L.	Lauraceae	1	2	0,75	Folha	Todos os usos, aberturas, banho, defumação, patuá, chá, dinheiro, negócios	Oxum, Caboclos, Ogum, Iansã, Oxalá
Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Lamiaceae	4	2	3	Flores	Banho, perfume, loção, desinfetante, ritual (defumação, descarrego), medicinal (calmante, pulmão)	Oxum
Lírios	<i>Lillium sp.</i>	Liliaceae	1	0	0,125	Folha	Oferenda	Ossãe, Iemanjá
Cipó Abre Caminhos ou Ewe Lorogún	<i>Lygodium volubile</i> Sw.	Lygodiaceae	0	1	0,125	Folha	Banhos e chás	Ogum
Malva	<i>Malva sylvestris</i> L.	Malvaceae	2	0	0,25	Folha	Banhos oferendas	Nenhuma, Caboclos
Mangueira	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	2	1	0,375	Fruto, folhas	Remédio para infecções, medicinal (antiinflamatório)	Exu, menos Iansã, São Cosme e Damião, Preto-velho Curandor
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Euphorbiaceae	1	1	0,25	Raiz	Oferenda, medicinal	Exú, Omulu
Camomila	<i>Matricaria recutita</i> L.	Asteraceae	0	1	0,125	Folha	Oferenda, ebó	Oxum
Espinheira Santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reiss.	Celastraceae	1	0	0,125	Folha	Banho e chá	Nenhuma
Erva Cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	0	1	0,125	Folha	Remédios estômago	Oxum
Alevante	<i>Mentha spicata</i> L.	Lamiaceae	2	1	0,75	Folha	Banho e chá	Xangô, Oxóssi, Caboclo
Cipó Peludo/ Erva de Boiadeiro	<i>Microgramma vacciniifolia</i> (Langsd. & Fisch.) Copel.	Polypodiaceae	1	1	0,25	Folha, cipó	Xarope, Tempero, Obrigação, Descarrego, Dinheiro, negócios	Banhos, medicinal
Guaco	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Asteraceae	1	0	0,125	Folha	Banhos, medicinal	Oxóssi, Preto-velho Curandor
Iroko	<i>Milicia excelsa</i> (Welw.) C.C. Berg	Moraceae	0	1	0,25	Iniciação	Medicinal (gripe, febre)	Preto-velho João da Angola
Dormideira	<i>Mimosa pudica</i> L.	Fabaceae	0	1	0,125	Folha	Fundamentos, obrigação	Iroko
Bananeira da Terra	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Musaceae	0	1	0,125	Folha, fruto	Banhos	Iansã
							Consumo, oferenda, xarope, acaçá	Obara

Etnoespécie/Nome vernacular	Nome científico	Família Botânica	Citações Umbanda	Citações Candomblé	ISC	Forma utilizada	Uso	Entidade espiritual regente
Bananeira	<i>Musa sp.</i>	Musaceae	2	2	2	Folha, fruto, planta inteira	Oferendas-Prato, Dieta para vida saudável, açaá, oferendas	Oxóssi, Caboclo (fruto), Oxum, Exu João Caveira, Nenhuma, Exu Caboclos e Pretos Velhos
Nós moscada	<i>Myristica fragrans</i> Gronov.	Myristicaceae	1	0	0,125	Folha e pó	Medicinal (amarelão)	Caboclos e Pretos Velhos
Agrião	<i>Nasturtium officinale</i> R. Br.	Brassicaceae	0	1	0,125	Folha	Banhos	Oxum
Akokô	<i>Newboldia laevis</i> Seem.	Bignoniaceae	0	1	0,25	Iniciação	Fundamentos, obrigação	Todos
Tabaco	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Solanaceae	2	1	1,5	Folha	Fumar, banhos, afastar maus espíritos, chás, oferendas	Nenhuma, Ossãe, Caboclos e Pretos Velhos
Manjeriço Branco	<i>Ocimum americanum</i> L.	Lamiaceae	0	1	0,125	Folha	Banho, chá, tempero, sacudimento, obrigação	Oxalá
Manjeriço/Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	0	4	2	Folha e hastes	Banho e chá, oferendas	Oxum, Xangô, Orixás Múltiplos, Iansã
Manjerona	<i>Origanum majorana</i> L.	Lamiaceae	1	3	1	Folha	Banho, limpeza e remédios, chás, defumação, incenso	Iemanjá, Preto-velho, Preto-velho João da Angola, Todos
Arroz	<i>Oryza sativa</i> L.	Poaceae	1	0	0,125	Semente	Prosperidade, tirar azar, jogar no corpo	Ogum
Angico	<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan	Fabaceae	1	0	0,125	Casca	Medicinal (problemas respiratórios)	Oxóssi
Oriri	<i>Peperomia pellucida</i> (L.)	Piperaceae	0	1	0,25	Iniciação	Fundamentos, obrigação, banho	Oxum
Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	5	0	1,25	Folha, fruto, caroço	Medicinal (Rins, amarelão, intestino preso), dieta para vida saudável, negócios, amor	Nenhuma, Preto-velho João da Angola, Preto-velho Curandor, Caboclo
Guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae	10	5	7,5	Folha, raiz	Limpeza, patuás, descarrego, defumação, banhos, chás, oferendas, limpeza em vassoura, incenso, amuleto, urgumento, ritual (defumação e descarrego), simpatias	Pretos-Velhos, Exus, Orixás Múltiplos, Oxóssi, Caboclos, Preto-velho João da Angola, Iansã, Pai Guiné
Salsa	<i>Petroselinum sativum</i> Hoffm.	Apiaceae	1	0	0,125	Folha	Medicinal (amarelão)	Caboclos e Pretos Velhos
Feijão Preto	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Fabaceae	0	1	0,125	Semente	Oferenda	Ogum
Banana Mico	<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott ex Endl.	Araceae	1	0	0,25	Folha	Medicinal (cicatrizante, antibiótico)	Oxóssi
Pau amargo	<i>Picrasma crenata</i> (Vell.) Engl.	Simaroubaceae	2	0	0,25	Folha, madeira	Medicinal, medicinal (colesterol e diabete)	Preto-velho Curandor, Caboclos
Dinheirinho	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Urticaceae	1	0	0,0625	Folha	Sorte, proteção contra inveja, murcha quando vem energia negativa	Nenhuma

Etnoespécie/Nome vernacular	Nome científico	Família Botânica	Citações Umbanda	Citações Candomblé	ISC	Forma utilizada	Uso	Entidade espiritual regente
Jaborandi	<i>Pilocarpus pennatifolius</i> Lem.	Rutaceae	1	0	0,125	Folha, talo	Medicinal (infecção)	Preto-velho Curandor
Pinus	<i>Pinus sp.</i>	Pinaceae	1	0	0,125	Folha	Descarrego, banho	Preto-velho
Pimenta Preta	<i>Piper nigrum</i> L.	Piperaceae	1	0	0,0625	Fruto	Amuleto	Preto-velho João da Angola
Papiparoba /Pariparova	<i>Piper umbellatum</i> L.	Piperaceae	2	1	0,375	Folha, tronco e raíz	Banhos e chás, Medicinal (Gripe, tosse e resfriado)	Oxóssi, Caboclos e Pretos Velhos
Tanchais	<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	2	0	0,25	Raíz, folha	Medicinal (antiinflamatório, amarelão)	Caboclos e Pretos Velhos
Boldo/Ewé Babá	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Lamiaceae	4	4	4	Folha	Descarrego, Medicinal (calmante, fígado, estômago) banhos da cabeça aos pés (única utilizada na cabeça), limpeza	Oxalá, Nenhuma, Caboclos, Pretos Velhos, Oxaguiã
Erva de bicho/ Rabo de Cachorro	<i>Polypogon elongatus</i> Kunth.	Polygonaceae	2	0	0,25	Folha	Medicinal (Coceira, hemorróida, sarna, banho, infecção)	Caboclos
Ameixa	<i>Prunus domestica</i> L.	Rosaceae	1	0	0,125	Folha	Medicinal (amarelão)	Caboclos e Pretos Velhos
Pesego	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	Rosaceae	0	1	0,125	Folha	Banho, descarrego	Caboclo/Iansã
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Punicaceae	0	1	0,0625	Fruto	Oferenda-decoração	Iansã
Maça	<i>Pyrus malus</i> L.	Rosaceae	3	0	0,375	Fruto	Oferendas, dieta para vida saudável, medicinal (prevenção de câncer, hemorróida, pulmão)	Pomba-Gira, nenhuma, Preto-velho Curandor
Mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	Euphorbiaceae	1	3	1	Folha	Limpeza e descarrego, ebós, banhos, tirar egum, benzimento	Exu, Ogum,
Rosa	<i>Rosa sp.</i> L.	Rosaceae	5	1	1,5	Flor, Folhas, talo, pétala	Oferendas, descarrego, banhos, bons fluídos	Pomba-Gira Rainha das Rosas, Pomba-Gira 7 Saias, Pomba-Gira, Caboclos, Oxalá
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	8	1	4,5	Folhas	Banho, defumação, pressão arterial, incenso, benzimento, descarrego, ritual (defumação, descarrego), medicinal (coração, estresse, circulação de sangue)	Caboclos, Yansã, Preto-velho João da Angola, Caboclos, Pretos Velhos, Oxóssi, Nenhuma
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	11	5	8	Folha	Benzimentos, Limpeza, descarrego, defumação, banhos, chás, oferendas, abortiva, cólicas, incenso, amuleto, ritual (defumação, descarrego, benzimento)	Pretos-Velhos, Exus, Orixás Múltiplos, Oxum, Preto-velho João da Angola, Caboclos, Oxóssi, Pai Arruda

Etnoespécie/Nome vernacular	Nome científico	Família Botânica	Citações Umbanda	Citações Candomblé	ISC	Forma utilizada	Uso	Entidade espiritual regente
Cana	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Poaceae	1	0	0,125	Açúcar mascavo	Descarrego, banho	Preto-velho
Chorão	<i>Salix babylonica</i> Linn.	Salicaceae	0	2	0,25	Folha	Banhos	Exú, Oxóssi
Sálvia	<i>Salvia officinalis</i> L.	Lamiaceae	1	0	0,125	Folha	Chá, tempero	Não tem
Salvia chilena	<i>Salvia splendens</i> Sellow ex J.A. Schultes	Lamiaceae	1	0	0,125	Galho	Medicinal (fígado, vesícula, congestão)	Preto-velho João da Angola
Salvinha	<i>Salvinia auriculata</i> Aubl.	Salviniaceae	1	0	0,125	Folha	Medicinal (fígado)	Preto-velho Curandor
Serralha	<i>Sanctus oleraceus</i> L.	Asteraceae	1	0	0,125	Folha	Medicinal (calmante)	Preto-velho Curandor
Lança de Ogum	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer.	Asparagaceae	1	1	0,25	Folha	Banho, proteção, defesa astral	Ogum
Espada de São Jorge/Espada de Ogum/Espada de Iansã /Espada de Santa Rita	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain.	Asparagaceae	9	3	6	Folha	Banhos, proteção, defesa astral, descarrego, defumação, limpezas, colocar em locais, amuleto, passes	Ogum, Iansã, Oxum, Preto-velho João da Angola, Preto-velho, Caboclos
Aroeira	<i>Schinus spp.</i>	Anacardiaceae	0	3	0,375	Folha e galhos	Filtro/Proteção, banhos, descarrego, oferenda	Iansã, Ogum, Exu
Chuchu	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Swartz	Cucurbitaceae	1	0	0,125	Fruto	Medicinal (hemorróidas)	Preto-velho Curandor
Guanxuma	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Malvaceae	1	0	0,125	Raíz	Medicinal (fígado)	Preto-velho Curandor
Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Solanaceae	1	1	0,25	Folha, fruto, raíz	Oferenda, Banho, Consumo, medicinal (próstata)	Iansã, Preto-velho João da Angola
Batata	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Solanaceae	1	0	0,125	Raíz	Oferenda	Omulu
Gervão	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> . LC. Rich. Vahl.	Verbenaceae	1	0	0,125	Folha	Medicinal (Estômago e fígado)	Caboclos
Erva Passarinho	<i>Struthanthus flexicaulis</i> (Mart. ex Schult. f.) Mart.	Loranthaceae	0	1	0,125	Folha	Banhos e chás	Ossãe
Barbatimão	<i>Stryphnodendron barbatimam</i> Mart.	Fabaceae	0	1	0,125	Folha	Banhos	Xangô
Ipê-Roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Bignoniaceae	1	0	0,125	Casca	Medicinal (câncer)	Oxóssi
Catinga de Mulata/ Catinga Mulata/Mulata	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Asteraceae	4	0	1	Folhas	Medicinal (machucaduras, dores, feridas.), defumação, descarrego	Exu Pimenta. Preta Velha, Preto-velho João da Angola, Caboclos, Pretos Velhos, Oxóssi
Trigo	<i>Triticum spp.</i> L.	Poaceae	1	0	0,125	Semente	Prosperidade	Ogum
Urtigão	<i>Urtica baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	Urticaceae	2	1	0,375	Folha, raiz	Banhos , medicinal (infecção urinária, gonorréia, corrimento, diurético)	Exu, Oxóssi, Caboclos

Etnoespécie/Nome vernacular	Nome científico	Família Botânica	Citações Umbanda	Citações Candomblé	ISC	Forma utilizada	Uso	Entidade espiritual regente
Urtiga Miúda	<i>Urtica urens</i> L.	Urticaceae	0	1	0,125	Raíz	Chá	Exu
Arsapeixe	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Asteraceae	1	0	0,125	Raíz	Medicinal (Infecção urinária, diurético)	Caboclos
Feijão Fradinho	<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp	Fabaceae	0	1	0,125	Semente	Oferenda e fazer Acarajé	Oxum/Logunedé/iansã
Amor Perfeito	<i>Viola x wittrockiana</i> L.	Violaceae	0	1	0,125	Folha	Banhos	Iansã
Tarumã	<i>Vitex montevidensis</i> L.	Verbenaceae	1	0	0,125	Folha	Medicinal (Pressão alta)	Preto-velho Curandor
Uva	<i>Vitis sp.</i>	Vitaceae	1	1	0,25	Fruto	Oferenda, medicinal (anemia)	Iemanjá, Preto-velho João da Angola
Milho (seco/verde/pipoca)	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	4	2	3	Cabelo seco, grão, fruto	Bexiga e rim, outros trabalhos, oferenda, libera energia de filtrar, descarga no cemitério, atrair dinheiro	Oxóssi, Odé, Logunedé, Preto-velho, Ogum, Caboclos, Nenhuma
Gengibre	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe.	Zingiberaceae	1	0	0,125	Raíz	Oferenda, remédio	Exu Pimenta

Entre todas as plantas mencionadas por diferentes informantes, as famílias botânicas (Figura 06) que foram mais expressivas de acordo com as citações foram Lamiaceae (31 citações), Asteraceae (31 citações) e Rutaceae (26 citações). Em diversos trabalhos etnobotânicos com grupos socioculturais que possuem uma relação espiritual com as plantas, como, por exemplo, a pesquisa realizada por Ávila (2012, p.41) com benzedeiros de Garopaba e Imbituba-SC, e por Maciel & Neto (2006, p. 70), em pesquisas com benzedores em Juruena-MT, as famílias Lamiaceae, Asteraceae e Rutaceae também foram as três famílias que obtiveram a maior representatividade amostral. Essas famílias possuem muitas plantas com concentrações consideráveis de substâncias que contêm atividade biológica (PINTO; AMOROZO & FURLAN, 2006, p.754) e estão presentes em muitos trabalhos etnobotânicos realizados na Mata Atlântica (GIRALDI, 2009, p.397; PINTO; AMOROZO & FURLAN, 2006, p.754).

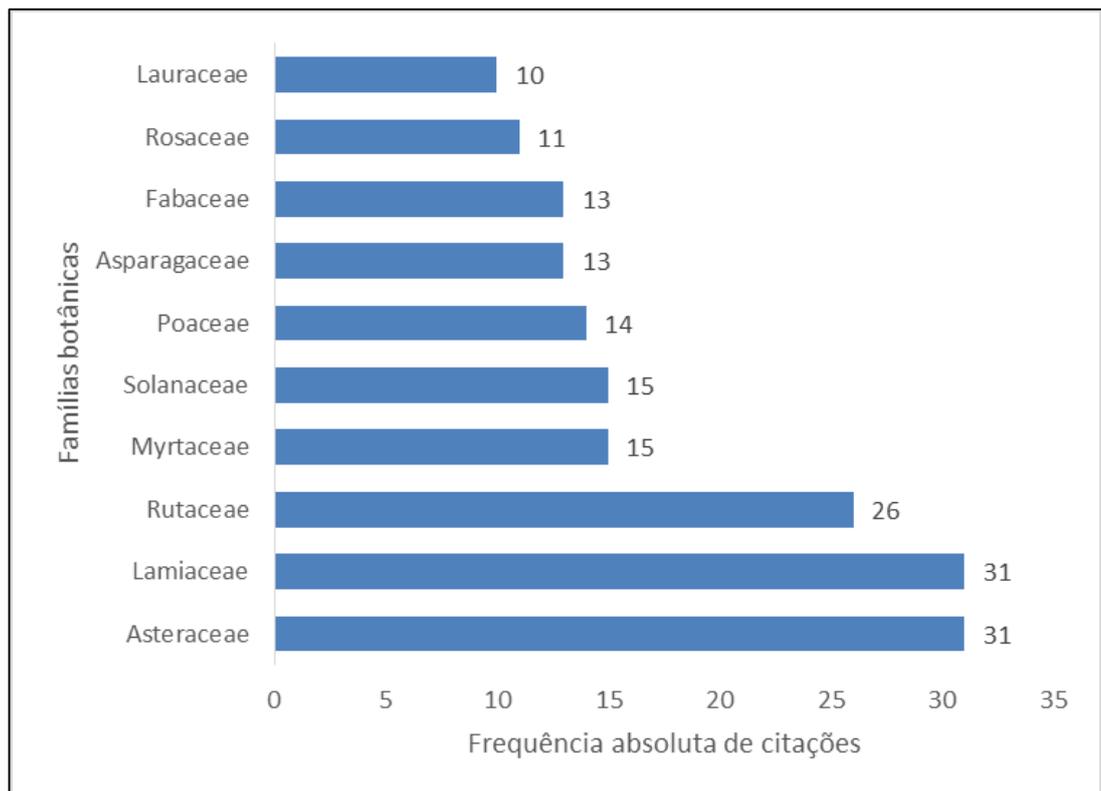


Figura 06: Distribuição de frequência absoluta de famílias botânicas (N=10) das etnoespécies citadas (N=179) de maior ocorrência em cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná.

Fonte: O autor.

As famílias botânicas que foram mais expressivas nesta pesquisa, também possuem destaque em seus usos medicinais em diversos locais. Segundo Souza & Brito (1993, p. 57), as

famílias Asteraceae e Fabaceae compõem juntas 25% das plantas com potencial farmacológico entre as listadas. Na região Sudoeste do Paraná essas duas famílias juntas representam um total de 24, 8%. As plantas da família Asteraceae possuem uma diversidade de metabólitos secundários que tem propriedades medicinais úteis, servindo como antibióticos, analgésicos e anti-inflamatórios, como por exemplo, *Bidens pilosa* L. (picão-preto) e *Matricaria recutita* L. (camomila) (LORENZI & MATOS, 2008, p. 107-166). Caracterizando uma família com alta diversidade de espécies e ampla distribuição geográfica por conta da grande capacidade de adaptação ambiental (RODRIGUES; CARVALHO, 2008, p. 95).

Ambas famílias são populares por possuírem princípios bioativos reconhecidos pela maioria da população estudada. Albuquerque (2001, p.143) diz que a família Lamiaceae tem grande ocorrência dentro de cultos afro-brasileiros devido às propriedades aromáticas das plantas que constituem essa família botânica, e são próprias para realização de banhos de descarrego e amacis¹⁶, como por exemplo, *Plectranthus barbatus* Andr. (boldo), *Ocimum basilicum* L.(manjeriçã), *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), *Mentha gentilis* L. (alevante).

Liporacci (2014, p. 58), em sua revisão bibliográfica de cunho etnobotânico a cerca de plantas medicinais e alimentícias utilizadas na Mata Atlântica e na Caatinga, afirma que as famílias Asteraceae, Lamiaceae, Fabaceae, Solanaceae, Euphorbiaceae e Myrtaceae tiveram representatividade de usos medicinais em diversos biomas brasileiros e também mundialmente. Os diversos exemplos citados no trabalho de Liporacci (2014, p. 58) demonstram a representatividade das famílias (Asteraceae, Lamiaceae, Fabaceae, Solanaceae, Euphorbiaceae e Myrtaceae), por exemplo, no Cerrado (CASTELUCCI et al; 2000, p.53), Amazônia (RODRIGUES, 2006, p. 381-386), Pantanal (OLIVEIRA et al; 2011, p. 4-5), Pampa (VENDRUSCULO & MENTZ, 2006, p. 86-97), na Índia (SIVASANKARI et al., 2013, p. 977), Paquistão (ULLAH et al; 2013, p. 920-922), Bangladesh (KADIR et al., 2012, p.4), Turquia (SARGIN et al., 2013, p. 863-869) e México (JUÁREZ-VÁZQUEZ et al., 2013, p.523-525). Constatou-se que as mesmas famílias botânicas citadas na revisão de Liporacci (2014, p. 58) foram registradas nos templos de Umbanda e Candomblé da Região Sudoeste do Paraná, como pode ser observado na Figura 06.

As espécies mais citadas tiveram de 6 a 16 citações conforme se pode perceber na Tabela 02; dentre elas estão plantas como *Ruta graveolens* L. (arruda) (Figura 07), *Petiveria alliacea* L. (guiné), *Sansevieria trifascata* Prain. (espada de são jorge), *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), *Plectranthus barbatus* Andr. (boldo), *Citrus sinensis* L. (laranjeira), *Eugenia*

¹⁶ Ritual com ervas maceradas misturadas na água de cachoeira para lavar a cabeça do médium umbandista, com a finalidade de despertar suas faculdades mediúnicas (CARACCIO, 2012, p.1).

uniflora L. (pitangueira), *Zea mays* L. (milho), *Rosa sp.* (roseira) *Lavandula angustifolia* Mill. (alfazema). As plantas *R. graveolens* L. (arruda) obteve o valor de 8 em seu Índice de Significado Cultural (ISC) e *P. alliaceae* L. (guiné) obteve o valor de 7,5 sendo as mais citadas neste trabalho, juntamente com maiores ISC, foram trazidas da África e da Europa, já com utilizações mágico-religiosas e com usos terapêuticos e tóxicos conhecidos (LORENZI; MATOS, 2008, p. 416-477). Liporacci (2014, p. 70) afirma que *R. graveolens* L. (arruda), *P. alliaceae* L. (guiné), *R. officinalis* L.(alecrim) e *S. trifasciata* (espada de são jorge), são as mais citadas em usos ritualísticos no bioma Mata Atlântica. Segundo Medeiros (2013, p.734), as espécies *R. Graveolens* L.(arruda), *R. officinalis* L. (alecrim) e *P. barbatus* Andr. (boldo) possuem grande importância relativa, da mesma forma que apareceram neste trabalho. Segundo a mesma autora, estas espécies possuem ampla distribuição e são cultivadas nas mais diversas partes do Brasil.

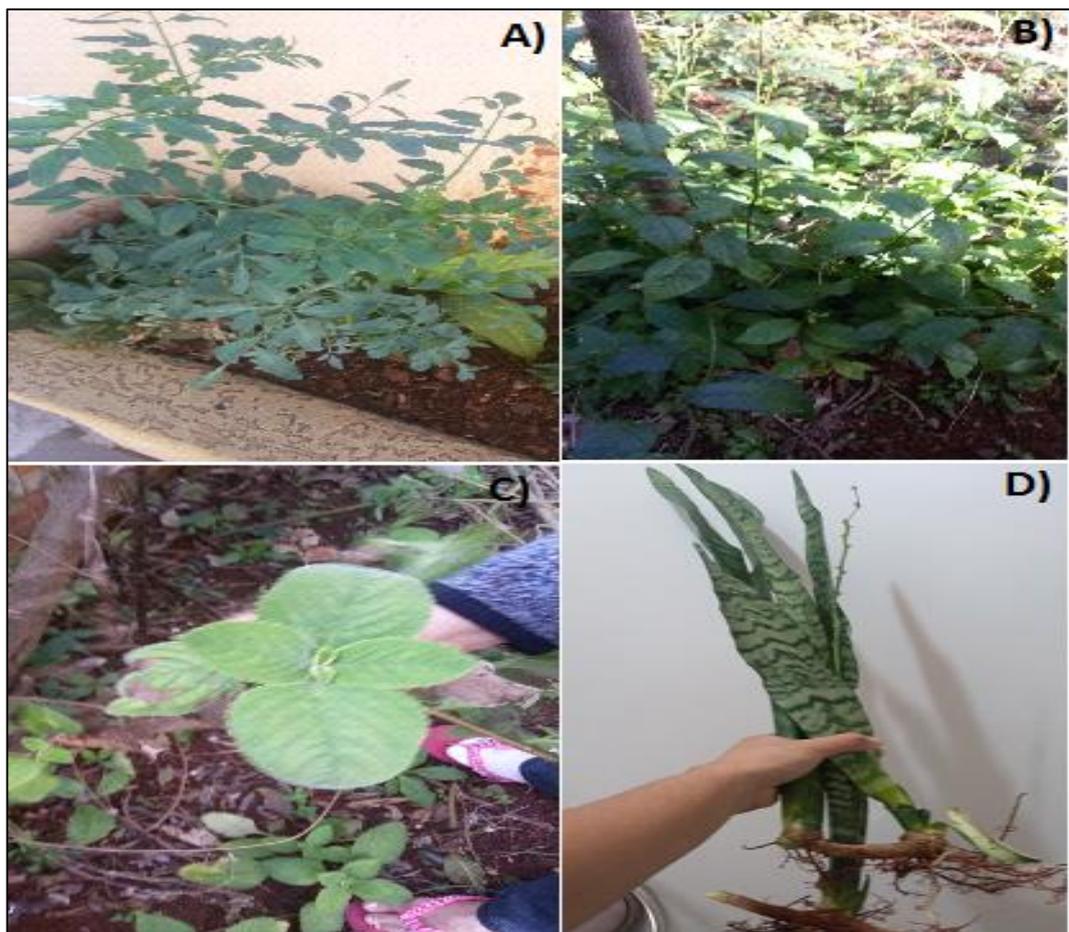


Figura 07: Plantas citadas com maiores frequências e ISC em cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná. A) *Ruta graveolens* L; B) *Petiveria alliaceae* L; C) *Plectranthus barbatus* Andr; D) *Sansevieria trifasciata* Prain.

Fonte: O autor.

Houveram espécies como por exemplo *Cocos nucifera* Linn. (mariô), *Ricinus communis* L. (mamona), *Ocimum basilicum* L. (manjeriçã), *Schinus spp.* (aroeira), *Origanum majorana* L. (manjerona) e o bambu/taquara (subfamília Bambusoideae) que tiveram maiores citações em terreiros de Candomblé do que em terreiros de Umbanda ($p < 0,05$). Também houve aquelas plantas que foram amplamente citadas na Umbanda em comparação ao Candomblé, como o caso do *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), *Persea americana* Mill. (abacate) e da *Citrus sinensis* L. (laranjeira), *Rosa sp.* (roseira) e *Allium sativum* L. (alho) ($p < 0,05$). Houve diferença significativa na citação de plantas ($X^2=34(p=0,0001, gl=10)$).

Em um estudo etnobotânico com 15 sacerdotes averiguando diferentes cultos afro-brasileiros em cidades distintas no Estado de Pernambuco, Albuquerque (2001, p.140-142) encontrou 60 espécies botânicas distribuídas em 33 famílias. Algumas espécies iguais as mais expressivas da presente pesquisa na Região Sudoeste do Paraná, tais como *Citrus sineses* L. (laranjeira), *Eugenia uniflora* L. (pitanga), *Persea americana* Mill. (abacate), *Petiveria alliacea* L. (guiné), *Plectrandus barbatus* Andr. (boldo), *Ricinus communis* L. (mamona) *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim) *Ruta graveolens* L. (arruda). Também houveram espécies citadas por Albuquerque (2001), que não tiveram muitas citações nos terreiros da Região Sudoeste, tais como *Helianthus sp* (girassol); *Mangifera indica* L. (manga), *Mikania glomerata* Spreng. (guaco), *Ocimum americanum* L. (manjeriçã-branco), *Ocimum basilicum* L. (manjeriçã) (Tabela 02).

Já Guedes et al. (1985, p.3-8), em um trabalho listaram 51 espécies botânicas empregadas em cultos afro-brasileiros no Rio de Janeiro, com seus respectivos usos e entidades espirituais regentes, dentre as quais estão diversas espécies que também foram registradas com maior número de citações na Região Sudoeste do Paraná (Tabela 02), tais como *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), *Lavandula angustifolia* Mill. (alfazema), *Ruta graveolens* L. (arruda), *Allium sativum* L. (alho), *Dieffenbachia seguine* (Jacq.) Schott (comigo-ninguém-pode), *Sansevieria trifascata* Prain. (espada de são jorge), *Rosa spp.* (roseira), como também as com poucas citações, como, por exemplo, *Dracaena fragrans* L. Ker Gawl. (peregum), *Mangifera indica* L. (mangueira), *Aristolochia elegans* Mast. (cipó-milome), *Cola acuminata* Schott & Endl. (obi), *Jatropha curcas* L. (pinhão-roxo), *Mentha gentilis* L. (levante/alevante), *Vernonia polyanthes* Less. (assa-peixe/arsapeixe).

Camargo (1988, p. 30-100), pesquisadora de etnofarmacobotânica de cultos afro-brasileiros, listou em seu livro espécies vegetais utilizadas por estes grupos. A autora citou tanto espécies que tiveram maior parte das citações atribuídas (Tabela 02) como *Petiveria alliacea* L (guiné), *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim), *Ruta graveolens* L. (arruda), quanto espécies que

tiveram menor número de citações, tais como *Dieffenbachia seguine* (Jacq.) Schott. (comigo-ninguém-pode), *Ageratum conyzoides* L. (erva de são joão maria), *Nicotiana tabacum* L. (tabaco), *Mangifera indica* L. (manga), *Ocimum basilicum* L. (manjeriço) e *Cola acuminata* Schott & Endl.(obi). Desta forma é possível afirmar que há uma influência ecológica regional sobre o uso das plantas, já que há uma distinção na distribuição das citações em função dos locais de estudo.

Tanto Albuquerque (2001, p.140) quanto Camargo (1988, p. 30-100) definem todas as plantas citadas em suas pesquisas contendo algum propósito medicinal, algo que se mostra intrínseco no uso de plantas em cultos afro-brasileiros. Lima et al. (2005, p.91) corrobora com tal ideia afirmando que muitas espécies voltadas para uso ritualístico, também possuem uso medicinal associado (LIMA et al., 2005, p. 91). Embora no presente trabalho não pretende-se aprofundar em aspectos fitoterápicos e farmacobotânicos das plantas, esses usos medicinais, juntamente com os usos ritualísticos constituem pilares para construir a identidade cultural destes grupos, uma característica em comum para sacerdotes de localizações geográficas distintas, como mostra a literatura.

O valor do Índice de Significado Cultural das plantas variou de 0,0625 a 8 (Tabela 02). Contudo, 22 de 177 plantas ficaram com o valor de ISC entre 1 e 8, expressando dessa maneira uma importância relativa superior às demais. Cabe destacar que plantas que tiveram poucas citações não são menos importantes que outras num contexto religioso e individual, já que para alguns informantes, plantas citadas somente por eles, são as mais importantes para si próprios, como foi dito por #NC10, Babalorixá de Candomblé nação Jêjê: “*Sem planta, não há santo, sem essas folhas como a do Obi, Oriri, Akoko e Iroko, não pode existir minha religião*”. Tais plantas tiveram um baixo ISC devido a baixo consenso de citações, sendo citadas apenas por este sacerdote.

Schrauf & Sanchez (2010, p.73), afirmam que mesmo itens citados apenas por um indivíduo, podem ter um domínio cultural e ser amplamente reconhecidos, porém, aparecem como idiossincráticas para a análise. Vegetais como o *Milicia excelsa* Welw. (iroko) e *Cola acuminata* P. Beauv. (obi) (Figura 08), foram citados apenas por um entrevistado candomblecista, Albuquerque & Andrade (2005, p.53) em um estudo sobre a importância das plantas na medicina e na magia de cultos afro-brasileiros (especialmente o candomblé), citam-nas como plantas sagradas e de grande significado para a etnia afrodescendente, já que são plantas que auxiliaram a manutenção e a sobrevivência desta cultura. Neste particular, é importante ressaltar que o sacerdote que citou tais plantas é o único que inicia pessoas em sua religião entre os entrevistados do candomblé, e o único que priorizou plantas utilizadas em

iniciações (Tanto *M. excelsa* Welw. quanto e *C. acuminata* P. Beauv. são utilizadas nestas práticas). Os demais sacerdotes se abstêm de iniciar neófitos, e portanto tem menor utilização destas plantas, o que não significa que os demais candomblecistas não as conheçam, porém priorizaram as plantas que estão mais presentes nas atividades de seus cotidianos.

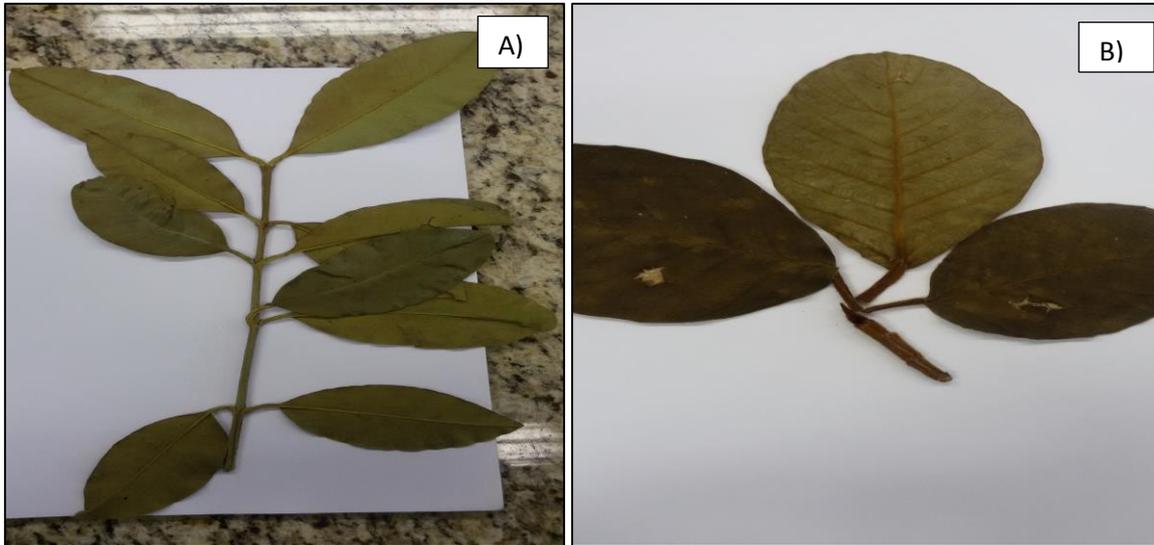


Figura 08: Plantas idiosincráticas em citações de informantes sacerdotes de cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná. A) *Cola acuminata* P. Beauv. (obi); B) *Milicia excelsa* Welw. (iroko).

Fonte: O autor.

A importância individual da planta para o sacerdote é um caráter de suma-importância para compreender a interação destes grupos com recursos vegetais, independente do senso comum entre todos, pois a planta utilizada no processo de iniciação de um adepto, são, para ele, as mais importantes (SERRA et al. 2002, p.101), independente se outros usam outras plantas. Isso pode ser observado na fala da informante #VC1, Ialorixá¹⁷ do Candomblé Nação Kêtu-Nagô:

“Então eu não posso olhar uma folha de batata doce, uma folha boldo, uma folha de aroeira sem fazer associação com alguma divindade. Todas elas são importantes, o milho de Oxóssi, o coqueiro a Ogum, as figueiras aos Exus mulheres¹⁸ que não são do candomblé em si, mas são da Umbanda, são entidades que também são louvadas juntos com as Iabás que são as feiticeiras nos cultos aos Orixás. Não existe um grau maior ou menor de importância, existe para mim, por exemplo, a folha do meu nascimento, utilizada para nascer meu Orixá é a mais importante para mim, sempre

¹⁷ Sacerdotisa de cultos afro-brasileiros (sinônimo de Mãe de Santo).

¹⁸ Sinônimo de Pombagira, grupos de entidades espirituais com aparição frequente em cultos afro-brasileiros, especialmente a Umbanda, Quimbanda e Catimbó (PRANDI, 1966).

quando eu estiver em algum lugar que tiver essa folha, lembrar-me-ei de louvar, não vou bater minha cabeça no chão, mas no mínimo colocarei minha mão no chão e vou colocar em minha cabeça, pois é a folha onde nasceu meu Orixá. Então o grau de importância é esse, e todas as plantas independente de conhecermos ou não, possuem relação com o Orixá, todas elas!” (#VC1).

Percebe-se deste modo que os valores atribuídos ao número de citação e ao ISC são válidos apenas para uma abordagem geral dos sacerdotes dos templos na tentativa de encontrar características em comum, já que em suas peculiaridades qualitativas, a divergência cosmológica relacionada aos vegetais pode mudar bruscamente do universo de um sacerdote para outro.

Além disso, outras situações podem interferir no uso das plantas. A planta *Cannabis sativa* L., por exemplo, foi citada por uma sacerdotisa candomblecista apenas para lembrar que nos primórdios da crença, aquele vegetal era plantado nos assentamentos do Orixá Ossãe com a alegação de que tal planta possui em si a força e a energia deste Orixá. Porém, segundo a informante, os templos se abstêm de utilizar este vegetal de forma sacra devido as proibições legislativas em torno do mesmo.

Plantas amplamente utilizadas no contexto religioso descrito na literatura umbandista (MENDONÇA, p.87, 2012; BITTENCOURT, p. 23, 2004; BARBOSA; BAIRRÃO, p. 226, 2008), tais como a *Saccharum officinarum* L. (cana-de-açúcar) e *Nicotiana tabacum* L. (tabaco), foram pouco citadas entre informantes diante de um contexto geral. Mesmo não citadas, foram elementos observadas pelo presente autor dessa pesquisa quando lhe foi dado à oportunidade de averiguar uma oferenda aos espíritos da Umbanda. Essas plantas são utilizadas sob a forma de cachaça (conhecida como maráfo neste grupo) e de cigarros, cigarrilhas e charutos em suas seções durante incorporações dos guias espirituais, quase sempre indispensáveis em trabalhos religiosos (GOMES, p. 193, 2013). Albuquerque (1999, p.303) relata que a importância da *Nicotiana tabacum* L. em cultos afro-brasileiros se dá devido ao seu efeito de excitação nervosa que induz estímulos e comportamentos individuais e coletivos requeridos em certas situações em rituais.

É possível que os informantes lembraram pouco destas plantas devido a não associação do produto beneficiado (comprado em mercado) com o vegetal *in natura* (plantado no jardim). Pois em situações diferentes, percebeu-se que *Coffea arabica* L. (café) teve seu uso beneficiado na forma de pó torrado e moído lembrado apenas após citarem o uso da planta *in natura*, pois os informantes que a citaram, possuíam-na plantada no quintal para outras formas de usos místicos (Tabela 02).

6.5 USOS DAS PLANTAS NA UMBANDA E NO CANDOMBLÉ

6.5.1 Diferentes Formas de Usos

Entre informantes umbandistas, as maiores atribuições de usos das plantas são referentes a plantas medicinais (80 citações), oferendas e feitiços (40 citações), banhos de limpeza astral (29 citações) e para a prática da benzedura (24 citações). Já entre informantes candomblecistas, os maiores usos foram atribuídos a banhos de limpeza astral (63 citações), oferendas e feitiços (38 citações) e para uso medicinal (34 citações) (Figura 09).

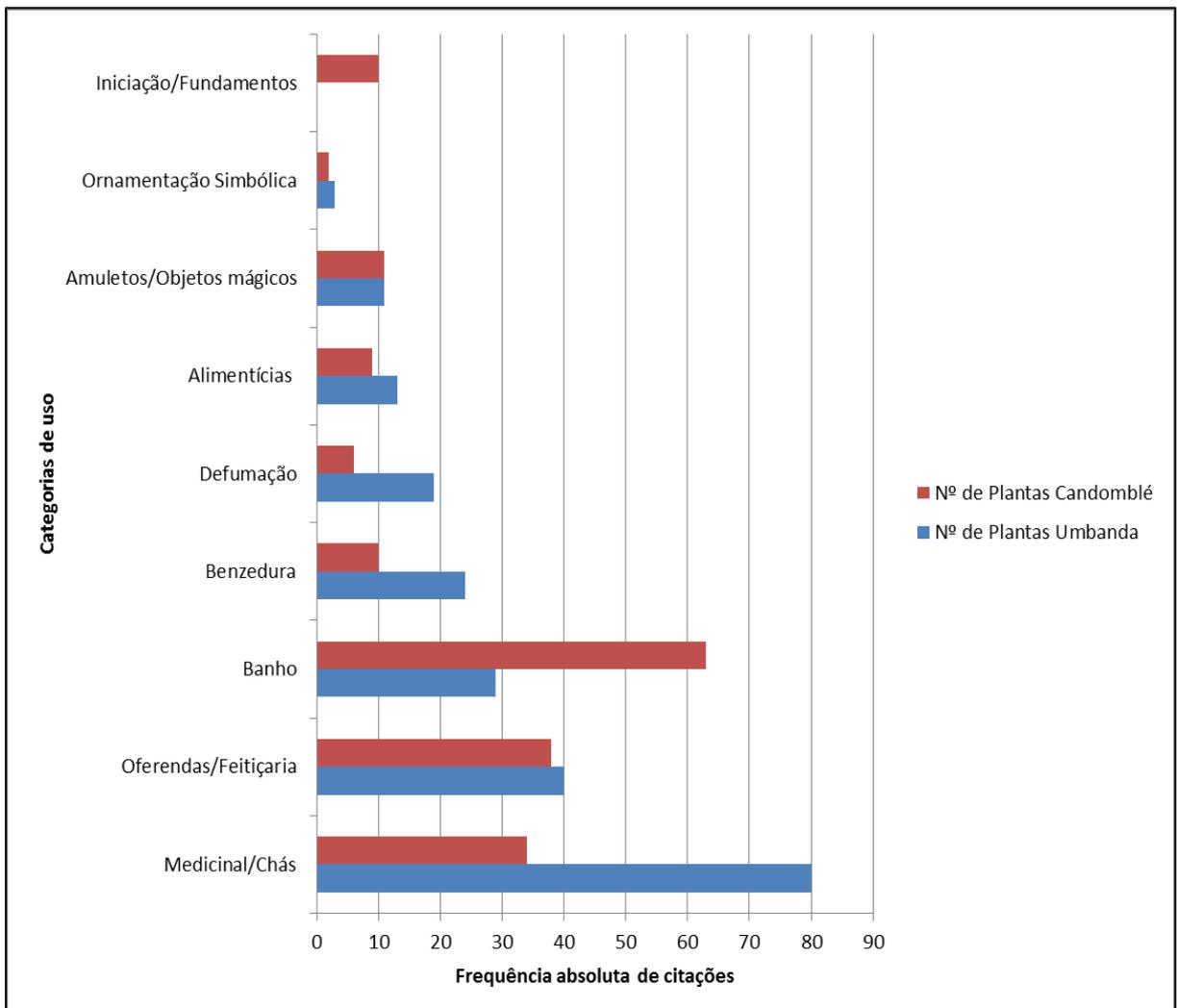


Figura 09: Categorias de uso do total de citações de etnoespécies dentro da Umbanda e do Candomblé no Sudoeste do Paraná (N=402).

Fonte: O autor.

Parente & Rosa (2015, p. 55), avaliando plantas utilizadas na medicina folclórica no município de Barra do Piraí-RJ, registraram que dentro desta prática o uso de plantas utilizadas como banhos de limpeza astral é bem intenso, onde 39% das plantas medicinais também eram destinadas para essa finalidade. Como a prática da medicina mágica é intrínseca dentro de cultos afro-brasileiros, este grupo não visa utilizar a planta por conta de seu princípio ativo farmacobotânico, mas sim seu efeito espiritual por conta do Axé¹⁹, que fortalece o corpo físico e o corpo astral (BOTELHO, 2010, p. 6).

De forma semelhante aos cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná, Zank et al. (2014, p. 5-12), relatam que elementos como a fé e a espiritualidade são percebidos por especialistas locais em plantas medicinais como importantes para manutenção da saúde e bem-estar da população tradicionais da Floresta Nacional do Araripe (FLONA). Segundo a pesquisa, elementos africanos e indígenas são miscigenados na religiosidade católica do local. Isso demonstra a importância de práticas espirituais oriundas do sincretismo religioso de etnias europeias, africanas e indígenas, para conservação de conhecimentos relacionados ao uso dos vegetais.

Diante de tal situação pode-se perceber que banhos de descarga, benzeduras e defumações não se tratam apenas de uma prática ritual para potencializar a manifestação mediúnica ou afastar maus espíritos, mas também uma prática que produz certo bem estar nos praticantes, que pode ser tida também como uma prática etnomédica em ambos os cultos encontrados na Região Sudoeste (Umbanda e Candomblé). Tal raciocínio é semelhante ao de Guedes et al. (1985, p.8), onde observam que a prática da medicina mágica está intrínseca aos cultos afro-brasileiros e é um aspecto indissociável. Porém aqueles autores relatam que na época (1985), isso era uma prática pouco observada pelos pesquisadores existentes. Hoje há mais estudos que exploram este aspecto exclusivamente terapêutico das plantas utilizadas por cultos afro-brasileiros em geral (ALBUQUERQUE, ALMEIDA, MARINS, 2005 p.15-263; SERRA et al., 2002, p. 13-255; ALBUQUERQUE, 2001, p. 139-144; ALBUQUERQUE, 1999, p. 299-305).

Espécies inestimáveis para as crenças e que são amplamente utilizadas no cotidiano das práticas religiosas dos sacerdotes, não são as que tem maior número de usos específicos, por exemplo, as plantas *Ruta graveolens* L. (arruda) e *Petiveria alliacea* L. (guiné) foram as plantas mais amplamente citadas para usos pelos informantes (Figura 10). Essas duas plantas se distribuem em seis usos diferentes, onde são principalmente empregadas em banhos de

¹⁹ Força vital presente na natureza, segundo adeptos de cultos afro-brasileiros.

descarrego, benzeduras e defumações. *Citrus sinensis* L. (laranjeira), obteve seis usos diferentes, onde se destacou em usos de oferendas/feitiçarias e para o preparo de remédios. O *Allium sativum* L. (alho), também foi distribuído em seis usos, onde demonstrou maiores citações para benzeduras e defumação.

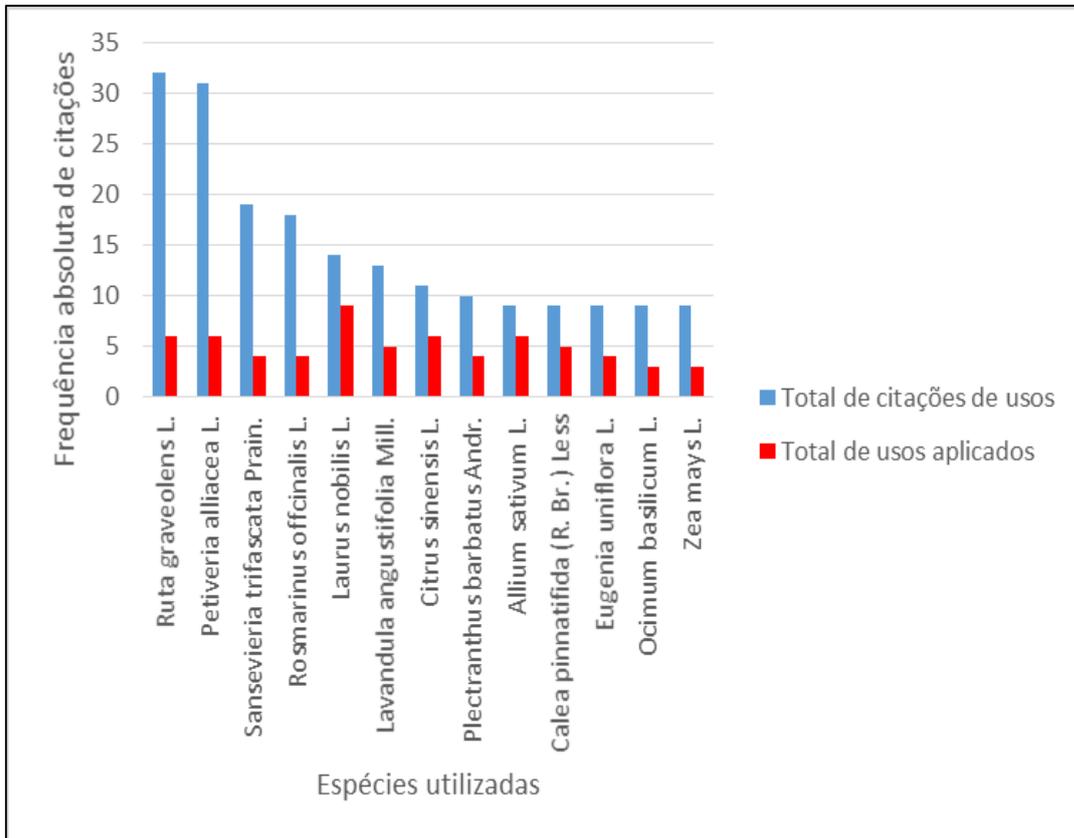


Figura 10: Espécies mais utilizadas para atividades mágico-religiosas citadas por informantes (N=10) na Região Sudoeste Paraná.

Fonte: O autor

O *Laurus nobilis* L (louro); foi citado para todas as categorias de uso listadas, porém com uma intensidade inferior às plantas mais citadas distribuídas em menores quantidades de usos, como a *R. graveolens* L. e *P. alliacea* L. Tal característica elucida que não é necessário que as plantas compartilhem uma vasta gama de aplicações para serem as mais importantes culturalmente. Além de destacar novamente a importância da *R. graveolens* L. e *P. alliacea* L. para os cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná.

6.5.2 Partes Utilizadas das Plantas

Em 63% das plantas citadas a folha é a parte utilizada para as práticas mágico-religiosas (Figura 11), seguida de 12% de utilização do fruto, 7% da raiz e 6% tem o uso do caule. A literatura sobre o tema também relata que a parte da planta que se destaca na medicina folclórica e popular são as folhas (PARENTE; ROSA, 2015, p. 55; LIPORACCI, 2014, p. 139; AVILA, 2012, p. 84; GIRALDI; 2009, p.397). É importante frisar as diferenças entre o uso de variadas partes das plantas, devido à influência da cultura iorubana em cultos afro-brasileiros, que segundo a classificação étnica, para muitos destes grupos, folha é sinônimo de planta (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2005, p.52). Serra et al. (2002, p.99) afirmam que nas farmacopeias Nagô, as folhas são as partes dos vegetais mais sistematicamente utilizados, e por conta deste fato, em diversos terreiros, folha é sinônimo de planta.

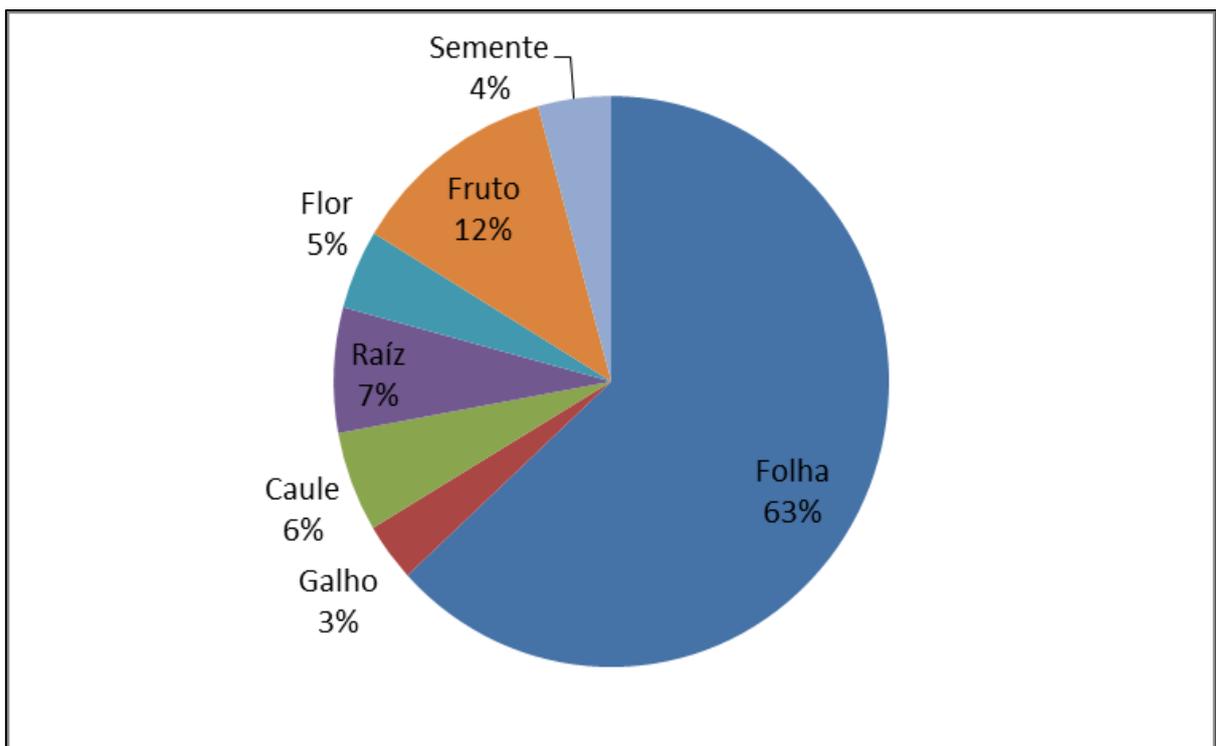


Figura 11: Porcentagem das diferentes partes das plantas empregadas dentro cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná (N=433).

Fonte: O autor.

Brito & Valle (2011, p.366) relatam que o uso amplo de folhas dentro de grupos praticantes de medicina popular e folclórica se deve a maior facilidade de obtenção desta parte

do vegetal em comparação aos frutos, flores e raízes, por exemplo. Segundo Ghorbani (2005, p.66), o uso amplo das folhas pode ser por conta da concentração de princípios bio-ativos, decorrentes da ação fotossintetizante, onde as folhas fundamentalmente desenvolvem este papel, fazendo com que os metabólitos secundários sejam encontrados principalmente em regiões aéreas dos vegetais.

De forma análoga ao que foi exposto por Serra et al. (2002, p.99), a informante #MU4 relatou: “*Nóis não chama de planta e arvre, agente chama de erva, nóis usamo as erva*”, quando se referia a espécies arbóreas como a *Ficus sp.* (figueira), *Citrus sineses* L. (laranjeira) e o *Citrus limon* (L.) Osbeck. (limoeiro), ou seja, pela taxonomia do conhecimento tradicional associado aos vegetais, para aquela senhora, toda planta é uma erva. Mesma situação ocorreu com a informante #MU11, para quem toda planta também é chamada de erva.

Essa nomenclatura também foi relatada por Guedes et al (1985, p.3-8) no Rio de Janeiro-RJ, de que é comum a nomenclatura de qualquer espécie vegetal como “erva” em cultos afro-brasileiros. Tal classificação etnobotânica, possivelmente ocorra por conta das influências iorubanas ainda enraizadas dentro destas crenças, onde todo vegetal é chamado de folha. Mas vale ressaltar que conforme visto na Figura 06, grande parte das plantas utilizadas fazem parte das famílias botânicas Lamiaceae e Asteraceae. Essas duas famílias se constituem amplamente de espécies herbáceas, onde o uso de folhas sempre é predominante (GIRALDI; 2009, p.397). É bem possível que a classificação de qualquer vegetal como erva se deva a este fator.

6.6 ENTIDADES ESPIRITUAIS E AS PLANTAS

Houve divergência nos resultados que dizem respeito às plantas relacionadas a seres espirituais e mitológicos de um culto para outro. As citações de plantas utilizadas no Candomblé foram relacionadas pelos informantes na grande maioria dos casos aos Orixás, que são Deuses de origem africana. Entidades espirituais que são conhecidas por eles como “eguns” foram pouco citados. Estes são classificados como espíritos desencarnados, aos quais também prestam cultos (OLIVEIRA, 2012, p.261). Os eguns citados por candomblecistas também são guias espirituais que se manifestam em templos umbandistas. Já os umbandistas deram grande ênfase na citação de plantas relacionadas aos seus guias espirituais, que segundo eles, se tratam de espíritos muito evoluídos desencarnados, em contraste com o Candomblé, citaram poucas vezes os Orixás.

Dentro do Candomblé foi expressivo o número de citações ligadas ao Orixá Exú, Iansã, Ogum, Deuses de caráter bélico/guerreiro em seus arquétipos. Comparado aos demais Orixás citados, Xangô, um Orixá guerreiro por excelência em seus mitos, também obteve uma quantidade de citações expressiva (Figura 12). A mitologia dos Orixás é de grande importância para entender a etnobotânica dos cultos afro-brasileiros, já que os princípios de sistematização dos vegetais se baseiam em aspectos mitológicos da característica dos Deuses (SERRA et al., 2002, p.102-103) Quando o culto dos Orixás chegou ao Brasil, os escravos adaptaram e simplificaram o culto de seus Deuses, conforme suas necessidades emergentes, dentre essas necessidades, devido ao fardo da escravidão, era imprescindível para os mesmos obterem proteção e vigor dessas figuras guerreiras (Exu, Ogum, Iansã e Xangô), que segundo a ideologia dos escravos, eles necessitavam se livrar dos malfeitores que lhes imputavam sofrimentos. (CARVALHO, 2009, p.7). Como as plantas associadas às figuras mitológicas são fundamentais para o culto, a expressividade de citação de plantas associadas a figuras de caráter bélico, revela como se manteve a fidelidade da tradição recebida dos escravos, demonstrando concomitantemente a possibilidade da necessidade do grupo se manter protegido, ainda nos dias de hoje.

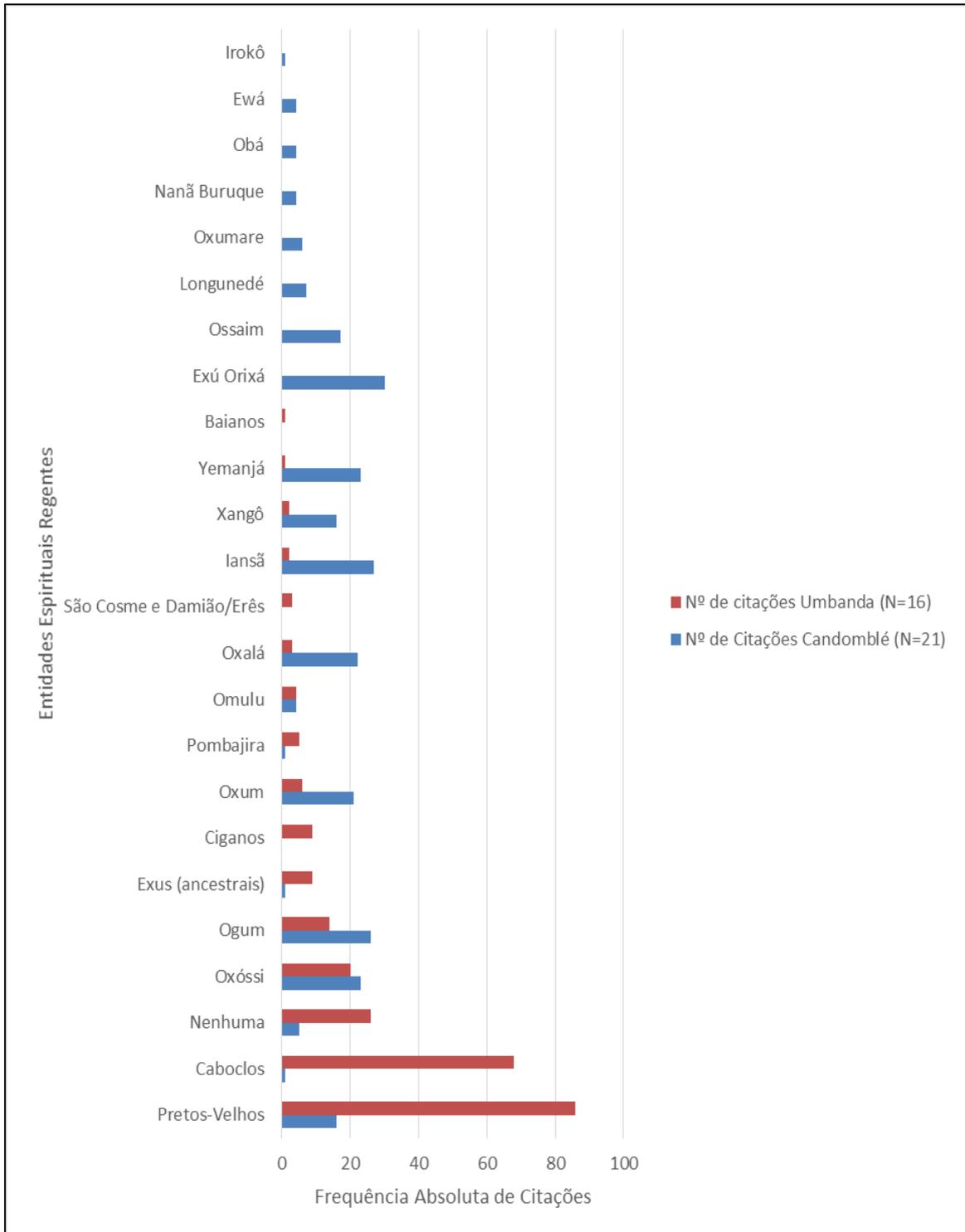


Figura 12: Associação de citações de plantas (N=510) com entidades espirituais (N=24) relatadas pelos informantes em templos de Umbanda e Candomblé na Região Sudoeste do Paraná.

Fonte: O autor.

Seguindo estes resultados, também foi expressiva a associação das plantas com figuras ligadas a Maternidade (Yemanjá), Paternidade (Oxalá) e a fartura e prosperidade (Oxóssi e Oxum). Ossaim, que é tido como o Senhor das Folhas, não foi o mais citado, mas de acordo

com a mitologia iorubana, presente em terreiros de Candomblés Kêtu-Nagô, todas as plantas pertencem a Ossaim. Mesmo com cada Orixá possuindo sua própria planta, somente Ossaim conhece o segredo e manipulação de todas elas. Apesar do menor número de citações, para a botânica candomblecista, Ossaim é o elemento simbólico mais importante relacionado a elas (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2005, p. 64). Também houve associações de entidades umbandistas pelos candomblecistas, mas a única que obteve um maior número de citações foi a associação aos Pretos-velhos.

Segundo Carvalho (2009, p.6-7), o culto de Yemanjá foi adaptado ao Brasil como uma figura que os afrodescendentes acreditavam ser um símbolo de união das etnias africanas, o culto de Oxóssi por conta da necessidade de abundância alimentar e Oxum como protetora dos bebês que já nasciam fadados à escravidão. Desta maneira, de acordo com processos históricos e na associação atual de vegetais com seres mitológicos, percebe-se uma forma de relacionar as prioridades comuns entre Babalorixás, Ialorixás, Filhos de santo e clientes dos templos de Candomblé da Região Sudoeste do Paraná, devido a representação dos arquétipos das Divindades e suas características humanas refletidas nos vegetais. Este raciocínio pode ser confirmado se considerarmos que uma das três características da listagem livre é que os termos mais citados, são os mais salientes localmente (QUINLAN, 2005, p.3). Deste modo, Orixás como Exu, Iansã, Ogum, Oxóssi, Oxum e Yemanjá, mostram maior saliência relacionada ao uso de plantas (Figura 12), devido as suas representações arquetípicas já mencionadas, mostram um conjunto de ideias em comum intimamente ligados aos vegetais dentro do contexto religioso candomblecista na Região Sudoeste do Paraná.

Dentro da Umbanda, a maioria das plantas foram associadas aos Pretos-Velhos e aos Caboclos, conforme é claramente destacada no Figura 12. Para este grupo de informantes tais entidades não são Orixás, mas sim mestres que auxiliam o desenvolvimento espiritual do adepto. Estes espíritos representam o arquétipo da humildade, simplicidade e pureza, atitudes essenciais para a o desenvolvimento moral e espiritual para este grupo sociocultural (SILVA, 2014, p. 106), e são princípios da religiosidade umbandista e que são um tanto divergentes da candomblecista devido à sua influência do espiritismo kardecista (SARACENI, 2013, p.20). Tal divergência de princípios foi evidenciado no uso das plantas e suas associações. Na Umbanda muitos Orixás não foram sequer mencionados. No Candomblé raramente uma planta era citada sem associação com algum ser espiritual, quando não era de algum específico, era de todos os Orixás, salvo em alguns poucos casos (cinco citações). Para a Umbanda, um número considerável de plantas utilizadas não tinha associação com entidade espiritual alguma (Figura 12).

Vale frisar que os Exús ancestrais citados na Umbanda não se tratam do mesmo Orixá Exú do Candomblé, mas sim de espíritos desencarnados que carregam este nome, pelas suas atitudes quando manifestadas nos médiuns, lembrarem o arquétipo daquele Deus (REI, 2001, p.04). Os Orixás que foram mais citados por umbandistas foram Ogum e Oxóssi (Figura 12), o Deus protetor guerreiro e o Deus provedor da fartura, revelando desta maneira sutil as prioridades de umbandistas dentro de suas práticas religiosas.

Os informantes candomblecistas relataram alguns critérios para realizar associação dos vegetais com as entidades espirituais. A informante #VC1 afirmou que plantas com folhas pontiagudas, que lembram espadas, são ligadas a Ogum, e tais plantas são utilizadas para proteção, como é o caso da *Sansevieria trifascata* Prain. (espada de-são-jorge) e o *Cocos nucifera* Linn. (mariô). O informante #NC10 cita ainda outros exemplos:

“Temos folhas amargas, doces, cheirosas, repelentes, venenosas. Em algumas situações devemos utilizar folhas adequadas. Por exemplo, folhas de Iansã, ela é orixá quente, do fogo. Então para cultuá-la devemos usar folhas quentes. O que são as folhas quentes? Guiné é folha quente, Pimenta é folha quente. Folha que tem espinho é folha quente... Um filho de Oxum não pode tomar banho de folhas quentes, ele precisa de folhas doces, cheirosas, folhas de qualidade de Oxum, que é da água... Dependendo da junção das folhas temos características dos Orixás” (#NC10).

Referente a tal classificação etnobotânica revelada pelos sacerdotes, Serra et al. (2002, p.61) complementam:

“Doce ou salgado, nesse quadro, são categorias que não se referem exclusiva, ou sequer prioritariamente, ao gosto do vegetal. Uma coisa não tem doçura em termos do paladar, pode estar associada ao campo das “coisas doces”. Uma planta de Oxum será (em geral) classificada como doce, independente do gosto; uma planta de Yemanjá será ipso facto salgada, e são diversos fatores que levam a atribuir uma planta a Oxum ou Yemanjá”.

Albuquerque (2005, p.71) afirma que a classificação botânica segundo os Orixás se baseia em critérios simbólicos. Já Serra et al (2002, p.64-67) exploram mais estes critérios mostrando essa categorização de plantas ligadas a domínios elementares (fogo, água, ar e terra) como um item importante para entender a visão de mundo das etnias africanas e saber como os vegetais são pensados dentro da etnociência desenvolvida por eles. Elementos simbólicos revelam a identidade das plantas para o grupo estudado, as marcas litúrgicas das plantas constituem uma forte tabuada no mundo dos iniciados.

Percebeu-se por meio da observação participante e na Listagem livre, que dentro do contexto umbandista as plantas são associadas a entes espirituais desencarnados cultuados pelos mesmos, em conformidade com o uso da planta por este guia espiritual quando incorpora no

sacerdote, sem seguir um padrão criterioso e rígido, como foi observado em templos candomblecistas. Como os guias patronos de casas de Umbanda geralmente são Pretos-Velhos e Caboclos (Figura 12), as associações foram feitas por intermédio deles. Notou-se que em três templos umbandistas onde plantas são colhidas na floresta, sempre houve associação a Oxóssi ou aos Caboclos, simplesmente pela ocorrência do vegetal neste ambiente, sem levar em consideração outras particularidades, como é feito intensamente no culto do Candomblé. Conclui-se desta maneira que a categorização das plantas para os diferentes guias espirituais, no Candomblé possui um sistema mais rígido de associações comparativamente à Umbanda.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Variáveis como gênero, tempo de iniciação e religião, não influenciam na quantidade de plantas citadas por informantes. Dentre tais variáveis, segundo os sacerdotes, apenas a devoção religiosa e as habilidades mediúnicas determinam o relacionamento do sacerdote com as plantas de forma espiritual. Por meio da observação participante, devido as informações de caráter qualitativo registradas, foi percebido um contraste na forma de utilizar as plantas devido ao tipo de religião praticada, neste caso, Umbanda e Candomblé.

De forma geral, as plantas *Ruta graveolens* L. (arruda), *Petiveria alliacea* L. (guiné), *Rosmarinus officinalis* L. (alecrim) *Sanseveria trifasciata* Prain. (espada de São Jorge) *Plectranthus barbatus* Andr. (boldo) tiveram as maiores frequências de citações e foram calculadas com maiores valores de importância relativa. Da mesma forma que outros trabalhos etnobotânicos com plantas medicinais e ritualísticas realizados no bioma Mata Atlântica, junto às comunidades tradicionais e terreiros de Umbanda e Candomblé salientam valores de importância relativa expressivos.

Houve um grande número de plantas idiossincráticas na análise. Tal característica não demonstrou que tais plantas são menos importantes para as crenças e para os informantes, pois fatores como o viés da prática religiosa do informante, por exemplo, podem influenciar as prioridades das plantas a serem citadas por sacerdotes.

Práticas de banhos de limpeza astral, benzeduras, defumações, usos de amuletos e oferendas foram percebidas como terapêuticas, não apenas limitando-se aos chás e remédios para produzir a cura de moléstias físicas ou espirituais. Conclui-se desta maneira que ambas as religiões têm como fundamento o uso de plantas para curar e harmonizar as pessoas que a elas recorrem, não se limitando às propriedades farmacológicas apenas, mas também recorrendo a entes místicos, aos quais atribuem os efeitos de seus rituais de uso de vegetais na maioria das vezes. Tendo assim, uma forma de prática etnomedicinal.

Dentre os dois grupos religiosos, tanto umbandistas quanto candomblecistas, existe um universo místico em torno de suas relações com os vegetais. Para ambos, os conhecimentos foram transmitidos pela oralidade de forma vertical, onde os sacerdotes demonstram extremo respeito por aqueles que lhes instruíram em conhecimentos religiosos, nos quais as plantas se mostram como elementos essenciais ou de suma importância.

Os umbandistas, além de alegarem que aprenderam sobre o uso e manipulação das plantas com seus pais-de-santo, também relatam que tais conhecimentos são oriundos de

entidades sobrenaturais, auxiliares de seus trabalhos mágicos. É uma característica pertencente à identidade umbandista. Porém, para este grupo, as plantas não se mostraram como fundamentais para a execução dos rituais, e sim, como auxiliares para fortalecer os trabalhos dos guias espirituais.

Contudo, para candomblecistas, as plantas exercem papéis indispensáveis na execução de todas as atividades religiosas, pois nelas se concentram a energia dos Orixás, e por conta disso, dedicam maiores cuidados e reverências às plantas, como se elas fossem os próprios Deuses, o que pode ser considerado um marco na identidade da religião candomblecista relacionada aos vegetais.

Possivelmente por conta desta característica, observou-se que o Candomblé possui uma associação de entidades espirituais com as plantas bastante acurada e cautelosa de acordo com as características morfo-fisiológicas dos vegetais. Tal aspecto é singular para o uso das plantas nos diferentes momentos e aplicações. Os Babalorixás candomblecistas possuem uma ciência bastante antiga em torno da classificação dos vegetais e seus usos não dependem de intuição ou de instrução de guias espirituais, mas de fundamentos dos quais a religião se alicerça, baseado em características dos vegetais, convertidas em valores humanos, assim, associados aos Orixás. Já a Umbanda não possui um fundamento estabelecido para associação das plantas com entes espirituais, apenas associam as plantas aos guias que as utilizam. Por isso, Caboclos e Pretos-Velhos tiveram maiores números de associações, já que segundo os informantes, a própria entidade é que também ensina o uso dos vegetais.

Não há na literatura estudos junto a estes grupos na Região Sudoeste Paranaense e nem registro no IBGE da presença de membros praticantes de tais religiões nas cidades abordadas. Os próprios informantes trataram a pesquisa como novidade em seus cotidianos. Devido à riqueza de conhecimentos de cunho antropológico, biológico e ecológico que foram percebidos e devidamente registrados nesta pesquisa, que pode ser considerada pioneira na Região, mais estudos interdisciplinares junto a estes grupos se tornam indispensáveis para o enriquecimento acadêmico, simultâneo com a valorização dessa cultura. Conhecimentos que a priori parecem absurdos e sem lógica científica, podem conter diversos elementos de cunho terapêutico, éticos e ecológicos que podem ser melhor compreendidos e aproveitados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria Bethania Barbosa; FARO, Maira Cristina Silva. Saberes de cura: um estudo sobre pajelança cabocla e mulheres pajés na Amazônia. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v.5, n. 13, p. 57-72, maio 2012.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. As plantas na medicina e na magia dos cultos afro-brasileiros. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; ALMEIDA, Cecília de Fátima; MARINS, Joelma de Fátima. **Tópicos em conservação, etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais e mágicas**. Recife: NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005, p. 51-75.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; CUNHA, Luiz Vital Fernandes Cruz da. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2. ed, Recife: Comunigraf, 2008.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; LUCENA, Reinaldo Farias; MONTEIRO, Júlio; FLORENTINO, Alissandra; ALMEIDA, Cecília de Fátima. Evaluating two quantitative ethnobotanical techniques. **Ethnobotany Research & Applications**, v.4, p. 51-60, 1996.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; HANAZAKI, Natália. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. Recife (PE), v.16, p. 678-689, dez. 2006.

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; The use of medicinal plants by the cultural descendants of African people in Brazil. **Acta Farm. Boaerense**. Recife (PE), v. 20, n.2, p.139-144, fev. 2001.

ALEXIADES, Miguel N. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York, The New York Botanical Garden Press, 1996.

ALMEIDA, Maria Zélia. **Plantas medicinais**. 3^a ed. Salvador (BA): EDUFBA, 2011.

ALVES, Ângelo Glusseppe Chaves; ALBUQUERQUE Ulysses Paulino de. Exorcizando termos em etnobiologia e etnoecologia. **SBEE**, Recife, vol. 2, 2005.

AMOROSO, Cardoso. A Plantas medicinais: arte e ciência – um guia interdisciplinar. **STASI**. Botucatu (SP), p. 47-68, 1996.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. A religiosidade brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. **CAOS**, Recife (PE), ed.1, n. 14, p. 106-108, set. 2009.

ÁVILA, Julia Vieira de Cunha. Etnobotânica de plantas utilizadas como medicinais pelos benzedores nos municípios de Imbituba e Garopaba- SC – Brasil. 2012. 104 f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

BALICK Michael J; COX, Paul Allan. **Plants, people and culture: the science of ethnobotany**. New York: HPHLP. 1996

BAYLEI, K. **Methods of social research**. 4^a ed. New York: The Free Press, 1994.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 6 ed. Florianópolis: UFSC, 2006.

BARROSO, Renata Moreira; REIS, Ademir; HANAZAKI, Natalia. Etnobiologia e etnobotânica da palmeira Jussara (*Euterpe edulis* Martius) em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo. **Associação Botânica Brasileira**. São Paulo, v. 2, n.24, 2010.

BASTOS, Ivana Silva. Perfil dos terreiros de João Pessoa-PE. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/7perfil_terreiros.pdf>. Acesso em 10 de mai. 2015.

BENISTE, José. **As águas de Oxalá**. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BERKES, F.; FOLKE, C.; GADGIL, M. Traditional ecological knowledge, biodiversity, resilience and sustainability. In: PERRINGS, C.A. **Biodiversity conservation. Problems and policies**. Dordrecht: Kluwer Academic press, 1995, p. 281-300.

BERNARD, H. Russel. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approach**. 4 ed. Oxford: Altamira Press, 2006.

BOTELHO, Pedro Freire. O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição afro-brasileira. Enecult, 2010.

BRASIL, 2011. Estudo: Brasil tem o menor percentual de católicos desde 1872. Disponível em: < <http://noticias.terra.com.br/brasil/estudo-brasil-tem-menor-percentual-de-catolicos-desde-1872,26bb0970847ea310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html> > Acesso em 24 jul. 2014.

BRITO, Mariana Reis; SENNA-VALLE, Luci de. Plantas medicinais utilizadas na comunidade caiçara na Praia do Sono, Paraty, Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, v.25, n.2, 2011, p.363-372.

BRUMANA, Fernando Giobelina. A propósito de la jurema: reflexiones sobre el campo religioso brasileño. **Revista de Antropologia**, v. 48, n. 2, p. 423-471, 2005.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **Plantas medicinais de rituais afro-brasileiros I**. 1 ed. São Paulo: Almed, 1998.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. Plantas rituais de religiões de influências africana no Brasil e sua ação farmacológica. **Dominguezia**, São Paulo (SP), v.15, n.1, p. 21-16, mar. 1999.

CARACCIO, Mãe Mônica. Amaci abre a mente, alma e o espírito. 2012. Disponível em: <<http://www.minhaumbanda.com.br/blog/?p=5906>>. Acesso em 06 jun. 2015.

CARVALHO, Marcela Melo de. A importância da obra bastidiana para os estudos históricos acerca da experiência religiosa afro-brasileira na América colonial portuguesa. **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**: Maringá (PR), v. 1, n. 3, 2009.

CASTAÑEDA, Carlos. **A erva do diabo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A, 2011.

CASTELLUCCI, Simone; LIMA, Maria; NORDI, Nivaldo; MARQUES, José. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na estação ecológica de Jataí, município de Luís Antônio/SP: uma abordagem Etnobotânica. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.3, n.1, p.51-60, 2000.

Centro Virtual de Divulgação de Estudos do Espiritismo, 2015. Disponível em: <<http://www.cvdee.org.br/em/em03.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2015

COSTA, Hulda Silva Cedro da. **Umbanda, uma religião sincrética e brasileira**. 2013. 175 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Ciências da Religião. 2013.

CROW, W. B. **Propriedades ocultas das ervas e plantas: seu uso mágico e simbolismo astrológico, o ritual das plantas e suas poções mágicas.** 1ª ed. São Paulo: Hemus, 1980.

DALL'IGNA, Marta Beatriz Santos. Iconografia da arte indígena guarani e kaingang do Sudoeste do Paraná: propósito para memória das minorias étnicas. Ponta Grossa: **IX Simpósio Internacional do Processo Civilizador**, 2014.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira; SILVA, Viviane Capezzuto Ferreira da; FIGOLS, Francisca Aida Barbosa; ANDRADE, Daniela. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** São Paulo: MMA-NUPAUB, 1999.

EYIN, Pai Cido de Òsun. **Acaçá, onde tudo começou: histórias, vivências e receitas das cozinhas de candomblé.** 1 ed, São Paulo: Arx, 2002.

FERRETTI, Sérgio. Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil: modelos limitações e possibilidades. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro (RJ), v.6, n.11, p.13-26, jul. 2000.

FLEURY, Maria Tereza Leme. Gerenciando a diversidade cultural: experiências de empresas brasileiras. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo (SP), v.40, n.3, p.18-35, set. 2000.

FRANÇA, Tereza Luíza de. **Educação-Corporeidade-Lazer: saber da experiência cultural em prelúdio.** Natal: UFRN, 2003. Tese (Doutorado). Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2003.

GANDOLFO, Elina Serena. **Etnobotânica e urbanização: conhecimento e utilização de plantas de restinga no distrito do Campeche (Florianópolis, SC).** 2005. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós- Graduação em Biologia Vegetal, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC), 2005.

GASPAR, Lucia. A medicina popular. 2003. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=732:medicina-popular&catid=48:letra-m&Itemid=195>. Acesso em: 06 jun. 2015.

GEILFUS, Franz. **80 Herramientas para el desarrollo participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo y evaluación.** 8ª ed. San José: IICA, 2009.

GHORBANI, Abdolbaset. Studies in pharmaceutical ethnobotany in the region of Turkmen Sahra, North of Iran (part 1): general results. **Journal of Ethnopharmacology**, v.102, p.58-68, 2005.

GIRALDI, Mariana. **Uso e Conhecimento Tradicional de Plantas Medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC, Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (xxx), Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

GOMES, Heloisa Helena Sucupira; DANTAS, Ivan Coelho; CATÃO, Maria Helena Chaves de Vasconcelos. Plantas medicinais: sua utilização nos terreiros de Umbanda e candomblé na zona leste de cidade de Campina Grande-PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, vol. 3, n.1, p. 110-128, 2008.

GOMES, Marcelo Bolshaw. Jurema Rainha. Disponível em: <<http://www.xamanismo.com.br/Poder/SubPoder1189634475It008Ps001>>. Acesso em 07 jul. 2014.

GOREINSTEIN, Maurício Romeiro; BECHARA, Fernando Campanhã; ESTEVAN, Daniela Aparecida; SGARBI, Ana Suelem; GALLO, Iris Cristina. Estrutura e diversidade arbórea na trilha ecológica da UTFPR, campus Dois Vizinhos através do método de quadrantes. In: Seminário de Sistemas de Produção Agropecuária-Ciências Agrárias, Animais e Florestais, 2010. **SEER**, Dois Vizinhos.

GUEDES, Rejan Rodrigues; PROFICE, Sheila Regina; COSTA, Elenice; BAUMGRANTZ, José Fernando; LIMA, Harold Cavalcante. Plantas utilizadas em rituais afro-brasileiros no Estado do Rio de Janeiro — um ensaio Etnobotânico. *Rodriguésia*, V. 37, N. 63, p. 3-9, 1985.

GUESSER, Adalto H. A etnometodologia ea análise da conversação e da fala. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 1, n. 1, p. 149-168, 2003.

HAMMER, Ø.; HARPER, D.A.T.; Ryan, P.D. PAST: Paleontological Statistics Software Package for Education and Data Analysis. *Palaeontologia Electronica*, v.4, n.1, p.9, 2001.

HANAZAKI, Natalia; TAMASHIRO, Jorge Y; LEUTÃO-FILHO, Hermógenes.; BEGOSSI, Alpina. Diversity of plant uses in two Caicara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, n.9, p. 597–615, 2000.

HAVERROTH, Moacir. **Etnobotânica, uso e classificação dos vegetais pelos Kaingang**. 1 ed. Recife: Nupeea/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2007.

HAVERROTH, Moacir. **O contexto cultural das doenças diarreicas entre os Wari', estado de Rondônia, Brasil**: interface entre a antropologia e saúde pública. Dissertação (Doutorado), ENSP/ Fiocruz. Rio de Janeiro, 2004.

HEWLETT, Berry; CAVALI-SFORZA, Luigi Luca. Cultural transmission among Aka Pygmies. **American Anthropologist**, p. 922-934, 1986.

HISTÓRIA Viva: Grandes Religiões 6: Cultos Afros. 1. ed, São Paulo: DUETTO, 2001.

HOFBAUER, Andreas. Dominação e contrapoder: o candomblé no fogo cruzado entre construções e desconstruções de diferença e significado. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n.5, p. 37-79, 2011.

Instituto Agronômico do Paraná, 2015, p.1. Disponível em: <<http://www.iapar.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=863>>. Acesso em: 25 mai. 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2014, p.1. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=410720&idtema=91&search=parana|dois-vizinhos|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2014, p.1. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=410754&idtema=91&search=parana|espigao-alto-do-iguacu|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2014, p.1. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=411850&idtema=91&search=parana|pato-branco|censo-demografico-2010:-resultados-da-amostra-religiao->>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

JORGE, Érica Ferreira Cunha; RIVAS, Maria Elise. A identidade das religiões afro-brasileiras. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 12, n. 1, 2011.

JUÁREZ-VÁZQUEZ, Maria del C; CARRANZA-ÁLVAREZ, Candi; ALONSO CASTRO, Angel Josabad; GONZÁLEZ-ALCARAZ, Violeta; BRAVO ACEVEDO, Eliseo; CHAMARRO-TINAJERO, Felipe Jair; SOLANO, Eloy. Ethnobotany of medicinal plants used in Xalpatlahuac, Guerrero, México. **Journal of Ethnopharmacology**, v.148, p.521-527, 2013.

KADIR, Mohammad Fahir; SAYEED, Muhammad Shahdaat Bin; MIA, M.M.K. Ethnopharmacological survey of medicinal plants used by indigenous and tribal people in Rangamati, Bangladesh. **Journal of Ethnopharmacology**, v.144, p.627-637, 2012

LIMA, Marina de Sá Costa; SILVA, Washington Luis de Souza da; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Plantas místico-religiosas em rituais da nação Xambá e na Umbanda. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; ALMEIDA, Cecília de Fátima; MARINS, Joelma de Fátima. **Tópicos em conservação, etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais e mágicas**. Recife: NUPEEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005, p. 77-99.

LIPORACCI, Heitor Suriano Nascimento. **Plantas medicinais e alimentícias na Mata Atlântica e Caatinga: uma revisão bibliográfica de cunho etnobotânico**. 2014. 328 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

LORENZI, Harri. & MATOS, Abreu. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª ed, Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2008, 544 p

LÓS, Daiana Wilma da Silva; BARROS, Rubens Pessoa de; NEVES, Jhonatan David Santos das. Comercialização das plantas medicinais: um estudo etnobotânico nas feiras livres do município de Arapiraca- AL. **Revista de Biologia e Farmácia**, vol. 07, n.02, p. 38-129, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99 p.

MACHADO, Lizandre Maria Lins. **Etnometodologia abordagem metodológica de estudos na formação de professores: leitura de olhares curiosos**. ENDIPE, Campinas, 2012.

MACIEL, Marcia Regina Antunes; NETO, Gurarim. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém**, v.2, n.3, p.61-77, 2006.

MARTINS, Ernanie Ronie. **Plantas medicinais**. Viçosa: Editora UFV: Universidade Federal de Viçosa, 2000.

MATORY, J. Lorand. Jeje: repensando nações e transnacionalismo. **Mana**, vol.5, n.1, p. 57-80, Rio de Janeiro, 1999.

MIRANDA, Antônio. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ciência da Informação**. GO, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000.

MONDARDO, Marcos Leandro. Os caboclos no Sudoeste do Paraná: de uma “sociedade autárquica” a um grupo social excluído. **História em Reflexão**. Dourados (MS), v. 2, n.3, p. 1-23, jun. 2008.

MONTELES, Ricardo; PINHEIRO, Claudio Urbano. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. PA, v.7, N.2, p.38-48, 2007.

MAYCOT, Édina. **Caminhos da história itapejareense**. 1 ed. Logoart: Pato Branco, 2001.

MUELLER-DUMBOIS, Dieter; ELLENBERG, Heinz. **Aims and methods vegetation ecology**. New York: John Wiley e Sons, 1974.

NOVAIS, Jonathan Vieira. **Uso de plantas nos cultos afro-brasileiros no Distrito Federal e entorno**. 2006. 186 f. Monografia de Conclusão de Curso – Faculdades Integradas da Terra de Brasília. Recanto das Emas, 2006.

OLIVEIRA, AKM; OLIVEIRA, N.A; RESENDE, U.M; MARTINS, P.F.R.B, Ethnobotany and traditional medicine of the inhabitants of the Pantanal Negro sub-region and the raizeiros of Miranda and Aquidauna, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, v.71, n.1 (suppl.), p. 283-289, 2011.

OLIVEIRA, Flávia de Camargo; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; KRUEL, Viviane Stern da Fonseca; HANAZAKI, Natalia. Avanço nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Revisão**, 2009.

OLIVEIRA, José Henrique Motta. **Das macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira**. Limeira: Editora do Conhecimento, 2008.

OLIVEIRA, José Henrique Motta. Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise do discurso dos intelectuais de umbanda durante o Estado Novo. **CAOS**. Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n.14, p.60-85, 2009.

OLIVEIRA, Ricardo Moreira. Rituais aos Mortos da Tradição do Batuque e do Candomblé. **Habitus**. Goiânia-GO, v.10, n.2, p.259-270, 2012.

OXALÁ, Ilê Axé. Curso de introdução ao candomblé. Disponível em <http://www.lendas.orixas.nom.br/classificados/ebooks/013_cursodeintroducaoocandomble.pdf>. Acesso em 07 de jul. 2014.

PARELLADA, Cláudia Inês. **Vida indígena no Paraná: memória, presença, horizontes**. 21ª ed. Curitiba: PROVOPAR, 2006.

PARENTE, Cláudio Ernesto Taveira; DA ROSA, Maria Mercedes Teixeira. Plantas comercializadas como medicinais no Município de Barra do Piraí, RJ. **Rodriguésia**, p. 47-59, 2001.

Pato Branco, 2014. O município. Disponível em: <<http://patobranco.pr.gov.br/o-municipio/>> Acesso em 05 jul. 2014.

Patrimônio Cultural, 2015, 2015, p.1. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=175>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

PERY, Iassan Ayporê. **Umbanda: mitos e realidade**. Niterói: Centro Espiritualista Caboclo Pery, 2008.

PINTO, Erika Paula Pedro; AMOROZO, Maria Cristina de Melo; FURLAN, Antônio. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica - Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 20 n.4, p. 751-762, 2006.

PORSCH, Juliano. **Saberes da natureza e o conhecimento etnobotânico indígena: o caso da comunidade Kaingang na terra indígena do Guarita**. 63 f. Dissertação (TCC), Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural Plageder. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Três Passos, 2011.

Portal Dois Vizinhos, 2014. Dados Gerais. Disponível em: <http://www.portaldoisvizinhos.com.br/municipio_dadosgerais.asp>. Acesso em 05 jul. 2014.

PORTO, Filipe Ribeiro Cardoso; SILVA, Jacionira Coêlho. Etnobotânica e uso medicinal da pimenta malagueta (*Capsicum frutescens* L.) pelos horticultores e consumidores da horta comunitária da Vila Poty, Teresina, Piauí, Brasil. **Revista FSA**. Teresina, v.1, n.9, 2012.

POSEY, D. A.. Etnobiologia: teoria e prática. **Vozes**, Petrópolis, v.2 p.15-25, 1987.

Povos Indígenas no Brasil, 2015, p.1. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-mbya>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

Povos Indígenas no Brasil, 2015, p.1. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e Umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 18, n.52, p. 223-238, dez. 2004.

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessas do Brasil. In: PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do axé**. São Paulo: Hucitec, p. 139-164, 1996.

Priberam, Dicionário, 2015, p.1. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/xam%C3%A3>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo (SP), v.1, n.1, p. 18-31, 1989.

QUINLAN, Marsha. Considerations for collecting freelists in the field: exemples from ethnobotany. **Fiel Methods**, v.17, n. 3, p.219-234, 2005.

REI, Babalorixá Osvaldo de Exu. **Exu na Lei da Kimbanda**. 1 ed, 2001.

RODRIGUES, Eliana. Plants and Animals Utilized as Medicines in the Jaú National Park (JNP), Brazilian Amazon. **Phytotherapy research**, v.20, p. 378–391, 2006.

RODRIGUES, Valéria Evangelista Gomes; CARVALHO, Douglas Antônio. Florística de Plantas Medicinais nativas de remanescentes de Floresta Estacional Semidecidual na região do Alto Rio Grande – Minas Gerais. **Cerne**, Lavras, v. 14, n. 2, p. 93-112, 2008.

ROHDE, Bruno Faria. Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. **Revista de Estudos da Religião**, Bahia, v.1, n1, p. 77-96, mar. 2009.

ROHLF, James . Adaptative hierarchical clustering schemes. **Syst. Zool.**, v. 19, n. 1, p. 58-82, 1970.

SANGIRARDI. Os índios e as plantas alucinógenas. Disponível em: <<http://www.xamanismo.com.br/Poder/SubPoder1189634475It003>>. Acesso em 07 jul. 2014.

SARACENI, Rubens. **A magia divina das sete ervas sagradas**. 2 ed. São Paulo: Madras, 2012.

SARACENI, Rubens. **Doutrina e teologia de Umbanda sagrada**. 1 ed. São Paulo: Madras, 2013.

SARACENI, Rubens. **Tratado geral de Umbanda**: compêndios simplificado de teologia de Umbanda, a religião dos mistérios de deus. 1 ed. São Paulo:Madras, 2005.

SARGIN, Seyid Ahmet; AKÇICEK, Ekrem; SELVI,Selami. An ethnobotanical study of medicinal plants used by the local people of Alaşehir (Manisa) inTurkey. **Journal of Ethnopharmacology**, v.150, p.860-874, 2013.

SCHARUF, Robert W; SANCHEZ, Julia. Age effects and sample size in free listing. **Field Metods**, v. 22, n.1, p.70-87, 2010.

SCHILLING, Ana Cristina; BATISTA, João Luis Ferreira. Curva de acumulação de espécies e suficiência amostral em florestas tropicais. **Revista Brasil**, Botucatu, v. 31, n.1, p.179-187, 2008.

SERAFIM, Vanda Fortuna. Nina Rodrigues, deuses e hierofanias para além da histeria. **GP-Religiões Afro-brasileiras e Kardecismo**, n.1, 2007.

SERRA, Ordep; VELOSO, Eudes; BANDEIRA, Fabio; PACHECO, Leonardo. **O mundo das folhas**. Salvador: JESSA, 2002.

SILVA, Valdeline Atanasio da; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Etnobotânica xucuru: espécies místicas. **Biotemas**, Recife (PE), v. 15, n.1, .p 45-57, 2002.

SILVA, Daiana Dar da; FRANÇA, Ednara Crysmine Oliveira. **Plantas que curam**: eficácia simbólica na religiosidade popular. UEPA, 2007.

SILVA, Ornato José da. **Ervas Raízes Africanas**. Rio de Janeiro:Rabaço, 1988.

SILVA, Tatiane Maria Araújo; SANTOS, Valéria Verônica; ALMEIDA, Argus Vasconcelos. Etnobotânica histórica da Jurema do nordeste brasileiro. **Etnobiología**, México, v. 8, n. 1, p. 1-10, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. 2 ed. São Paulo: Selo Negro, 2014.

SIVASANKARI, Balayogan; PITCHAIMANI, Subburaj; ANANDHARAJ, Marimmuth. A study on traditional medicinal plants of Uthapuram, Madurai District, Tamilnadu, South India. **Asian Pacific Journal of Tropical Biomedicine**, v.3, n.12, p. 975-979, 2013.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**. Petrópolis: Vozes, 1988

SOUZA, Alba ; BRITO. Antônio . Forty years of brasilian medicinal plant research. **Journal Ethnopharmacology**, v.38, n.53, 1993, p. 35-67.

TURNER, N. J. The imporrance of a rose: evaluating the cultural significance of plants in Thompson and Lillooet interior Salish. **American Antropologist**, v.90, p.272-290, 1988.

ULLAH, Manzom; KHAN, Muhammad Usman; MAHMOOD, Adeel; MALIK, Riffat Naseem; HUSSAIN, Majid; WAZIR, Sultan Mehmood; DAUD, Muhammad; SHINWARI, Zabta Khan. An ethnobotanical survey of indigenou medicinal plants in Wana district south Waziristan agency, Pakistan. **Journal of Ethnopharmacology**, v.150, p.918-924, 2013.

UMBANDA, 2014. Disponível em: <<http://www.daemon.com.br/wiki/index.php?title=Umbanda>> . Acesso em: 07 jul. 2014.

URBANO JÚNIOR, Helvécio de Resende. **Manual mágico de kabbala prática**. 1 ed. São Paulo: Madras, 2011.

VENDRUSCOLO, Giovana Secretti; MENTZ, Lilian Auler. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. **Ilheringia**, v.61, n.1-2,p.83-103, 2006

WASHINGTON, D. C. **Ecosystems and human well-being: biodiversity synthesis**. Island Press, 2005.

YAGUNÃ, Dalzira Maria Aparecida. **Templo religioso, natureza e os avanços tecnológicos: os saberes do candomblé na contemporaneidade**. 2013. 160 f. Dissertação (Mestrado) –

Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

ZANK, Sofia. **O conhecimento sobre plantas medicinais em unidades de conservação de uso sustentável no litoral de SC: da etnobotânica ao empoderamento de comunidades rurais.** 2011. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

ZANK, Sofia; PERONI, Nivaldo; ARAÚJO, Elcida Lima; HANAZAKI, Natalia. Local health practices and the knowledge of medicinal plants in a Brazilian semi-arid region: environmental benefits to human health. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.11, n.11, 2015.

Apendice A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: Etnobotânica dos Cultos Afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná: A Importância das Plantas na Construção da Identidade Cultural

Pesquisador: Jean Filipe Favaro, Rua 18 de Novembro apto.305. (46) 91370667

Orientador Responsável: Professor Dr. Joel Donazzolo

Local de realização da pesquisa: Municípios de Pato Branco e Dois Vizinhos

O estudo de que você está convidado a participar é parte de uma série de pesquisas sobre o conhecimento que você tem do uso de plantas em sua religião, seja para alimentação, construção de artefatos, banhos de descarga, defumações, medicina, ou outros usos. Ressaltamos que esta pesquisa não visa nenhum benefício econômico para o pesquisador ou qualquer outra pessoa e instituição. É um estudo coordenado pela a Universidade Tecnológica Federal do Paraná campus Dois Vizinhos, e será utilizado para escritas acadêmicas de Trabalho de Conclusão de Curso e publicação de artigos científicos, nos quais será resguardada a identidade dos participantes, bem como em outras partes ou comunicações do projeto. Os participantes dessa pesquisa devem ser sacerdotes de cultos afro-brasileiros maiores de 18 anos, não podendo ter menos de 5 anos de iniciação. O estudo emprega técnicas de entrevistas e conversas informais, bem como observações diretas, sem riscos de causar prejuízo aos participantes, exceto um possível constrangimento com as perguntas ou presença do pesquisador. Caso você concorde em tomar parte nesse estudo, será convidado a participar da entrevista para listar as plantas que você conhece e usa em sua crença. Caso seja de sua concordância, lhe será solicitado para mostrar as plantas e coletar partes das mesmas para a correta identificação. Concluído o estudo, não haverá maneira de relacionar seu nome com as informações que você nos forneceu. Se for de vosso interesse, qualquer informação sobre os resultados do estudo lhe será fornecida quando este estiver concluído. Você tem total liberdade para se retirar do estudo a qualquer momento. Ressaltamos que não está prevista qualquer forma de ressarcimento ou indenização para o informante. Caso concorde em participar, assine, por favor, seu nome abaixo, indicando que leu e compreendeu os objetivos do estudo e que todas as suas dúvidas foram esclarecidas. Uma cópia deste documento lhe será fornecida.

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que os pesquisadores relacionados neste documento obtenham fotografia ou gravação de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/ educacional. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma. As fotografias e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome completo: _____ RG: _____

Data de Nascimento: ___/___/___ Telefone: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____

Data: ___/___/___

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: _____ Data: _____

Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Joel Donazzolo, via e-mail: joel@utfpr.edu.br ou telefone: 46 3536 8428.

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

REITORIA: Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail: coep@utfpr.edu.br

OBS: este documento deve conter duas vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao sujeito de pesquisa.

Apêndice B- Questionário Socioeconômico para Sacerdotes de Cultos de Afro-brasileiros

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Campus Dois Vizinhos

Trabalho de Conclusão de Curso

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO PARA SACERDOTES DE CULTOS AFRO-BRASILEIROS

Data: __/ __/ __

1. Idade: Sexo: Estado Civil:

2. De onde veio? Qual o motivo de morar nessa cidade ?

3. Descendência étnica:

4. Religião:

5. Nível de escolaridade:

6. Área de formação acadêmica (se houver):

7. Profissão:

8. Fonte de renda:

9. Tempo de iniciação:

10. Local de iniciação:

Apêndice C- Roteiro de Entrevista Semi-estruturada para Sacerdotes de Cultos Afro-brasileiros

1. Grau de importância das plantas e da natureza para si próprio. De que maneira essa peculiaridade influencia na vida cotidiana?
2. Qual a ligação entre crença e os vegetais ?
3. A sua crença, baseada na utilização de vegetais, influencia na sua percepção de mundo, convívio social e na construção de valores morais? De que maneira ?
4. Quais são as plantas empregadas de forma mágico-religiosa ? E qual a parte da planta utilizada ?
5. Qual a entidade espiritual que rege a planta e a parte da planta segundo a crença (se houver) ?
6. Qual a aplicação dentro do culto de cada parte das plantas citadas ?
7. Qual o guia espiritual regente do templo ? Essa regência altera a ordem e o procedimento na aplicação dos vegetais dentro do culto ?
8. De que maneira são/foram adquiridos estes conhecimentos?
9. Como o culto é conduzido?
10. Qual a razão de ser praticante?
11. Já sofreu alguma forma de preconceito social em razão de sua prática religiosa?
12. Diante da sociedade você assume sua crença ou a omite por motivos particulares?
13. O gênero sexual influencia em algo na prática do culto? Se sim, na utilização dos vegetais também?

APÊNDICE D- Lista de Espécies Herborizadas

Alternanthera brasiliana (L.) Kuntze: Penicilina
Baccharis trimera (Less) DC.: Carquejo
Campomanesia xanthocarpa O.Berg.: Guavirova
Coffea arabica L.: Café
Cola acuminata (P. Beauv.) Schott & Endl.: Obi
Dieffenbachia seguine (Jacq.) Schott.: Comigo-ninguém pode
Dioscorea alata L. : Inhame grande
Dracaena fragrans (L.) Ker Gawl.: Macaça peregum
Eugenia uniflora L.: Pitanga
Jatropha curcas L.: Pinhão-roxo
Kalanchoe pinnata (Lam.): Folha da fortuna
Illicium verum Hook.: Anísio estrela
Microgramma vacciniifolia (Langsd. & Fisch.) Copel.: Cipó-peludo/Erva-de-boiadeiro
Milicia excelsa (Welw.) C.C. Berg.: Iroko
Ocimum basilicum L.: Alfavaca/Manjeriço
Peperomia pellucida (L.): Oriri
Pereskia aculeata Mill.: Unha-de-gato
Petiveria alliacea L.: Guiné
Petroselinum sativum Hoffm.: Salsa
Piper umbellatum L.: Pariparova
Plantago major L.: Tanchais
Plectranthus barbatus Andr.: Boldo
Ruta Graveolens L.: Arruda
Sansevieria trifasciata Prain.: Espada de São Jorge

APÊNDICE E- Distância de Similaridade Entre os 13 Informantes

Tabela 03: Análise de similaridade com coeficiente de Jaccard para os 13 sacerdotes de cultos afro-brasileiros na Região Sudoeste do Paraná, de acordo com a presença e ausência das espécies botânicas listadas a partir de uma repetição (N=61)

	#AC3/ PB/M	#AU5/ PB/F	#CU12/ PB/M	#CC9/ PB/F	#MU4/ PB/F	#JU2/P B/F	#MU11 /PB/F	#MU8/ DV/F	#MU13 /PB/F	#NC10/ PB/M	#PU7/ EA/M	#VU6/ DV/M	#VU1/ DV/F	Médias
#AC3/P B/M	13%	13%	21%	18%	15%	27%	27%	16%	28%	20%	15%	11%	19%	
#AU5/P B/F	13%		19%	38%	31%	22%	21%	33%	29%	28%	9%	17%	10%	22%
#CU12/ PB/M	13%	19%		29%	25%	23%	9%	22%	23%	14%	6%	24%	19%	19%
#CC9/P B/F	21%	38%	29%		35%	36%	25%	25%	26%	16%	11%	22%	22%	26%
#MU4/P B/F	18%	31%	25%	35%		27%	21%	21%	28%	17%	12%	23%	0%	21%
#JU2/P B/F	15%	22%	23%	36%	27%		21%	20%	15%	17%	24%	30%	17%	22%
#MU11/ PB/F	27%	21%	9%	25%	21%	21%		32%	19%	16%	23%	18%	6%	20%
#MU8/ DV/F	27%	33%	22%	25%	21%	20%	32%		37%	11%	10%	17%	7%	22%
#MU13/ PB/F	16%	29%	23%	26%	28%	15%	19%	37%		19%	13%	21%	9%	21%
#NC10/ PB/M	28%	28%	14%	16%	17%	17%	16%	11%	19%		11%	13%	12%	17%
#PU7/E A/M	20%	9%	6%	11%	12%	24%	23%	10%	13%	11%		25%	3%	14%
#VU6/D V/M	15%	17%	24%	22%	23%	30%	18%	17%	21%	13%	25%		6%	19%
-	11%	10%	19%	22%	0%	17%	6%	7%	9%	12%	3%	6%		10%
Médias	19%	22%	19%	26%	22%	22%	20%	22%	22%	17%	14%	19%	10%	19%